Dízimo

João Bosco Costa Vieira

Segunda Edição Ampliada

Dízimo

JOÃO BOSCO COSTA VIEIRA

Segunda Edição
Com explicações adicionais
2015

dizimo@hotmail.com

FICHA CATALOGRÁFICA

VIEIRA, João Bosco Costa

Dízimo. PerSe, Inc. – www.perse.com.br

2 Ed. Fortaleza – CE; 2015.

1. Dízimo ; 2. Aliança; 3. Amor.

Agradecimentos

A Deus, que me permitiu chegar até aqui somente por sua misericórdia e amor, e por ter me dirigido os passos na elaboração de todo este conteúdo.

A minha esposa e meus filhos que durante muitos dias abriram mão de meu auxílio e companhia para que este trabalho pudesse ser elaborado.

A todos os demais irmãos que contribuíram de diversas formas, intercederam e aguardaram o término desta obra. Deus recompense o amor e a ajuda que me propiciaram.

Sumário

INTRODUÇÃO 09

1. O DÍZIMO ANTES DA LEI MOSAICA 13

2. O DÍZIMO DURANTE A LEI MOSAICA 31

3. AS ALIANÇAS 61

4. O DAR NA NOVA ALIANÇA 89

CONCLUSÃO 129

REFERÊNCIAS 133

Prefácio

Este livro apresenta, a partir da introdução, o conteúdo integral de minha monografia intitulada “Dízimo” e apresentada no término do Bacharelado em Teologia. A linguagem impessoal do texto e suas divisões obedecem a regras acadêmicas, o que diferencia esta obra de um livro comum.

Decidi prefaciar a obra com o intuito de passar ao leitor alguns esclarecimentos sem alterar o conteúdo do texto original.

Muitas pessoas me disseram que este conteúdo só deveria ser apresentado a pessoas maduras, pois os imaturos poderiam assimilar de forma inadequada os ensinos aqui contidos. Infelizmente muitas igrejas, que deveriam ensinar o tema de forma sadia, não o fazem.

A igreja poderia ensinar de forma gradual o assunto de acordo com o amadurecimento do fiel. Ocorre, entretanto, que a maioria dos líderes insiste em apresentar um ensino equivocado do tema, o que nos obriga disponibilizar ao público em geral um ensino bíblico sadio sobre o assunto “dízimo”.

Esta obra foi realizada na total dependência do Espírito Santo, e seu conteúdo deve ser analisado pelo leitor à luz da Bíblia Sagrada, para que haja a firme convicção de que estamos apenas aprendendo com mais cuidado o que a Bíblia nos apresenta, não sendo, de forma alguma, as conclusões aqui apresentadas novidades ou manias teológicas inventadas pelo autor.

Monografia é um trabalho acadêmico que precisa ser fundamentado nos posicionamentos de outros autores, o que explica a presença de muitas citações, inclusive de conhecidos homens de Deus, como Charles Spurgeon, John MacArthur e Augustus Nicodemus Lopes. As palavras destes e dos demais autores citados ajudam na compreensão do ensino bíblico sadio sobre o assunto.

Esta segunda edição acrescentou pequenas explicações em alguns trechos e na conclusão, sem excluir nada da primeira edição.

O autor.
Fortaleza (CE), julho de 2015

Introdução

Esta obra é uma pesquisa bibliográfica sócio-histórica-crítica e teológica que o autor, sob a sua ótica, busca em toda a Bíblia Sagrada e em obras e pregações de autores cristãos o conhecimento do real ensino bíblico sobre o dízimo, sobre o dinheiro e seu respectivo uso no sustento da obra de Deus, e ainda busca, na História da Igreja, conhecer as origens deste ensino do dizimar na comunidade cristã, para que se saiba em que circunstâncias esta doutrina floresceu.

A finalidade deste trabalho é conclamar os cristãos ao conhecimento bíblico sobre o assunto para que os mesmos vivam a sã doutrina. Fazer a vontade de Deus deve ser a meta primordial e, para se cumprir esta vontade, é imprescindível o conhecimento pleno deste assunto à luz da Bíblia Sagrada.

Encontra-se em todo este conteúdo o objetivo claro de se contribuir às instituições evangélicas contemporâneas no contexto teológico, bíblico, doutrinário e histórico, ao trazer o conhecimento bíblico do dízimo antes da Lei Mosaica em seu primeiro capítulo; o conhecimento dos dízimos bíblicos instituídos pela Lei Mosaica no segundo capítulo; o conhecimento das alianças feitas por Deus com os homens no terceiro capítulo; no quarto capítulo, o conhecimento do ensino bíblico sobre o dar na Nova Aliança, o sustento da obra e sobre as origens do dízimo pregado atualmente.

No contexto social, esta obra busca contribuir com os menos favorecidos, tanto os perdidos no mundo quanto os domésticos da fé, ao relembrar biblicamente à igreja de que sua prioridade e personalidade eram marcadas em seus primórdios pelo amor a Deus e ao próximo, pelo cuidado com os pobres e com os irmãos mais necessitados.

Ainda hoje a vontade do Senhor é que seus filhos sejam reconhecidos de todos por este amor, não por um amor que dá 10% de seu salário devido ao medo de uma maldição ou de ser condenado como ladrão, mas um amor que antes se entrega completamente tal como Cristo se entregou não a uma instituição religiosa, mas a Deus e a seus irmãos.

É primordial o conhecimento do que é o dízimo à luz da Bíblia, pois a incompreensão do mesmo tem gerado grandes prejuízos na igreja, incluindo até o absurdo informado na obra de Croteau (2010, p. 1-2) de que mulheres na África estavam se prostituindo para pagar seus dízimos com o pleno conhecimento do clero!

O autor visa humildemente a suprir, mesmo que de forma resumida e limitada, esta carência de conhecimento sobre o assunto, estando o mesmo ciente da dificuldade de se demonstrar uma linha doutrinária contrária ao entendimento da imensa maioria da comunidade cristã.

John MacArthur, pastor de renome internacional, e Augustus Nicodemus Lopes, pastor respeitado nacionalmente e chanceler da Universidade Mackenzie, são dois dos servos de Deus cujas citações compõem esta obra conjuntamente com alguns nomes de destaque na História do Cristianismo, como Martinho Lutero e o chamado “Príncipe dos Pregadores”, Charles Spurgeon.

O dízimo é graça. O seu dízimo é um ato de adoração a Deus. O dízimo bíblico é dez por cento de seu salário. Se você não der seu dízimo, está roubando a Deus.

Todas estas frases possuem duas características em comum. A primeira é que elas, ou leves variações das mesmas, são proferidas em quase todas as igrejas do mundo. A segunda característica é que nenhuma delas pode ser ensinada como uma doutrina bíblica para os cristãos e, após o estudo do assunto tema deste trabalho, a conclusão óbvia será que elas, quando analisadas pelo prisma da Nova Aliança, não passam da mera opinião pessoal de seus autores.

Muitos afirmam que quem estuda Teologia esfria na fé e se desvia da igreja. De fato, o que ocorre é que, ao estudar Teologia, muitos têm uma grande decepção ao perceberem, no estudo da Bíblia, que algumas doutrinas ensinadas como verdade absoluta não passam da mais pobre falácia construída sobre tradições humanas, falta de conhecimento bíblico ou interesses escusos. Estes ensinos encontram solo fértil nos líderes que não se aprofundam no conhecimento das Sagradas Escrituras. Sem o conhecimento, como o líder pode aferir se uma doutrina é bíblica?

Cabe ao teólogo ter a responsabilidade de só ensinar doutrinas biblicamente fundamentadas e alertar aos líderes de seus

equívocos doutrinários. Ele deve cumprir esta missão mesmo diante dos riscos de se mexer na “zona de conforto doutrinário” de uma congregação.

É óbvio que o alertar a liderança requer certas condições. É primordial que haja uma linha aberta de diálogo e o real interesse na análise bíblica dos diversos questionamentos. Estas condicionantes são fundamentais para que este teólogo possa cumprir bem sua missão.

A igreja, quando mencionada negativamente nesta obra, não é a Noiva de Cristo que será levada por seu Mestre. A igreja cujas mazelas e enganos são mencionados é a instituição religiosa, ou o grupo de pessoas que não prioriza o buscar viver de forma cristã, a que afirma ser ela cristã, mas apresenta ao mundo um testemunho reprovável.

Os líderes são mencionados diversas vezes de forma negativa, mas esta obra avalia acima de tudo a atitude do clero de uma forma geral e não a pessoa em si ou qualquer pastor especificamente, já que as posturas sobre o assunto aqui descritas encontram-se disseminadas em grande parte da comunidade evangélica.

Muito embora existam lobos disfarçados de ovelhas que visam apenas ao lucro desenfreado, o autor desta obra acredita que existem servos de Deus sérios que buscam apresentar ao Senhor um serviço excelente no cuidar de ovelhas e na pregação das boas novas. Muitos infelizmente adotaram de boa fé uma postura sobre o dízimo que é certamente equivocada em virtude de não conhecerem a sã doutrina. Eles nunca sequer perceberam a menor necessidade de estudarem mais profundamente o assunto, sendo os mesmos isentos de qualquer acusação de estarem com atitude maliciosa no exercício de suas funções eclesiásticas, muito pelo contrário.

Se porventura alguma autoridade eclesiástica sentir-se ofendida pelo tom de indignação contido em alguns comentários, recomenda-se que a mesma compreenda que esta indignação advém de um zelo similar ao de Jesus quando ele expulsou com um chicote os cambistas do templo. A força contida nos argumentos destina-se, em sua essência, àqueles que porventura estejam a exigir o dizimar mesmo estando cônscios de que esta prática não

possui nenhuma fundamentação bíblica para que seja exercida na Nova Aliança.

Existem alguns questionamentos muito importantes que precisam das respostas de cada um durante a leitura desta obra. É lícito ensinar algo aparentemente bom e lógico mesmo que ele não seja bíblico? Deus aprova a condução de um cristão a uma prática que não é ensinada na Bíblia mesmo que ela traga recursos financeiros para a obra e que seja entendida por este cristão como um ato de gratidão? Você continuará a misturar o ensino de alianças distintas mesmo depois de compreender na Palavra de Deus que esta prática é errada?

Cabe a cada leitor a disposição de abrir o coração para ler e estudar calmamente todo este conteúdo em constante oração sem, contudo, estar vestido com uma armadura de pressupostos que queiram suplantar a suprema autoridade da Bíblia Sagrada.

Este trabalho segue uma sequência lógica, sendo recomendada a leitura de todo o seu conteúdo na sequência em que se encontra, para que seja possível ao leitor a real compreensão da linha de raciocínio que o autor procura transmitir, não sendo assim recomendada a leitura de trechos isolados, o que comprometeria este entendimento.

1. O dízimo antes da Lei Mosaica

Partindo da premissa de que o homem tem a necessidade de sentir-se seguro em relação aos outros seres vivos, aos fenômenos naturais e ainda em relação ao divino e ao desconhecido, percebe-se na história da humanidade a existência de alguns princípios que moldam os conceitos que o homem tem de si próprio e de tudo que existe a sua volta. Estes conceitos concedem ao mesmo as condições para que se busque uma vida em harmonia com a realidade na qual ele está inserido. Champlin (2006, v. 5, p. 388) explica uma faceta da palavra "princípios":

A palavra "princípios" também pode ser aplicada àquelas proposições primitivas que expressam verdades presumíveis, e sobre as quais os sistemas são edificados. Esses primeiros princípios são tão básicos que não precisam ser sujeitados à investigação. [...] As pessoas religiosas usualmente encontram-nos entre as declarações básicas dos livros sagrados que aceitam como inspirados por Deus.

Princípios podem ainda ser compreendidos como os alicerces da verdade. Só existe uma verdade, a qual está diretamente relacionada a Deus, o criador do Universo, e que foi entregue ao ser humano como Palavra de Deus. Princípios, os verdadeiros princípios são assim os fundamentos perfeitos e imutáveis desta verdade e, assim como ela é eterna, estes se constituem em princípios eternos.

A entrega de dízimos é compreendida por muitos cristãos como um princípio eterno, ou seja, um fundamento sólido que sempre existiu, uma verdade que não precisa ser questionada, investigada, mas que deve ser aceita como uma ordem de Deus presente desde a criação do Universo. Afirmam ainda estes que nos dias atuais esta entrega significaria a obrigatoriedade de se dar dez por cento de tudo que se ganha a Deus, sendo o mesmo representado no ato do recebimento pelas instituições religiosas cristãs, as igrejas.

1.1 A falsa premissa do princípio eterno

Uma parcela considerável de cristãos advoga o dizimar (significando o ato de entregar dez por cento dos rendimentos à igreja) como sendo um princípio eterno pelo fato de haver a menção de dízimos antes da promulgação da Lei Mosaica e de que a História indica que as nações pagãs dizimavam às suas divindades, contudo:

A tradição não é automaticamente um princípio moral eterno simplesmente porque é muito antiga, muito comum e muito difundida. O fato de que o dízimo era comum no culto pagão muito antes de a Bíblia ser escrita não o torna um princípio moral. Idolatria, adoração de corpos astrológicos, sacrifício de crianças, prostituição no templo, feitiçaria e necromancia são igualmente muito antigas, muito comuns e muito generalizadas nas culturas pagãs. A prática de dar é encontrada na lei natural, mas uma porcentagem exata não é. (KELLY, 2007, p. 10, tradução nossa).

Não se deve conjecturar uma explicação sem base bíblica com o intuito de impor uma doutrina através de um texto bíblico que não a ensina de forma clara. Tal prática contradiz as regras da exegese que sempre devem orientar a busca de respostas na Palavra, como quando surge a dúvida no:

Por que Abraão deu o dízimo a Melquisedeque? Alguns dizem que ele estava seguindo um princípio eterno. Isso não poderia ser verdade, porque o próprio Deus deu instruções específicas que são diferentes em Números 31. Foi outra situação envolvendo os despojos da batalha. O sumo sacerdote tem 1/500 da metade dos despojos (um décimo de um por cento do total) e os levitas tem 1/50 da metade dos despojos (um por cento do total). (NARRAMORE, 2004, p. 26, tradução nossa).

O dízimo dado por Abraão é o primeiro evento citado quando se defende a tese de que o dízimo é um princípio eterno. É inadmissível crer que basta algo ter sido feito por Abraão para que aquela prática se constitua em um princípio eterno. Ele teve, por

falta de fé em Deus, uma relação extraconjugal criando descendência com uma serva de sua esposa. Em outra ocasião ele mandou Sara mentir por medo de ser morto. Nada disto deveria ter sido praticado. Tais fatos são provas inequívocas de que um ato não deve ser compreendido como princípio eterno simplesmente porque foi realizado por Abraão. Dizimar simplesmente porque ele dizimou também não possui qualquer fundamento bíblico.

A linha de raciocínio de que o dízimo é válido apenas por ter sido praticado de determinada forma antes da Lei não encontra subsídios quando analisada de forma detalhada no âmbito de todo o Antigo Testamento, pois:

As pessoas que ensinam que devemos dar o dízimo ensinam sobre esta base. Uma vez que o dízimo era antes de Moisés, uma vez que Abraão dizimou e Jacó dizimou antes da Lei Mosaica, o dízimo era antes de Moisés, era antes da Lei, ele é portanto para ser após a Lei. É um princípio universal, portanto, uma vez que o dízimo veio primeiro, a Lei veio no meio, e o que é universal continua depois. Assim, o dízimo é contínuo. O problema com isto é se você vai aceitar qualquer coisa de antes da Lei como norma para depois da Lei, o sábado também foi antes da Lei, certo? Então, nós temos que parar de nos encontrarmos aos domingos. Em segundo lugar, o sistema sacrificial foi iniciado com o jardim e nós vamos ter que voltar para matar animais. E eu não estou realmente certo de que esta é a idéia. [...] Agora, a Bíblia não instituiu o dízimo em Gênesis. Não há nenhuma declaração de Deus em relação ao dízimo neste momento. Ninguém disse a Abraão para dar um décimo. Ninguém disse a Jacó para dar um décimo, certamente Deus não disse. Não há nenhuma lei universal, como tal, declarada nas Escrituras. (MACARTHUR, 1975a, tradução nossa).

Croteau (2010, p. 99) contradiz este ensino de se exigir o dízimo por ser anterior à Lei:

Portanto, a existência de uma prática anterior à promulgação da Lei mosaica, bem como posterior a ela não prova necessariamente que ela deveria continuar no período da nova aliança. (tradução nossa).

Se houvesse esta obrigação ao cristão gentio para que o mesmo observasse estas práticas, certamente os escritos da Nova Aliança conteriam instruções específicas para tal.

Jerry Horner (1972, p. 177 apud CROTEAU, 2010, p. 99), analisa igualmente este fato:

O dízimo era uma prática pré-hebraica. Entretanto, esse fato em nada sugere que o dízimo é uma lei universal, eterna, possuída intuitivamente por todos os homens como resultado do projeto de Deus. A autoridade cristã e guia em todos os assuntos espirituais é o Novo Testamento, não a história antiga. (tradução nossa).

O curioso em relação à ideia de que o dizimar é um princípio eterno é a total ausência da menção do ato de dizimar no livro de Jó, conforme PARKER (2003, p. 20):

Jó não menciona uma única vez o dízimo, mas ele fala sobre muitas outras boas obras que ele fez, incluindo dar aos pobres, alimentar os órfãos e vestir os nus (Jó 31:16-20). Jó também é descrito por Deus como um homem justo que teme a Deus e evita o mal (Jó 1:8). (tradução nossa).

Nos dias de hoje, quando alguém passa por dificuldade financeira é logo questionado se tem sido fiel nos dízimos. Se dizimar fosse um princípio eterno, com certeza os amigos de Jó o teriam questionado se porventura ele fora infiel nos dízimos e ofertas, ou pelo menos Jó teria declarado sua fidelidade na defesa que apresentou perante Deus:

Agora eu lhe pergunto: se Jó fosse verdadeiramente um homem justo e dizimar era um princípio universal antes da lei, não o teria mencionado ele pelo menos quando fez a defesa de si mesmo a Deus no capítulo 31? (PARKER, 2003, p. 21, tradução nossa).

A Palavra de Deus não oferece suporte à ideia do princípio eterno, contudo ela nos apresenta um tipo de dízimo de forma concreta na vida de Abraão.

1.2 O dízimo de Abraão

Este dízimo é mencionado no Antigo Testamento, quando Abraão ainda era chamado de Abrão:

Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho; era sacerdote do Deus Altíssimo; abençoou ele a Abrão e disse: Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo, que possui os céus e a terra; e bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os teus adversários nas tuas mãos. E de tudo lhe deu Abrão o dízimo. Gn 14:18-20 (ARA).

Bem como no Novo Testamento:

Considerai, pois, como era grande esse a quem Abraão, o patriarca, pagou o dízimo tirado dos melhores despojos. Hb 7:4 (ARA).

O primeiro dízimo mencionado na Bíblia é este que Abraão entregou a Melquisedeque. Em primeiro lugar, é necessário atentar para o fato de que Abraão deu o dízimo, dez por cento aqui, dos despojos de guerra como explica Hebreus 7:4, e não de seu patrimônio ou da renda de seu gado e lavouras como exigia a Lei Mosaica, e nem em dinheiro como alguns defendem que hoje seja. Não se sabe qual o motivo de Abraão haver entregado este dízimo. Alguns historiadores defendem a tese de que ele estava apenas cumprindo uma lei canaanita, pois diversas civilizações tinham leis sobre dádivas aos sacerdotes, apesar de não ser explicitado nas Escrituras.

Esta entrega de Abraão foi voluntária, provavelmente de acordo com um percentual da cultura local de Salém e, na Lei Mosaica, não há nenhuma menção de que este dízimo de Abraão tivesse qualquer relação com o dízimo da Lei e nem o inspirou, pois, inclusive, o dízimo de despojo de guerra na Lei Mosaica segue um percentual totalmente diferente deste, conforme estudos de Narramore (2004).

Abraão não entregou nada de seu patrimônio pessoal nem do fruto de seu trabalho honesto, mas de despojos de guerra, de um patrimônio alheio, um despojo de guerra...

...que poderia até mesmo ter incluído pessoas (WEBB; WEBB MITCHELL, 1998, p. 163, tradução nossa).

Não existe nenhuma menção de que era costume seu entregar dízimos a ninguém, não existe nenhuma menção que ele tenha dado algum outro dízimo durante sua vida e nem a menção que ele tenha tido qualquer outro contato com Melquisedeque antes ou depois daquele fato, como bem explica este autor:

Abraão pagou a Melquisedeque o dízimo dos despojos de uma vitória militar. Neste caso, também, Deus não nos revelou o motivo e não falou se era ou não o costume de Abraão dar o dízimo de tudo o que recebia. Se houve alguma lei atrás disso, exigindo que Abraão oferecesse o dízimo, as Escrituras não a relatam. As pessoas que alegam algum tipo de lei geral do dízimo, baseadas nos textos citados, estão ultrapassando a Palavra do Senhor. (ROSA, 2009, p. 32-33)

São muitos os questionamentos necessários a real compreensão do dízimo de Abraão:

Agora não se diz que Deus lhe disse para fazer isso. Novamente, não é ordenado que ele desse um décimo. E eu acho que é mais interessante saber que não significa necessariamente que ele deu o dízimo de tudo que possuía. Ele deu um décimo de algo que ele tomou nesta batalha. Outro pensamento, Abraão viveu 160 anos. Em nenhum momento nas Escrituras é registrado, antes ou depois deste incidente, que ele alguma outra vez deu um décimo. Esta é a única vez que ele deu um décimo que conhecemos no registro de 160 anos de vida na terra. Agora isto indica alguma coisa para nós. E não foi um décimo de sua renda e não era um décimo anual. Era simplesmente o que ele escolheu fazer. (MACARTHUR, 1975a, tradução nossa).

Murray (2000, p. 69, apud Croteau, 2010, p. 113, grifo do autor) analisa de forma precisa este dízimo de Abraão:

De fato, se o dízimo de Abrão é qualquer tipo de modelo para os cristãos, ele fornece suporte apenas para dízimos ocasionais de fontes incomuns de renda. (tradução nossa).

Após analisar o dízimo de Abraão, percebe-se que este dízimo em nada condiz com a natureza do dízimo atualmente exigido por denominações cristãs:

À luz do que veremos neste texto, este é um caso isolado do ato de dizimar que lança pouca luz ao modelo no qual o dízimo tem sido enquadrado nos dias de hoje. (PAGANELLI, 2010, p. 18).

O dízimo de Abraão está bem definido nesta conclusão sobre este assunto:

Portanto, a entrega de um dízimo por Abraão está diretamente conectada com o seu voto a Deus de que ele não iria ficar com nenhum dos despojos e ele a fez nos moldes da cultura local. Não existe evidência de que Abraão foi ordenado a entregar o dízimo, nem há evidência de que Abraão dizimou consistentemente, em vez disso ele deu voluntariamente e nunca é descrito nas Escrituras que ele deu o dízimo do aumento de suas posses. (CROTEAU, 2010, p. 90, tradução nossa).

Anos após este fato, encontra-se outra menção do termo dízimo na vida de Jacó, neto de Abraão.

1.3 O dízimo de Jacó

E Jacó fez um voto, dizendo: Se Deus for comigo, e me guardar nesta viagem que faço, e me der pão para comer e vestes para vestir, e eu em paz tornar à casa de meu pai, o SENHOR será o meu Deus; e esta pedra, que tenho posto por coluna, será Casa de Deus; e, de tudo quanto me deres, certamente te darei o dízimo. Gn 28:20-22 (ARC).

O segundo e último episódio que menciona dízimo antes da promulgação de Lei Mosaica é este em que Jacó fez um voto com Deus. Os defensores do dízimo alegam que Jacó foi um dizimista e exemplo para nós, fato não confirmado em nenhuma parte da Bíblia. Até hoje não se sabe se ele cumpriu este voto, e parece não ser de importância este fato, pois a Palavra não fala nada sobre isto. Jacó fez de fato uma barganha com Deus, um ato assim constitui atitude de desrespeito ao Senhor:

O que Jacó fez, naquela oportunidade, foi tomar um voto e fazer uma promessa e a sua parte na barganha consistia em dar a Deus uma décima parte de tudo quanto possuísse. (CHAMPLIN, 2006, v. 2, p. 202).

Existe um problema no dízimo de Jacó: como ele poderia prometer, com algumas condicionantes, dar algo que já pertenceria a Deus? Seria incoerente colocar em um voto algo já obrigatório:

Se este for o caso, por que Jacó faz um voto de dízimo quando o dízimo já era requerido? As pessoas não podem fazer um voto de um item a Deus se ele já pertence a Ele. (WEBB; WEBB MITCHELL, 1998, p. 171, tradução nossa).

Este dízimo do voto de Jacó é totalmente diferente do dízimo de Abraão, que foi de despojos de guerra e do dízimo da Lei. Era um dízimo condicionado como bem exemplifica Kelly (2007, p. 30):

No entanto, a promessa de Jacó de dizimar era condicional - Deus deveria abençoá-lo primeiro e depois trazê-lo de volta para a casa de Isaque em paz. Jacó definiu as condições, não Deus. Jacó fez um voto de dar o dízimo, Deus não pediu isso. (tradução nossa).

Algumas perguntas relativas ao dízimo de Jacó permanecem sem resposta como afirma Davis (1987, p. 87 apud CROTEAU 2010, p. 114):

Davis afirma: 'Nenhum detalhe é dado a respeito de porque Jacó especificou um dízimo', nem 'como o dízimo seria dado', nem 'a

quem o dízimo seria dado'. Essas perguntas representam um problema intrigante para os defensores do dízimo. (tradução nossa).

Convém ressaltar um fato importante sobre a aliança de Deus que beneficiaria a Jacó:

Na aliança de Deus com Abraão, Isaque e Jacó não há absolutamente nenhum sentido em qualquer dízimo, oferta, ou o sacrifício feito pelos homens para obter os benefícios e as bênçãos recebidas. Deus veio até eles e fez promessas que cobriram todas as áreas de suas vidas e não requereu nada deles, apenas a fé. (NARRAMORE, 2004, p. 35, tradução nossa).

Deus provou a Abrão e ele foi aprovado. A benção foi então determinada à sua descendência sem que fosse necessário algum tipo de voto. Isaque já havia herdado as bênçãos materiais de seu pai. Deus não requereu a Isaque nenhum voto como condicionante para ser abençoado, e muito menos de Jacó.

A falta de fé de Jacó ficou claramente evidenciada:

Fé leva a crer na palavra de Deus; Jacó não creu. Jacó respondeu a promessa de Deus fazendo um voto, o que mostrou sua incredulidade. Ele disse "se" você vai fazer tudo isto "então" você vai ser meu Deus e eu te darei o dízimo de tudo o que você me der. Deus apenas havia prometido abençoar, proteger e cumprir a promessa original que fez a Abraão. Ele não pediu o dízimo ou qualquer outra coisa. Jacó ignorou o que Deus tinha acabado de prometer e começou a tentar manipulá-lo, fazendo um voto. Seu voto foi um negócio que ele estava fazendo com Deus. Ele tinha mais fé em um negócio estúpido do que na palavra de Deus. (NARRAMORE, 2004, p. 36-37, tradução nossa).

MacArthur (1975a), em sua série de sermões "God's Plan for Giving" (O Plano de Deus para o Dar), na parte um que foi pregada na manhã de domingo, 9 de fevereiro de 1975, analisa de forma clara a conduta de Jacó:

Em outras palavras, Deus, se você fizer isso eu vou, você sabe, me curvar a ti. Isso é muito ruim. Jacó estava espiritualmente mal. Ele era tão superficial, era muito triste. O que ele estava fazendo era comprando Deus. Tudo bem, Deus, se você vai dar uma viagem segura e pão e roupa, então eu vou deixar você ser o meu Deus. (tradução nossa).

Este dízimo de Jacó, com as características acima explanadas, não constitui modelo de espiritualidade para os cristãos da atualidade:

Não tome isso como uma norma de espiritualidade [...] Ele estava tentando comprar Deus. (MACARTHUR, 1975a, tradução nossa).

Percebe-se que estes episódios em que há a menção do termo dízimo, o de Abraão e o de Jacó, em nada demonstram que estes dízimos tinham algum vínculo ou semelhança com o dízimo da Lei e nem com os cristãos na Nova Aliança. Interessante ressaltar o fato de que nunca, em nenhum lugar da Lei judaica e em nenhum trecho do Novo Testamento se faz menção da entrega de dízimos como um princípio moral e eterno que deve ser obedecido por todos os homens.

Se este princípio fosse válido, Paulo seria então extremamente irresponsável de não mencionar tal ensino às igrejas gentílicas a que enviou suas cartas. Os gentios nada ou muito pouco conheciam da cultura e da Lei judaica, portanto havia a real necessidade de apresentá-los a doutrina do dizimar nos moldes bíblicos. Isto nunca ocorreu, Paulo nunca mencionou este ensino, pois dízimo nunca foi um princípio eterno obrigatório para a igreja cristã.

Estes dois dízimos, diferentes entre si, são relatos isolados em meio a muitas práticas mencionadas antes da promulgação da Lei Mosaica. De tudo o que era praticado nesta época, eles se destacam como atos que constituem base doutrinária em muitas igrejas. O conhecimento dessas práticas ajuda o leitor a perceber a inconsistência que existe na afirmação de que o dízimo é um princípio eterno simplesmente por ter sido praticado antes da promulgação da Lei.

1.4 Outras práticas judaicas anteriores à Lei Mosaica

Seguindo a linha de raciocínio dos defensores do dízimo, estes então deveriam advogar também a prática atual de costumes anteriores à promulgação da Lei, como o costume de levantar altares e realizar sacrifícios de sangue em gratidão a Deus. Noé levantou um altar e sacrificou a Deus antes da promulgação da Lei Mosaica e suas instruções sobre sacrifícios. Convém ressaltar que nestes textos não há a menção de que estes seriam sacrifícios pelos pecados como os sacrifícios prescritos na Lei e revogados na Nova Aliança, mas sacrifícios voluntários em louvor e honra a Deus, em cheiro suave:

E edificou Noé um altar ao Senhor; e tomou de todo animal limpo e de toda ave limpa e ofereceu holocaustos sobre o altar. E o Senhor cheirou o suave cheiro... Gn 8:20-21a (ARC).

Quantos cristãos têm oferecido ao Senhor holocaustos de suave cheiro?

Abraão também sacrificou a Deus:

Então, levantou Abraão os seus olhos e olhou, e eis um carneiro detrás dele, travado pelas pontas num mato; e foi Abraão, e tomou o carneiro, e ofereceu-o em holocausto, em lugar de seu filho. Gn 22:13 (ARC).

Jacó, de forma semelhante, ofereceu sacrifício antes da Lei:

E sacrificou Jacó um sacrifício na montanha e convidou seus irmãos para comerem pão; e comeram pão e passaram a noite na montanha. Gn 31:54 (ARC).

Já como Israel continuou a oferecer sacrifícios:

E partiu Israel com tudo quanto tinha, e veio a Berseba, e ofereceu sacrifícios ao Deus de Isaque, seu pai. Gn 46:1 (ARC).

Moisés sacrificou antes da promulgação da Lei:

Moisés, porém, disse: Tu também darás em nossas mãos sacrifícios e holocaustos, que ofereçamos ao SENHOR, nosso Deus. Êx 10: 25 (ARC).

O sogro de Moisés também sacrificou animais:

Então, tomou Jetro, o sogro de Moisés, holocausto e sacrifícios para Deus; e veio Arão, e todos os anciãos de Israel, para comerem pão com o sogro de Moisés diante de Deus. Êx 18:12 (ARC).

E quanto à celebração da páscoa que foi posta como estatuto perpétuo, será que é realizada hoje na forma exata prescrita na Bíblia?

E este dia vos será por memória, e celebrá-lo-eis por festa ao SENHOR; nas vossas gerações o celebrareis por estatuto perpétuo. Êx 12: 14 (ARC).

Da mesma forma a circuncisão foi uma prática, e mais que isto, uma ordenança anterior a Lei:

Este é o meu concerto, que guardareis entre mim e vós e a tua semente depois de ti: Que todo macho será circuncidado. Gn 17: 10 (ARC).

Da mesma forma, os que seguem esta linha de pensamento, de que toda prática anterior à Lei constitui princípio eterno, deveriam advogar o cumprimento da lei do levirato como uma prática para os dias de hoje, pois é prática anterior à Lei Mosaica e que visava a garantir descendência ao irmão mais velho falecido, e neste texto a desobediência inclusive levou Deus a matar Onã:

Então, disse Judá a Onã: Possui a mulher de teu irmão, cumpre o levirato e suscita descendência a teu irmão. Sabia, porém, Onã que o filho não seria tido por seu; e todas as vezes que possuía a mulher de seu irmão deixava o sêmen cair na terra, para não dar descendência a seu irmão. Isso, porém, que fazia, era mau perante o SENHOR, pelo que também a este fez morrer. Gn 38:8-10 (ARA).

A lei do levirato foi regulamentada na Lei Mosaica:

Quando alguns irmãos morarem juntos, e algum deles morrer e não tiver filho, então, a mulher do defunto não se casará com homem estranho de fora; seu cunhado entrará a ela, e a tomará por mulher, e fará a obrigação de cunhado para com ela. Dt 25:5 (ARC).

Os saduceus perguntaram a Jesus sobre uma suposta situação diretamente ligada ao levirato:

Além disso, os saduceus fizeram a Jesus uma pergunta sobre o casamento levirato e a ressurreição (Mt 22:23-28; Mc 12:18-27; Lc 20:27-38). Enquanto eles primeiramente intencionavam com a pergunta demonstrar a loucura de crer na ressurreição, deram a Jesus a oportunidade perfeita para revogar a lei do levirato, o que ele não fez. (CROTEAU, 2010, p. 97, tradução nossa).

Nenhum escritor do Novo Testamento menciona proibição a tal prática que era anterior a promulgação da Lei Mosaica. Diante disto, deve a igreja cristã adotar tal prática por ser anterior a Lei? Se o dízimo é um princípio eterno por ser prática anterior a Lei, então o levirato também deveria seguir a mesma linha de raciocínio.

Abraão tinha concubinas antes da Lei Mosaica e esta sua conduta não é condenada em parte alguma da Bíblia. Então ter concubinas é um princípio eterno?

Abraão deu tudo o que possuía a Isaque. Porém, aos filhos das concubinas que tinha, deu ele presentes e, ainda em vida, os separou de seu filho Isaque, enviando-os para a terra oriental.” Gn 25: 5-6 (ARA).

Jacó teve duas esposas. Reforçando esta tese, se pode inspirar nestes fatos e considerá-los princípios eternos? Até mesmo na Lei Mosaica se encontra que era permitido manter mais de uma esposa bastando prover sustento para a segunda sem desprezar a primeira:

Se ele der ao filho outra mulher, não diminuirá o mantimento da primeira, nem os seus vestidos, nem os seus direitos conjugais. Êx 21: 10(ARA).

E quanto ao divórcio, no evangelho de Mateus encontra-se Jesus explicando que antes da Lei não havia tal prática, ela foi introduzida na Lei e modificada por Ele naquela ocasião. Diante disto temos três abordagens diferentes sobre divórcio. Perceba que "mas ao princípio não foi assim":

Ele, porém, respondendo, disse-lhes: Não tendes lido que, no princípio, o Criador os fez macho e fêmea e disse: Portanto, deixará o homem pai e mãe e se unirá à sua mulher, e serão dois numa só carne? Assim não são mais dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não separe o homem. Disseram-lhe eles: Então, por que mandou Moisés dar-lhe carta de divórcio e repudiá-la? Disse-lhes ele: Moisés, por causa da dureza do vosso coração, vos permitiu repudiar vossa mulher; mas ao princípio, não foi assim. Eu vos digo, porém, que qualquer que repudiar sua mulher, não sendo por causa de prostituição, e casar com outra, comete adultério; e o que casar com a repudiada também comete adultério. Mt 19: 4-9 (ARC).

Analise agora esta reflexão que lida com o fato do divórcio não existir no princípio, antes da Lei:

Para justificar o dízimo antes da Lei e ser consistente, agora você deve lidar com a "aliança eterna da circuncisão" e aqueles que são divorciados. Se o divórcio não era permitido antes da Lei, a igreja deve considerar aqueles que têm recasado como adúlteros e todos os homens devem ser circuncidados! (MOORE, 2006, p. 12, grifo do autor, tradução nossa).

A guarda do sábado, a circuncisão e o dízimo existiam antes da Lei, foram regulamentados na Lei e vivenciados nos quatro evangelhos, o que causa interpretações equivocadas dos mesmos, já que a Nova Aliança só começou após a morte de Cristo.

É interessante a conduta dos que são contrários às práticas anteriores a Lei e ordenadas na Lei, como a guarda do sábado e a circuncisão, e que colocam o dízimo em uma situação privilegiada com uma interpretação totalmente diferente de todas as outras práticas bíblicas:

Pode-se argumentar que o dízimo é diferente. Na verdade, quando falamos com crentes "sérios" que são dizimistas, o dízimo parece que foi segregado por eles de tudo o mais anterior a Lei e durante a Lei - como se o dízimo fosse o único item que foi transferido para a nova aliança. (WEBB; WEBB MITCHELL, 1998, p. 177, tradução nossa).

Convém ressaltar que o dízimo é historicamente relatado em uma ocasião na vida de Abraão e outra na vida de Jacó. Em nenhum local da Bíblia antes da promulgação da Lei existe o ensino do dizimar como sendo uma prática vivenciada continuamente e requerida por Deus:

Em outras palavras, não havia preceito que requeresse o dízimo como um processo contínuo e específico. (CHAMPLIN, 2006, v. 2, p. 202).

Na promulgação da Lei estes atos ocorridos antes dela não são mencionados como inspiração ou referencial para o dízimo que a Lei detalhadamente ensinava. É claro na Bíblia quando algo é ensinado, ordenado ou historicamente mencionado. Tudo que é importante no relacionamento do homem com Deus está devidamente ensinado, explicado, ordenado ou aconselhado. Nenhuma destas condições pode ser encontrada em relação a tudo que foi escrito sobre dízimo antes da Lei Mosaica.

Diante da argumentação dos pastores que pedem o dízimo por ser anterior à Lei, Wells (2007, p. 3) descreve muito bem o

porquê, em muitos casos, desta conduta evangélica ao explanar que:

Muitos dirão: "Mas o dízimo não é parte da Lei, porque existia antes da lei." Desculpe, você está desqualificado se esta é a sua resposta favorita! A circuncisão também já existia antes da Lei e, certamente, ambos são obras (algo que você faz). Paulo continuamente advertia contra a circuncisão porque traria a pessoa novamente a ficar sob a Lei, assim como o ato de dizimar. [...] Ministros são obrigados a proteger e separar o dízimo da Lei, porque se fosse a Lei, eles sabem que terá de ser descartado de acordo com os escritos de Paulo no Novo Testamento. Mas então as pessoas podem não sustentar a igreja e, portanto, a decepção começa. Milhares de coisas podem dar errado quando os ministros começam a olhar para as pessoas como fonte para qualquer coisa. Por que você acha que tantas igrejas são impotentes, mesmo aquelas que parecem bem sucedidas em números? Vamos jogar fora a circuncisão, mas vamos manter o dízimo. Para que serve a circuncisão? Ela não traz dinheiro para a igreja. Nós vamos simplesmente, constantemente, chamar o dizimar como algo diferente da Lei. Esta é a mesma maneira com que as pessoas aprendem a aceitar muitos dos pecados da sociedade atual. Eles são apenas renomeados para alívio da consciência, e isso funciona. (tradução nossa).

Conclui-se assim que a Bíblia não oferece nenhum subsídio para o ensino de que o dízimo é um princípio eterno. Esta afirmação é a simples opinião de quem a defende, sem qualquer base bíblica, ou seja, sem nenhuma autoridade sobre os cristãos.

O dízimo cobrado nas igrejas fica assim claramente demonstrado como sendo uma tentativa de continuação do dízimo da Lei Mosaica, mesmo os pastores insistindo que não, pois também pregam que Paulo claramente condena o viver sob as ordenanças da Lei.

Ambos os dízimos, o mosaico e o "cristão", são sistemáticos, proporcionais ao aumento de riquezas, apesar de que diferem em muitos detalhes, e obrigatórios, sendo o "dízimo contemporâneo" usualmente requerido mediante a menção do texto de Malaquias,

uma mensagem dada sobre o dízimo da Lei, na vigência da Lei e aos que estavam sob a Lei.

Desta forma, o “dízimo cristão” hoje requerido está muito mais ligado e relacionado ao dízimo da Lei que ao dízimo de Abraão, que foi esporádico, não foi do aumento de suas riquezas, mas dos despojos que ele nem queria manter consigo, mas devolver a seus donos legítimos e, pelas informações bíblicas, entregue apenas uma vez em toda a sua vida.

Não importa o quanto os pastores neguem, estes são fatos claros, o dízimo cobrado por eles é uma “colcha de retalhos” doutrinária que mistura ensinos de alianças distintas, uma verdadeira contradição em torno de si próprio, sem qualquer lógica ou autoridade bíblica, e ainda recebendo um pífio rótulo de “da graça”.

O contexto do dízimo na Bíblia antes da vigência da Lei Mosaica está assim claramente demonstrado como algo esporádico, não ordenado por Deus, não ensinado por nenhum profeta e sem qualquer vínculo com o cristão gentio vivendo na Nova Aliança em Cristo, o que consequentemente nos conduz ao estudo dos dízimos requeridos por Deus, os diversos dízimos na Lei Mosaica.

2. O dízimo durante a Lei Mosaica

2.1 O significado do termo dízimo

Uma das maiores dificuldades na real compreensão do termo dízimo é a falta de interesse em se conhecer a explicação bíblica do termo:

A maior parte da confusão sobre o dízimo vem do fato de que a maioria das pessoas nunca tenha tirado um tempo para saber exatamente o que a Bíblia diz sobre o dízimo. Deixaram-lo aos seus pastores para interpretarem as escrituras e explicar-lhes o que é o dízimo e muitas vezes apenas aceitam o que o pastor diz. (PARKER, 2003, p. 7, tradução nossa).

Para complicar ainda mais a situação, é comum os pregadores, que deveriam ser possuídos de grande conhecimento bíblico, conhecerem apenas uma doutrina do dízimo que foi "recebida por herança", sem nunca haver estudado na Palavra o assunto de forma profunda:

Aliás, muitos dos temas tratados no púlpito, de fato, não são dominados por quem fala e por quem ouve. O dízimo é um desses temas. Muito se fala sobre ele, exige-se, barganha-se, prometem-se coisas em troca do dízimo, promessas abusivas – e imaginativas até! (PAGANELLI, 2010, p. 14).

O significado do termo dízimo é, de forma simples e objetiva, a "décima parte de algo" ou ainda "dez por cento de um todo". No estudo do dízimo mencionado na Bíblia, percebe-se que o termo tem um significado bem diferente deste e do que se pensa nas igrejas:

O termo "dízimo" do Antigo Testamento também foi completamente redefinido por muitos crentes de hoje. Este termo, juntamente com ofertas, está entre os termos mais mal compreendidos na Bíblia, na medida em que eles não são aplicados de acordo com suas

definições bíblicas. (WEBB; WEBB MITCHELL, 1998, p. 77, tradução nossa).

A Bíblia explica claramente o que significa o termo dízimo e, neste caso, a definição compreende algo bem mais complexo que um genérico “dez por cento”:

Dizimar sob a Lei não era um dez por cento genérico advindo de toda e qualquer fonte de crescimento financeiro. A Lei, por sua natureza, é específica. A lei definiu especificamente o ‘dízimo’ e o processo de ‘dizimar’. (NARRAMORE, 2004, p. 44, tradução nossa).

2.2 Os três dízimos do Pentateuco

Existe no Pentateuco a menção de três dízimos ordenados na Lei Mosaica. A primeira passagem a ser analisada encontra-se no livro de Levítico:

Também todas as dízimas do campo, da semente do campo, do fruto das árvores são do SENHOR; santas são ao SENHOR. Porém, se alguém das suas dízimas resgatar alguma coisa, acrescentará o seu quinto sobre ela. No tocante a todas as dízimas de vacas e ovelhas, de tudo o que passar debaixo da vara, o dízimo será santo ao SENHOR. Não esquadrinhará entre o bom e o mau, nem o trocará; mas, se em alguma maneira o trocar, o tal e o trocado serão santos; não serão resgatados. Estes são os mandamentos que o SENHOR ordenou a Moisés, para os filhos de Israel, no monte Sinai. Lv 27: 30-34 (ARC).

A princípio já é possível encontrar algumas características do dízimo bíblico:

É importante reconhecer que todos os itens sujeitos ao dízimo estavam ligados à terra. (CROTEAU, 2010, p. 100, tradução nossa).

Não existe nenhuma menção de que este dízimo pudesse ser em dinheiro:

Quando foi a última vez que o dinheiro foi mencionado como sendo santo ao Senhor (como em Levítico 27: 30,32)? (WEBB; WEBB MITCHELL, 1998, p. 80, grifo do autor, tradução nossa).

Neste ensino sobre o dízimo, já é declarado que ele pertence a Deus, não é uma oferta voluntária:

Agora, este texto ensina que este pertencia a Deus. Este dízimo não é uma oferta voluntária a Deus, não é? Este já pertence a Ele. Você O está roubando se você não der. Não é isso que Malaquias disse? Você está me roubando nos dízimos. Ele é meu. (MACARTHUR, 1975a)

A descrição pormenorizada do que é o primeiro dízimo requerido na Lei encontra-se no livro de Números:

O Senhor disse a Arão: "Você, os seus filhos e a família de seu pai serão responsáveis pelas ofensas contra o santuário; você e seus filhos serão responsáveis pelas ofensas cometidas no exercício do sacerdócio. Traga também os seus irmãos levitas, que pertencem à tribo de seus antepassados, para se unirem a você e o ajudarem quando você e seus filhos ministrarem perante a tenda que guarda as tábuas da aliança. Eles ficarão a seu serviço e cuidarão também do serviço da Tenda, mas não poderão aproximar-se dos utensílios do santuário ou do altar; se o fizerem morrerão, tanto eles como vocês. Eles se unirão a vocês e terão a responsabilidade de cuidar da Tenda do Encontro, realizando todos os trabalhos necessários. Ninguém mais poderá aproximar-se de vocês. "Vocês terão a responsabilidade de cuidar do santuário e do altar, para que não torne a cair a ira divina sobre os israelitas. Eu mesmo escolhi os seus irmãos, os levitas, dentre os israelitas como um presente para vocês, dedicados ao Senhor para fazerem o trabalho da Tenda do Encontro. Mas somente você e seus filhos poderão servir como sacerdotes em tudo o que se refere ao altar e ao que se encontra além do véu. Dou a vocês o serviço do sacerdócio como um presente. Qualquer pessoa não autorizada que se aproximar do santuário terá que ser executada". Então o Senhor disse a Arão: "Eu mesmo o tornei responsável pelas contribuições trazidas a mim;

todas as ofertas sagradas que os israelitas me derem, eu as dou como porção a você e a seus filhos. Das ofertas santíssimas vocês terão a parte que é poupada do fogo. Dentre todas as dádivas que me trouxerem como ofertas santíssimas, seja oferta de cereal, seja pelo pecado, seja de reparação, tal parte pertence a você e a seus filhos. Comam-na como algo santíssimo; todos os do sexo masculino a comerão. Considerem-na santa. "Também dou a você, e a seus filhos e filhas, por decreto perpétuo, as contribuições que lhes cabe de todas as ofertas dos israelitas e que devem ser ritualmente movidas. Todos os da sua família que estiverem cerimonialmente puros poderão comê-las. "Dou a você o melhor azeite e o melhor vinho novo e o melhor trigo que eles apresentarem ao Senhor como primeiros frutos da colheita. Todos os primeiros frutos da terra que trouxerem ao Senhor serão de vocês. Todos os da sua família que estiverem cerimonialmente puros poderão comê-los." "Tudo o que em Israel for consagrado a Deus pertencerá a você." "Tudo aquilo que for separado dentre todas as dádivas sagradas que os israelitas apresentarem ao Senhor eu dou a você e a seus filhos e filhas como decreto perpétuo. É uma aliança de sal perpétua perante o Senhor, para você e para os seus descendentes". Disse ainda o Senhor a Arão: "Você não terá herança na terra deles, nem terá porção entre eles; eu sou a sua porção e a sua herança entre os israelitas." "Dou aos levitas todos os dízimos em Israel como retribuição pelo trabalho que fazem ao servirem na Tenda do Encontro. É dever dos levitas fazer o trabalho na Tenda do Encontro e assumir a responsabilidade pelas ofensas contra ela. Este é um decreto perpétuo pelas suas gerações. Eles não receberão herança alguma entre os israelitas. Em vez disso, dou como herança aos levitas os dízimos que os israelitas apresentarem como contribuição ao Senhor. É por isso que eu disse que eles não teriam herança alguma entre os israelitas." Números 18:1-14, 19-21, 23-24 (NVI).

O texto acima apresenta a descrição detalhada da finalidade do primeiro dízimo que o povo judeu entregava. Os levitas ficaram responsáveis por todo o serviço da Tenda do Encontro e receberiam os dízimos do povo como recompensa por este serviço. O povo não poderia exercer as funções dos levitas e seria executado se descumprisse esta determinação.

Os levitas não teriam herança na terra de Israel, os dízimos seriam sua herança, bem como todas as ofertas trazidas a Deus pelo povo. Por causa disto, explica o texto, eles não possuiriam terras entre os israelitas:

Em troca de seu serviço a Deus, os sacerdotes não foram autorizados a possuir e herdar terras em Israel. De acordo com Josué 21: 9-19, eles deveriam viver em 13 cidades sacerdotais em torno de (mas não em) Jerusalém. Embora eles ocupassem estas terras, elas continuavam a pertencer às tribos. (KELLY, 2007, p. 35, tradução nossa).

A palavra dízimo é assim mencionada diversas vezes neste capítulo, o qual é de extrema importância para a compreensão do dízimo bíblico e que raramente é explanado nos púlpitos:

Este capítulo (não Levítico 27 ou Malaquias 3) é a importante ordenança fundacional, ou estatuto, que define como os sacerdotes e levitas serão apoiadas por Israel sob a Antiga Aliança. A palavra é usada muitas vezes neste capítulo." (KELLY, 2007, p. 34).

Os levitas deveriam dar o dízimo do dízimo ao sacerdócio de Arão, ficando com o restante como recompensa pelo seu serviço:

Também falarás aos levitas e lhes dirás: Quando receberdes os dízimos da parte dos filhos de Israel, que vos dei por vossa herança, deles apresentareis uma oferta ao SENHOR: o dízimo dos dízimos. Assim, também apresentareis ao SENHOR uma oferta de todos os vossos dízimos que receberdes dos filhos de Israel e deles dareis a oferta do SENHOR a Arão, o sacerdote. De todas as vossas dádivas apresentareis toda oferta do SENHOR: do melhor delas, a parte que lhe é sagrada. Portanto, lhes dirás: Quando oferecerdes o melhor que há nos dízimos, o restante destes, como se fosse produto da eira e produto do lagar, se contará aos levitas. Comê-lo-eis em todo lugar, vós e a vossa casa, porque é vossa recompensa pelo vosso serviço na tenda da congregação. Pelo que não levareis sobre vós o pecado, quando deles oferecerdes o melhor; e não profanareis as

coisas sagradas dos filhos de Israel, para que não morrais. Nm 18: 26, 28-32 (ARA).

Havia uma diferença entre o dízimo que o povo dava aos levitas e o dízimo do dízimo que os levitas davam ao sacerdote. O dízimo dado pelos levitas era do melhor, os dez por cento do melhor que foi dado a eles. Fica explícita mais uma característica do dízimo bíblico que torna um contra-senso o ensino do dízimo como um valor em dinheiro:

Com o verdadeiro dízimo, pode-se identificar o melhor do produto, mas a melhor parte não pode ser identificada quando se usa dinheiro. (WEBB; WEBB MITCHELL, 1998, p. 85, tradução nossa).

A simples menção de forma superficial de todas estas informações contidas neste capítulo de Números pode deixar os cristãos distantes do real conhecimento dos fatos, e consequentemente não os leva a conhecer toda a verdade sobre o dízimo bíblico.

O não conhecimento da Bíblia por parte da igreja conduz a comunidade a um entendimento e a uma conduta equivocados quando analisados à luz das Escrituras:

Aqui, o dízimo é dado aos levitas para o trabalho que realizam na Tenda do Encontro. O dízimo é realmente dado às pessoas, não para um fundo de construção da igreja, contas de luz, etc. O levita, que não é o mesmo que um pastor, representa os israelitas na tenda já que estes não estão autorizados a exercer funções levíticas ou sacerdotais. Não há, de forma alguma, tabernáculo ou igreja simbólicos hoje em que os cristãos não podem se aproximar, onde um pastor é obrigado a fazer algo em seu nome - como os levitas faziam para os israelitas. Portanto o pastor não pode exigir dos cristãos, nem deve a igreja requerer dos cristãos, um dízimo para o sustento de um pastor. (WEBB; WEBB MITCHELL, 1998, p. 84, tradução nossa).

O sustento dos obreiros e da obra, à luz da Nova Aliança, será explanado no quarto capítulo.

O livro de Deuteronômio traz instruções detalhadas sobre o segundo dízimo requerido na Lei Mosaica:

São estes os estatutos e os juízos que cuidareis de cumprir na terra que vos deu o SENHOR, Deus de vossos pais, para a possuirdes todos os dias que viverdes sobre a terra. A esse lugar fareis chegar os vossos holocaustos, e os vossos sacrifícios, e os vossos dízimos, e a oferta das vossas mãos, e as ofertas votivas, e as ofertas voluntárias, e os primogênitos das vossas vacas e das vossas ovelhas. Então, haverá um lugar que escolherá o SENHOR, vosso Deus, para ali fazer habitar o seu nome; a esse lugar fareis chegar tudo o que vos ordeno: os vossos holocaustos, e os vossos sacrifícios, e os vossos dízimos, e a oferta das vossas mãos, e toda escolha dos vossos votos feitos ao SENHOR, e vos alegrareis perante o SENHOR, vosso Deus, vós, os vossos filhos, as vossas filhas, os vossos servos, as vossas servas e o levita que mora dentro das vossas cidades e que não tem porção nem herança convosco. Nas tuas cidades, não poderás comer o dízimo do teu cereal, nem do teu vinho, nem do teu azeite, nem os primogênitos das tuas vacas, nem das tuas ovelhas, nem nenhuma das tuas ofertas votivas, que houveres prometido, nem as tuas ofertas voluntárias, nem as ofertas das tuas mãos; mas o comerás perante o SENHOR, teu Deus, no lugar que o SENHOR, teu Deus, escolher, tu, e teu filho, e tua filha, e teu servo, e tua serva, e o levita que mora na tua cidade; e perante o SENHOR, teu Deus, te alegrarás em tudo o que fizeres. Guarda-te, não desampares o levita todos os teus dias na terra. Dt 12: 1, 6, 11-12, 17-19 (ARA).

Neste texto, encontram-se instruções específicas sobre este dízimo, que é chamado pelos estudiosos de “dízimo do festival”.

Em primeiro lugar, o texto, que está direcionado ao povo judeu e não a gentios, menciona que o Senhor iria determinar um lugar ao qual o povo faria chegar seus dízimos. Em seguida, percebe-se uma informação curiosa, havia o ato de comer o dízimo por parte do povo, e não podia comê-lo nas cidades em que residia, mas apenas no lugar onde o Senhor escolhesse. Nesta passagem, se começa a encontrar características peculiares deste outro dízimo prescrito na Lei e que o torna diferente da definição do primeiro

dízimo no livro de Números, e que também nada tem a ver com o dízimo ensinado e cobrado hoje nas igrejas.

Separem o dízimo de tudo o que a terra produzir anualmente. Comam o dízimo do cereal, do vinho novo e do azeite, e a primeira cria de todos os seus rebanhos na presença do Senhor, o seu Deus, no local que ele escolher como habitação do seu Nome, para que aprendam a temer sempre o Senhor, o seu Deus. Mas, se o local for longe demais e vocês tiverem sido abençoados pelo Senhor, o seu Deus, e não puderem carregar o dízimo, pois o local escolhido pelo Senhor para ali pôr o seu Nome é longe demais, troquem o dízimo por prata, e levem a prata ao local que o Senhor, o seu Deus, tiver escolhido. Com prata comprem o que quiserem: bois, ovelhas, vinho ou outra bebida fermentada, ou qualquer outra coisa que desejarem. Então juntamente com suas famílias comam e alegrem-se ali, na presença do Senhor, do seu Deus. (Deuteronômio 14:22-26 NVI).

O dízimo seria comido pelo povo, mas não aonde ele residisse, no local em que o Senhor escolher como habitação do seu Nome, Jerusalém. Encontra-se a primeira menção a dinheiro relacionado ao dízimo. No caso da época, a prata era usada como moeda. Fica claro que o dízimo, como era pra ser comido, consumido pelo povo, não podia ser dinheiro:

Não importa como se estuda a Bíblia, o dinheiro nunca pode ser interpretado como sendo a substância do dízimo, nem nunca foi considerado um item de consumo. (WEBB; WEBB MITCHELL, 1998, p. 83, tradução nossa).

Se o dízimo fosse tanto que dificultasse seu transporte, ele deveria ser trocado por prata e, ao chegar ao local determinado, esta prata deveria ser convertida novamente em bens comestíveis e estes serem comidos pelos judeus juntamente com suas famílias.

Já que transportar o dízimo em forma de alimentos era um pesado fardo quando se vivia muito longe de Jerusalém, isso também prova que o dízimo não era dinheiro já ele que não criaria um fardo! (KELLY, 2007, p.59, grifo do autor, tradução nossa).

Este festival, um verdadeiro banquete festivo, seria uma forma de confraternização familiar diante do Senhor:

Em outras palavras, não deixe ali aquilo que trouxerem para que outros se sirvam, mas o seu dízimo é para desfrute seu e de sua família. (PAGANELLI, 2010, p.24, grifo do autor).

O fortalecimento da família estava assim inserido na doutrina bíblica do dízimo na Lei:

A ideia também foi a de promover a unidade na família e servos, e eles todos iriam a Jerusalém e consumiriam este tipo particular de dízimo. (MACARTHUR, 1975a, tradução nossa).

Fica clara a diferença destes dois dízimos:

O dízimo de Deuteronômio continua a ser propriedade do dono original; o dízimo em Números 18 pertence aos levitas. Finalmente, enquanto a finalidade do dízimo levítico era fornecer uma herança para os levitas (e sacerdotes), o propósito do dízimo do festival é indicado em Deuteronômio 14:23: "para que aprendam a temer sempre o Senhor, o seu Deus." (CROTEAU, 2010, p. 104).

Encontra-se na Bíblia um terceiro dízimo chamado pelos estudiosos de "dízimo dos pobres":

Ao fim de cada três anos, tirarás todos os dízimos do fruto do terceiro ano e os recolherás na tua cidade. Então, virão o levita (pois não tem parte nem herança contigo), o estrangeiro, o órfão e a viúva que estão dentro da tua cidade, e comerão, e se fartarão, para que o SENHOR, teu Deus, te abençoe em todas as obras que as tuas mãos fizerem. Dt 14: 28-29 (ARA).

No mesmo livro encontra-se outra ordenança sobre este mesmo dízimo:

Quando acabares de separar todos os dízimos da tua messe no ano terceiro, que é o dos dízimos, então, os darás ao levita, ao

estrangeiro, ao órfão e à viúva, para que comam dentro das tuas cidades e se fartem. Dirás perante o SENHOR, teu Deus: Tirei de minha casa o que é consagrado e dei também ao levita, e ao estrangeiro, e ao órfão, e à viúva, segundo todos os teus mandamentos que me tens ordenado; nada transgredi dos teus mandamentos, nem deles me esqueci. Dt 26: 12-13 (ARA)

O dízimo destinado aos pobres, viúvas e estrangeiros era uma forma clara de se fazer justiça social, havia a clara preocupação de que os pobres não ficassem desamparados. Havia uma diferença entre este dízimo e os dois anteriores a ele:

Os dízimos anteriores eram entregues a cada ano ou durante festas. Este terceiro dízimo era para ser oferecido a cada terceiro ano. (CROTEAU, 2010, p. 106, tradução nossa)

Existe ainda mais uma diferença clara entre o dízimo bíblico e o cobrado hoje pelas igrejas:

Com as despesas da igreja que existem hoje, é mais conveniente para muitas igrejas não utilizar o que elas chamam de dízimo para alimentar os necessitados. Em vez disso, muitas requerem uma "oferta monetária de benevolência", acima e além do "dízimo monetário" para preencher esta necessidade. Isso é o inverso do verdadeiro e preciso propósito bíblico do dízimo. (WEBB; WEBB MITCHELL, 1998, p. 86, tradução nossa).

O próprio Deus institui uma forma de se fazer justiça social e distribuição de renda entre o povo:

A inclusão desses grupos de beneficiários, que não somente a liderança religiosa, como ocorre hoje em dia, dará o tom do discurso e do cuidado que o Senhor demonstrará no Antigo e Novo Testamentos, quando o assunto for dízimo ou os recursos do seu povo. (PAGANELLI, 2010, p. 30).

Conclui-se assim que existiam três dízimos distintos e obrigatórios na Lei Mosaica:

O primeiro foi chamado o dízimo dos levitas, o segundo foi chamado o dízimo do festival, e era no festival no santuário central em Jerusalém que ele era consumido. O terceiro foi chamado o dízimo dos pobres. Então você tem 10%, 10%, 3 1/3% a cada ano, se você tem 10% a cada três anos. Ok? Você está agora com 23%.Esse era o dízimo do Velho Testamento. Assim, quando alguém chega e diz que o judeu deu 10%, não é verdade. O judeu deu 23% para começar. [...]Todos os três são taxas, não são doações voluntária a Deus. O dízimo era sempre tributo. Assim os programas do governo poderiam funcionar. O programa sacerdotal, o programa religioso nacional e o programa de bem-estar social. (MACARTHUR, 1975a, tradução nossa).

Os pobres não dizimavam, recebiam mantimentos oriundos de um dízimo. Esta verdade torna mais distante ainda a prática de algumas igrejas atuais do ensino bíblico sobre dízimo, muitas oprimindo o pobre, dando assim um péssimo testemunho através de sua conduta:

Uma das coisas mais ofensivas que eu ouvi ser pregada com relação ao dízimo é que todos, independentemente da sua situação financeira, sejam eles ricos ou pobres, estão sujeitos a ordenança de pagar o dízimo. Que tipo de ensino cruel é esse que pediria às pessoas pobres para negligenciarem as necessidades materiais suas e de seus filhos apenas para que possam dar dez por cento de sua renda à uma igreja? Deus certamente nunca ordenou aos pobres na Bíblia que passassem fome para que pudessem sustentar os levitas, o que faz estas pessoas pensarem que Deus iria exigir isso deles agora? Muitas igrejas hoje distorceram completamente a Palavra de Deus em suas mentes, em um esforço para cobrir suas grandes despesas operacionais através da exigência às pessoas pobres do pagamento de dinheiro através dos dízimos. Ao invés de trabalharem para encorajar aos pobres e para tirá-los da sua pobreza, elas tentam mantê-los escravizados a uma lei do Antigo Testamento, uma que as próprias igrejas não estão cumprindo corretamente. (PARKER, 2003, p. 50, tradução nossa).

2.3 O dízimo em Malaquias

Existem algumas passagens sobre dízimo em outras partes do Antigo Testamento, como, por exemplo, no Livro de 2 Crônicas (2 Cr 31: 5-12) e em Neemias (Ne 10: 37-38). Historicamente o povo de Deus havia, por diversos motivos, negligenciado os levitas e o sacerdócio, e estes livros mostram o retorno, com algumas variações, do cuidado com o sacerdócio levítico. Mas nenhum texto da Bíblia é mais citado quando se fala de dízimo que este do livro de Malaquias:

Roubará o homem a Deus? Todavia, vós me roubais e dizeis: Em que te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas. Com maldição sois amaldiçoados, porque a mim me roubais, vós, a nação toda. Trazei todos os dízimos à casa do Tesouro, para que haja mantimento na minha casa; e provai-me nisto, diz o SENHOR dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós bênção sem medida. Por vossa causa, repreenderei o devorador, para que não vos consuma o fruto da terra; a vossa vide no campo não será estéril, diz o SENHOR dos Exércitos. Ml 3:8-11 (ARA).

Não existe qualquer dificuldade para a real compreensão do texto. Como já claramente demonstrado, o dízimo de produtos agropecuários era uma obrigação dos judeus para com os levitas, além da obrigação do recolhimento dos dois dízimos adicionais.

Deus, através de Malaquias, repreende aos sacerdotes e à nação que estavam realmente roubando o que era de Deus, simples assim, e nenhuma relação essa repreensão tem com os cristãos na Nova Aliança. O dízimo, detalhadamente descrito nas citações anteriores, nada tinha a ver com a igreja cristã, muito menos o ato de não entregá-lo.

Existem diversos detalhes no citado texto que podem ser analisados meticulosamente, mas como já ficou claramente explanado em que consistia o dízimo na Bíblia, tal estudo seria desnecessário, bastando aqui a precisa, objetiva e clara explanação deste texto feita pelo Rev. Augustus Nicodemus Lopes (2011a) em pregação realizada na Igreja Batista da Parquelândia em Fortaleza:

Os dízimos faziam parte da aliança de Deus com Israel, faziam parte das leis cerimoniais relacionadas com o culto. Então, o problema aqui não era o dízimo, o problema era a desobediência. Eles não estavam cumprindo aquilo que Deus exigia na aliança. Fazia parte do culto e eles não estavam fazendo isso e, por isso, Deus os estava amaldiçoando. [...] Não é o ato de dar o dízimo em si, como se fosse uma negociata com Deus, mas era uma questão de cultuar a Deus como Deus havia determinado e, no culto do Antigo Testamento, o dízimo fazia parte integrante. Então não é a questão do dízimo em si, como hoje é enfatizado. O dízimo passa a ser uma coisa mágica, uma negociata com Deus: se você der o dízimo, Deus vai lhe abençoar. É só estudar o contexto e você vai ver que a questão do dízimo não era a questão do dízimo, mas é uma questão da obediência do povo de cumprir os termos da aliança que Deus tinha feito com eles, de cultuar a Deus da forma correta.

O texto citado reflete assim uma situação ocorrida na vigência de uma Lei, de uma aliança de Deus com o povo judeu, aliança esta que não é a aliança da qual participamos, a Nova Aliança no sangue de Cristo. O texto é direcionado aos que estão debaixo da Lei Mosaica:

Ora, nós sabemos que tudo o que a lei diz aos que estão debaixo da lei o diz, para que toda boca esteja fechada e todo o mundo seja condenável diante de Deus. Rm 3:19 (ARC).

Os judeus estavam debaixo desta Lei da qual não fazemos parte:

Assim, a lei foi o nosso tutor até Cristo, para que fôssemos justificados pela fé. Agora, porém, tendo chegado a fé, já não estamos mais sob o controle do tutor. Gl 3:24-25 (NVI).

O ensino do dízimo para os cristãos que não estão sob a Lei é desta forma algo incoerente:

Pessoas que ensinam o dízimo dizem que não estão promovendo a Lei. No entanto, as únicas instruções sobre o dízimo que vieram de

Deus vieram através da Lei para as pessoas que estavam sob a Lei. Esse foi o único grupo de pessoas a quem Ele instruiu a dizimar. (NARRAMORE, 2004, p.72, tradução nossa).

Além de incoerente, a simples menção do texto de Malaquias nos púlpitos antes da coleta é algo totalmente fora de nossa época e de nosso contexto, como nos explana Wells (2007, p. 47):

O que você quer dizer quando diz, "fora de seu tempo ou contexto?" Não era o Antigo Testamento escrito para nosso uso? Sim e não. Sim: porque o Novo Testamento mesmo diz que essas coisas estão escritas para nosso exemplo e advertência. E NÃO: porque muitas coisas, especialmente as leis, nunca foram destinadas a serem aplicadas à Igreja do Novo Testamento. (tradução nossa).

Recai sobre os pregadores a responsabilidade de estudarem a Palavra e alimentarem ao povo com a sã doutrina, ao invés de oferecerem interpretações equivocadas que são aceitas pela simples falta de conhecimento bíblico por parte dos membros:

Para ser honesto com sua interpretação da Palavra de Deus, pregadores cristãos devem parar de enganar os membros da igreja menos informados e parar de levá-los a pensar que Malaquias 3:8-10 significa exatamente o oposto do que foi realmente ensinado. (KELLY, 2007, p. 114, tradução nossa).

Existe na mente da maioria dos cristãos a ideia de que os quatro evangelhos, por estarem no Novo Testamento, relatam fatos de "depois da Lei", o que induz a expressão "o dízimo é de antes da Lei, durante a Lei e depois da Lei." Este fato nos conduz ao estudo das passagens em que o dízimo foi mencionado nos evangelhos, quando Jesus dialogava com os fariseus.

2.4 O dízimo nos Evangelhos

Um dos maiores equívocos de interpretação da Bíblia reside na falta do conhecimento de que os quatro evangelhos relatam fatos

que ocorreram na vigência da Lei Mosaica e que, consequentemente, Jesus viveu na vigência da Lei:

Todas as palavras de Jesus nos Evangelhos foram dadas aos que estavam na antiga aliança. (CROTEAU, 2010, p.130, tradução nossa).

Na época de Cristo, Ele e seus discípulos viviam de acordo com a Lei, suas práticas e costumes.

Apesar de que pessoas sem qualquer inspiração definem os quatro Evangelhos como sendo livros do 'Novo Testamento', a maioria dos cristãos mais conscientes percebe que, na realidade, a Nova Aliança não começou até o momento em que Cristo morreu no Calvário. (KELLY, 2007, p.116, tradução nossa).

A vida de Jesus precisa assim ser compreendida como uma vida que transcorreu debaixo de toda a instrução da Lei Mosaica.

O texto de Mateus 23:23 é citado quando se busca provar que Jesus confirmou a exigência do dizimar aos cristãos:

Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e tendes negligenciado os preceitos mais importantes da Lei: a justiça, a misericórdia e a fé; devíeis, porém, fazer estas coisas, sem omitir aquela! Mt 23:23 (ARA).

O juízo, a misericórdia e a fé mencionados por Jesus são, ao contrário do dízimo, amplamente ensinados em todos os escritos da Nova Aliança.

Muitos cristãos ao lerem este texto de Mateus 23 concluem equivocadamente que Jesus estava mandando aos que vivem na Nova Aliança, a não desprezarem o dízimo. Estas pessoas equivocadamente concluem que os fatos citados nos evangelhos, por estarem compilados no que chamamos Novo Testamento, são automaticamente da Nova Aliança em Cristo. O Rev. Augustus Nicodemus Lopes (2011b) explica bem este fato respondendo a pergunta de um irmão em evento na igreja Batista da Parquelândia,

em Fortaleza, quando o mesmo pergunta se este texto seria uma referência de Jesus quanto ao dízimo no Novo Testamento:

Você tem que lembrar que Jesus está operando ainda no Antigo Testamento. O Novo Testamento se inicia com a morte dele, a ressurreição e Pentecostes. Jesus ainda está operando debaixo do Antigo Testamento. É por isso que ele quando, por exemplo, quando curou o cego não é? O leproso, ele disse, vai e te mostra ao sacerdote no templo. Não é isso? Ele tava operando ainda debaixo do Antigo Testamento. O que marca o Novo é a morte dele, a sua ressurreição e o dia de Pentecostes. Então, o que Jesus está dizendo ao fariseu é que ele tinha de fazer aquilo que a Lei mandava. Tá bom? Então, não é um endosso pro dízimo no Novo Testamento, é Jesus chamando os fariseus de hipócritas. É isso que ele tá fazendo aí.

Esta citação menciona um interessante aspecto: a orientação que Jesus dava aos judeus que ele curava. Nunca Jesus orientou a gentios curados por Ele para que se apresentassem ao sacerdote, da mesma forma que Ele jamais requereu dos gentios o cumprir da Lei Mosaica:

Jesus não poderia ordenar os não-judeus a se apresentarem aos sacerdotes após serem curados, para trazerem sacrifícios ao templo ou dizimarem. Por quê? Ele não podia fazer isso e ainda observar a Lei! Gentios não eram regidos pela Lei Mosaica e não era permitido pela Lei que os que não eram judeus prosélitos fossem circuncidados ou dizimassem. Dízimos não teriam sido aceitos, mesmo se os cristãos gentios tivessem tentado entregá-los! Para ser legítimo, o dízimo só deveria vir de israelitas de pleno direito e somente a partir de dentro de Israel. Portanto, Mateus 23:23 não tem relevância para os cristãos gentios ou para a igreja. (KELLY, 2007, p. 120, tradução nossa)

Nem tudo que Jesus fazia, assim como nem tudo que Abraão fazia, pode ser exigido dos cristãos gentios na atualidade:

Por exemplo, só porque Jesus celebrou a Páscoa, isso não deve ser entendido como uma ordem para que os cristãos celebrem a Páscoa. Quando Jesus mandou o leproso que curara se mostrar ao sacerdote (Mateus 8:1-4), esta, mais uma vez, não deve ser entendida como uma ordem para os cristãos entrarem domingo numa igreja para adoração a fim de que possam demonstrar sua pureza. Além disso, a oferta que foi prescrita por Moisés (Mateus 8:4; Lv 14) também não é necessariamente prescrita para os cristãos com base na ordem de Jesus a este leproso. (CROTEAU, 2010, p. 130, tradução nossa).

Jesus Cristo dizimou? A Bíblia não menciona que Jesus fosse agropecuarista, mas marceneiro. Jesus nasceu numa família pobre, fato comprovado pela oferta levada por seus pais em sua apresentação:

Passados os dias da purificação deles segundo a Lei de Moisés, levaram-no a Jerusalém para o apresentarem ao Senhor, conforme o que está escrito na Lei do Senhor: Todo primogênito ao Senhor será consagrado; e para oferecer um sacrifício, segundo o que está escrito na referida Lei: Um par de rolas ou dois pombinhos. Lucas 2:22-24 (ARA).

Havia na Lei a prescrição de que, se não houvesse condições financeiras, ou seja, se a pessoa fosse pobre, a oferta poderia ser de um par de rolas ou dois pombinhos:

Mas, se as suas posses não lhe permitirem trazer um cordeiro, tomará, então, duas rolas ou dois pombinhos, um para o holocausto e o outro para a oferta pelo pecado; assim, o sacerdote fará expiação pela mulher, e será limpa. Lv 12:8 (ARA).

As famílias pobres como a de Jesus não dizimavam, antes recebiam ajuda de um dízimo específico, como já anteriormente demonstrado.

Já na fase adulta, em seu ministério, Jesus adotou uma prática reservada aos pobres e prevista na Lei em Levítico:

Não rebuscarás a tua vinha, nem colherás os bagos caídos da tua vinha; deixá-los-ás ao pobre e ao estrangeiro. Eu sou o SENHOR, vosso Deus. Lv 19:10 (ARA).

Bem como em Deuteronômio:

Quando, no teu campo, segares a messe e, nele, esqueceres um feixe de espigas, não voltarás a tomá-lo; para o estrangeiro, para o órfão e para a viúva será; para que o SENHOR, teu Deus, te abençoe em toda obra das tuas mãos. Quando sacudires a tua oliveira, não voltarás a colher o fruto dos ramos; para o estrangeiro, para o órfão e para a viúva será. Quando vindimares a tua vinha, não tornarás a rebuscá-la; para o estrangeiro, para o órfão e para a viúva será o restante. Dt 24:19-21 (ARA).

O judeu deveria assim lembrar-se do pobre até na hora de colher seus frutos:

O dízimo da terra não incluía toda a terra. Deus ordenou aos proprietários para que não colhessem os cantos e não pegarem o que tinha caído depois da colheita. Este restante era sagrado para os pobres." (KELLY, 2007, p.63, tradução nossa).

Em três textos é demonstrado os discípulos de Jesus se alimentando deste resto de colheita reservado aos pobres. Caso não fosse este restante, eles seriam prontamente acusados pelos fariseus de estarem roubando a colheita alheia e, se eles não fossem pobres, seriam acusados de estarem se aproveitando de uma sobra destinada legalmente apenas aos pobres. Sendo pobres na forma da Lei, os mesmos não dizimavam, antes recebiam os benefícios da Lei:

Os fariseus não acusaram Jesus de não pagar o dízimo porque ele pagasse. Em vez disso, eles não o acusaram porque ele não seria qualificado para pagá-lo. Jesus e seus discípulos não eram obrigados a dar o dízimo porque eram pobres. O incidente recolhendo restos de espigas, registrado por três vezes (Mateus 12:1-12, Marcos 2:23-24 e Lucas 6:1-2), é importante. Se o dízimo

fosse obrigado a todas as pessoas e fosse de todos os tipos de alimentos colhidos, então poderíamos ter esperado que os fariseus acusassem Jesus e seus discípulos de não pagarem o dízimo sobre o grão que tinham acabado de colher e comer. A falta de tal acusação prova que nenhuma lei desse tipo seria aplicada a pessoas pobres que colhiam restos de espigas. (KELLY, 2007, p.120-121, tradução nossa).

Fica assim claramente demonstrado que Jesus não dizimou e que de fato ordenou nos Evangelhos o cumprimento da Lei Mosaica pelo simples motivo de que Ele viveu na vigência da Lei.

2.5 O dinheiro e as profissões na Bíblia

Após demonstrar-se o dízimo bíblico na vigência da Lei, convém deter-se um pouco para que se entenda, segundo a Bíblia, como a sociedade da época lidava com dinheiro e quais ocupações profissionais são mencionadas na Palavra de Deus.

Esta análise se faz necessária porque muitos afirmam que o dízimo é descrito na forma de produtos agropecuários devido ao fato de que os judeus eram todos agropecuaristas e que, como na sociedade atual poucos são agropecuaristas deve-se, por analogia, concluir que o gado e o produto do campo para o judeu ocupavam a mesma posição ocupada hoje pelo dinheiro na vida dos cristãos contemporâneos.

Existem nesta linha de raciocínio dois equívocos. Nem todos os judeus eram agropecuaristas e produtos agropecuários para o judeu tinham o mesmo significado que tem nos dias de hoje:

É intrigante ouvir alguém, incluindo um pastor, se referir a esses três versos em Levítico capítulo 27 e interpretar grãos do solo e frutos das árvores como sendo equivalentes ao dinheiro usado na sociedade de hoje. Ao fazer isso, altera-se o dízimo para significar uma outra coisa que não a sua verdadeira definição. Os grãos e as frutas são os mesmos grãos e as frutas que crescem e as pessoas consomem hoje. O Novo Testamento não sugere, implica, ou tolera

essa mudança para o dízimo. (WEBB; WEBB MITCHELL, 1998, p. 80, tradução nossa).

Levanta-se ainda a tese da inexistência de dinheiro nos tempos bíblicos, havendo apenas a prática do escambo, a troca de bens, quando de fato já havia dinheiro em Gênesis e ele tinha a mesma função do dinheiro de hoje. O texto de Gênesis 47:15-17 demonstra, entretanto, que o escambo havia usualmente na falta de dinheiro:

Acabando-se, pois, o dinheiro na terra do Egito e na terra de Canaã, vieram todos os egípcios a José, dizendo: Dá-nos pão; por que morreremos em tua presença? Porquanto o dinheiro nos falta. E José disse: Dai o vosso gado, e eu vo-lo darei por vosso gado, se falta o dinheiro. Então, trouxeram o seu gado a José; e José deu-lhes pão em troca de cavalos, e das ovelhas, e das vacas, e dos jumentos; e os sustentou de pão aquele ano por todo o seu gado. (ARC).

Segundo Croteau (2010, p. 102), em Gênesis o dinheiro é mencionado vinte e nove vezes (em algumas traduções é utilizado o termo “prata”, que era usada como dinheiro) e depois que o dízimo foi mencionado na Lei Mosaica o dinheiro é mencionado trinta e oito vezes.

Observe dois destes textos em que dinheiro é mencionado:

Com efeito, será circuncidado o nascido em tua casa e o comprado por teu dinheiro; a minha aliança estará na vossa carne e será aliança perpétua. Gn 17:13 (ARA).

Tendo Abraão ouvido isso a Efrom, pesou-lhe a prata, de que este lhe falara diante dos filhos de Hete, quatrocentos siclos de prata, moeda corrente entre os mercadores. Gn 23: 16 (ARA).

A prata, pesada e medida em siclos, era moeda corrente entre mercadores, homens que não viviam da agropecuária. Como não havia ainda a cunhagem de moedas, a prata era usada como dinheiro de forma bruta e pesada no momento da transação.

Em Levítico 19:35-36 se encontra a ordem do Senhor de que seu povo fosse honesto na hora de usar a balança de pesar:

Não cometereis injustiça no juízo, nem na vara, nem no peso, nem na medida. Balanças justas, pesos justos, efa justo e justo him tereis. Eu sou o SENHOR, vosso Deus, que vos tirei da terra do Egito. (ARA).

Este dinheiro corrente em forma de prata pesada não era, como alguns podem deduzir, corrente apenas entre gentios pagãos. Muito pelo contrário, esta prata era também pesada em uma medida denominada de siclo do santuário (aproximadamente 11.4 gramas), ou seja, algo genuinamente judeu, como encontramos em diversas passagens:

Todo aquele que passar ao arrolamento dará isto: metade de um siclo, segundo o siclo do santuário (este siclo é de vinte geras); a metade de um siclo é a oferta ao Senhor. Êx 30:13 (ARA).

A prata dos arrolados da congregação foram cem talentos e mil e setecentos e setenta e cinco siclos, segundo o siclo do santuário. Êx 38:25 (ARA).

Toda a tua avaliação se fará segundo o siclo do santuário; o siclo será de vinte geras. Lv 27:25 (ARA).

Dos primogênitos dos filhos de Israel tomou o dinheiro, mil trezentos e sessenta e cinco siclos, segundo o siclo do santuário. Nm 3:50 (ARA).

O resgate, pois (desde a idade de um mês os resgatarás), será segundo a tua avaliação, por cinco siclos de dinheiro, segundo o siclo do santuário, que é de vinte geras. Nm 18:16 (ARA).

Então, saiu o povo e saqueou o arraial dos siros; e, assim, se vendia um alqueire de flor de farinha por um siclo, e dois de cevada, por um siclo, segundo a palavra do SENHOR. 2 Rs 7:16 (ARA).

Assim se cumpriu o que falara o homem de Deus ao rei: Amanhã, a estas horas mais ou menos, vender-se-ão dois alqueires de cevada por um siclo, e um de flor de farinha, por um siclo, à porta de Samaria. 2 Rs 7:18 (ARA).

[...] dizendo: Sobe a Hilquias, o sumo sacerdote, para que conte o dinheiro que se trouxe à Casa do SENHOR, o qual os guardas da porta ajuntaram do povo. 2 Rs 22:4 (ARA).

Além desta moeda corrente, deste dinheiro em forma de metal precioso bruto pesado em siclos do santuário, encontra-se na Bíblia a menção de um valor monetário em forma de moedas cunhadas, a dracma e o darico. Em diversas traduções estes termos se intercalam, umas trazem dracmas, provavelmente a dracma grega, e outras daricos de origem persa. Qualquer que seja o termo utilizado, ambos significam moedas cunhadas, como se vê nestes trechos das Escrituras:

[...] e deram para o serviço da Casa de Deus cinco mil talentos de ouro, e dez mil dracmas, e dez mil talentos de prata, e dezoito mil talentos de cobre, e cem mil talentos de ferro. 1 Cr 29:7 (ARC).

Conforme o seu poder, deram para o tesouro da obra, em ouro, sessenta e um mil daricos, e, em prata, cinco mil arráteis, e cem vestes sacerdotais. Ed 2: 69 (ARC).

E vinte taças de ouro de mil daricos e dois vasos de bom metal lustroso, tão desejável como ouro. Ed 8: 27 (ARC).

E uma parte dos cabeças dos pais deram para a obra; o tirsata deu para o tesouro, em ouro, mil daricos, cinqüenta bacias e quinhentas e trinta vestes sacerdotais. E alguns mais dos cabeças dos pais deram para o tesouro da obra, em ouro, vinte mil daricos; e, em prata, dois mil e duzentos arráteis. E o que deu o resto do povo foi, em ouro, vinte mil daricos; e, em prata dois mil arráteis; e sessenta e sete vestes sacerdotais. Ne 7: 70-72 (ARC).

Fica evidente através dos textos bíblicos que o dízimo era de produtos agropecuários em uma época na qual as pessoas já se utilizavam de dinheiro. Até aos dias de hoje dinheiro continua tendo a mesma função e os bens agropecuários continuam a saciar a fome da humanidade. Não existe nada de novo nestas duas realidades que permanecem inalteradas a despeito do progresso da humanidade.

Em relação ao fato de que nem todos os judeus eram agropecuaristas, convém ressaltar que a Bíblia descreve de forma clara a existência de diversas profissões e ofícios desde os mais remotos tempos bíblicos. Estas ocupações eram remuneradas em dinheiro da época e cujos trabalhadores não eram agropecuaristas, ou seja, não havia condições deles entregarem o dízimo na forma explicitada na Lei, fruto do campo e crias do gado.

A primeira profissão que se encontra diferente de agropecuaristas é a de mercadores. Os homens que a adotavam não podiam dar o dízimo prescrito na Lei porque o fruto de seu trabalho e de suas posses não era bens agropecuários, mas dinheiro em forma de siclos de prata conforme a medida do siclo do santuário. Não há nenhuma prescrição bíblica para que estes mercadores convertessem seu dinheiro em bens agropecuários e assim dizimassem, ou que dez por cento de seu dinheiro seria aceito como dízimo.

Existiam diversas outras ocupações e profissões que são apresentadas por toda a Bíblia. Todas estas são completamente diferentes do ofício de agricultores e pecuaristas. Algumas destas encontram-se nas passagens a seguir:

Artes manuais em Êxodo 31: 3-5:

E o enchi do Espírito de Deus, de habilidade, de inteligência e de conhecimento, em todo artifício, para elaborar desenhos e trabalhar em ouro, em prata, em bronze, para lapidação de pedras de engaste, para entalho de madeira, para toda sorte de lavores. (ARA).

Padeiro em Jeremias 37: 21 e em Oséias 7: 4:

Então, ordenou o rei Zedequias que pusessem a Jeremias no átrio da guarda; e, cada dia, deram-lhe um pão da Rua dos Padeiros, até

acabar-se todo pão da cidade. Assim ficou Jeremias no átrio da guarda. (ARA).

Todos eles são adúlteros: semelhantes ao forno aceso pelo padeiro, que somente cessa de atiçar o fogo desde que sovou a massa até que seja levedada. (ARA).

Construtores e carpinteiros:

O dinheiro, depois de pesado, davam nas mãos dos que dirigiam a obra e tinham a seu cargo a Casa do SENHOR; estes pagavam aos carpinteiros e aos edificadores que reparavam a Casa do SENHOR, como também aos pedreiros e aos cabouqueiros, e compravam madeira e pedras lavradas para repararem os estragos da Casa do SENHOR, e custeavam todo o necessário para a conservação da Casa do SENHOR. 2 Rs 12: 11-12 (ARA).

E ainda em 2 Reis 22:6:

[...] aos carpinteiros, aos edificadores e aos pedreiros; e comprem madeira e pedras lavradas, para repararem os estragos da casa. (ARA).

E também em 2 Crônicas 24: 12:

[...] o qual o rei e Joiada davam aos que dirigiam a obra e tinham a seu cargo a Casa do SENHOR; contrataram pedreiros e carpinteiros, para restaurarem a Casa do SENHOR, como também os que trabalhavam em ferro e em bronze, para repararem a Casa do SENHOR. (ARA).

Bem como em Esdras 3: 7:

Deram, pois, o dinheiro aos pedreiros e aos carpinteiros, como também comida, bebida e azeite aos sidônios e tírios, para trazerem do Líbano madeira de cedro ao mar, para Jope, segundo a permissão que lhes tinha dado Ciro, rei da Pérsia. (ARA).

E igualmente em Isaías 44: 13:

O artífice em madeira estende o cordel e, com o lápis, esboça uma imagem; alisa-a com plaina, marca com o compasso e faz à semelhança e beleza de um homem, que possa morar em uma casa. (ARA).

No Novo Testamento em Mateus 13:55 e em Marcos 6:3:

Não é este o filho do carpinteiro? Não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos, Tiago, José, Simão e Judas? (ARA).

Não é este o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago, José, Judas e Simão? E não vivem aqui entre nós suas irmãs? E escandalizavam-se nele. (ARA).

Encontra-se ainda a profissão de cozinheiro:

Então, disse Samuel ao cozinheiro: Traze a porção que te dei, de que te disse: Põe-na à parte contigo. Tomou, pois, o cozinheiro a coxa com o que havia nela e a pôs diante de Saul. 1 Sm 9: 23-24a (ARA).

Encontra-se também o ofício de alguns discípulos de Jesus: pescador:

Os pescadores gemerão, suspirarão todos os que lançam anzol ao rio, e os que estendem rede sobre as águas desfalecerão. Is 19:8 (ARA).

Eis que mandarei muitos pescadores, diz o SENHOR, os quais os pescarão; depois, enviarei muitos caçadores, os quais os caçarão de sobre todos os montes, de sobre todos os outeiros e até nas fendas das rochas. Jr 16: 16 (ARA).

Junto a ele se acharão pescadores; desde En-Gedi até En-Eglaim haverá lugar para se estenderem redes; o seu peixe, segundo as

suas espécies, será como o peixe do mar Grande, em multidão excessiva. Ez 47: 10 (ARA).

Caminhando junto ao mar da Galiléia, viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, que lançavam as redes ao mar, porque eram pescadores. Mt 4:18 (ARA).

[...] e viu dois barcos junto à praia do lago; mas os pescadores, havendo desembarcado, lavavam as redes. Lc 5: 2 (ARA).

O ofício de administrador também é encontrado na Bíblia:

Ao cair da tarde, disse o senhor da vinha ao seu administrador: Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário, começando pelos últimos, indo até aos primeiros. Mt 20: 8 (ARA).

Encontra-se o ofício de ourives em diversas passagens:

O artífice funde a imagem, e o ourives a cobre de ouro e cadeias de prata forja para ela. Is 40: 19 (ARA).

Assim, o artífice anima ao ourives, e o que alisa com o martelo, ao que bate na bigorna, dizendo da soldadura: Está bem feita. Então, com pregos fixa o ídolo para que não oscile." Is 41: 7 (ARA).

Os que gastam o ouro da bolsa e pesam a prata nas balanças assalariam o ourives para que faça um deus e diante deste se prostram e se inclinam. Is 46: 6 (ARA).

Os perfumes já eram produzidos por especialistas, os perfumistas:

Ao seu lado, reparou Uziel, filho de Haraías, um dos ourives; junto dele, Hananias, um dos perfumistas; e restauraram Jerusalém até ao Muro Largo. Ne 3: 8 (ARA).

Coletor de impostos, conhecido também como publicano, ofício de Mateus:

Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu. Mt 10: 3 (ARA).

Passadas estas coisas, saindo, viu um publicano, chamado Levi, assentado na coletoria, e disse-lhe: Segue-me! Lc 5: 27 (ARA).

Construtor de tendas, ofício do apóstolo Paulo:

E, posto que eram do mesmo ofício, passou a morar com eles e ali trabalhava, pois a profissão deles era fazer tendas. At 18: 3 (ARA).

Não existe em nenhuma passagem da Bíblia a orientação de que estes profissionais que recebiam em dinheiro a recompensa de seu trabalho deveriam converter este dinheiro recebido em produtos agropecuários para, só então, entregá-los como dízimo, e nenhuma recomendação de que os mesmos deveriam dar o dízimo em dinheiro da recompensa de seu trabalho. Nada sobre isto é mencionado na Bíblia.

A única ocasião em que o judeu que não era agropecuarista precisava transformar o dinheiro fruto do trabalho em produtos agropecuários era quando precisava oferecer um holocausto ou alguma oferta especificada na Lei.

Pode-se assim concluir que muito provavelmente Pedro, André, Tiago e João, como eram pescadores, não davam o dízimo, bem como José, pai de Jesus, e o próprio Jesus não davam o dízimo porque ambos eram marceneiros, e, finalmente o apóstolo Paulo, construtor de tendas, também não dava o dízimo, pois, como todos os anteriormente citados, aparentemente não era um agropecuarista.

A Bíblia relata em seus livros a existência de alianças feitas entre Deus e os homens no transcorrer da história. Cada aliança tinha suas peculiaridades e, caso o leitor não atente para este fato, pode incorrer no erro de transpor orientações dadas a determinado povo, sob uma aliança específica, a outro povo em condições totalmente diversas, o que certamente levará este leitor a conclusões equivocadas:

Com frequência, alguns temas do Antigo Testamento são transportados para o Novo Testamento e investidos de tons e ênfases que diferem – e destoam – do propósito original. Cada vez mais temos visto o dízimo entrar em cena com paramentos estranhos ao que lhe era atribuído quando, há pouco mais de três mil anos, foi adotado na nascente sociedade judaica. (PAGANELLI, 2010, p. 17).

O dízimo é algo que foi ordenado na Lei Mosaica, Lei que regulamentava uma aliança de Deus com o povo judeu. A igreja não se constituiu como povo judeu. Nós não somos judeus, mas gentios e não estamos sujeitos a esta aliança e nem à Lei Mosaica, portanto não é justo que se ensine pequenos trechos da Lei sobre o dízimo ao povo, retirando este ensino de seu contexto original e exigindo seu cumprimento nos dias de hoje:

Já que a Igreja não adere a todo ritual do dízimo, ela não deve usar qualquer parte dele para definir como o cristão deve dar hoje. Não parece bom usar apenas partes seletivas do ritual do dízimo para obter dos cristãos o sustento para a igreja. Em vez disso, basta perguntar a congregação se eles estão dispostos a apoiar os ministérios da igreja. Esta é a forma como foi feito na igreja primitiva, e não havia pessoas necessitadas entre eles (como no livro de Atos). (WEBB; WEBB MITCHELL, 1998, p. 89, tradução nossa).

O dízimo requerido na maioria das igrejas cristãs é um verdadeiro “quebra-cabeças” cujas peças não se encaixam pelo fato de que elas fazem parte de realidades totalmente distintas e inconciliáveis. Ordenanças da Lei, fatos aleatórios anteriores à Lei e ensinos da Nova Aliança não se encaixam na mesma “gravura”. O cristão ficará confuso se for tentar encontrar este modelo de dízimo nas Escrituras Sagradas simplesmente porque ele não está lá.

Antes de fazer a coleta no culto, o pregador lê Malaquias onde se chama o que retém o dízimo de ladrão, e o dízimo de Malaquias está inserido na Lei, e logo em seguida o mesmo pregador diz que o dízimo não é obrigatório, que ele é voluntário, e cita com isso o exemplo de Abraão, cujo dízimo nada tem a ver com o dízimo da Lei, fato já anteriormente estudado, e, concluindo sua

intervenção, o pregador termina com “Deus ama quem dá com alegria”, texto da Segunda Carta aos Coríntios, um ensino da Nova Aliança.

É necessário que o cristão conheça as alianças de Deus com os homens, para que se evite o erro de se tentar viver em alianças distintas e contrárias ao mesmo tempo.

A Palavra de Deus nos apresenta a Nova Aliança em Cristo, aliança no seu sangue. Cabe a cada crente em Jesus o buscar na Palavra todo o conhecimento sobre esta aliança na qual ele se encontra e, consequentemente, aprender sobre como o Senhor deseja que seus filhos entreguem suas dádivas para o sustento de sua obra, dos obreiros e dos pobres.

3. As Alianças

A Bíblia nos apresenta algumas alianças realizadas pelo povo de Deus com outros povos e, principalmente, alianças entre Deus e os homens. Aliança significa pacto, um acordo realizado entre partes com a anuência de todos os envolvidos.

Algumas alianças são realizadas entre iguais, pessoas ou povos, sem que nenhuma parte esteja em posição de subserviência em relação a outra, como em uma aliança de amor através do casamento. Outras alianças possuem seus termos determinados pela parte que está em posição de superioridade, como quando uma nação vitoriosa firma aliança com o povo derrotado, ou ainda quando Deus, o Criador do Universo, firma aliança com homens que foram criados por Ele.

De qualquer forma é necessário sempre que, para que seja uma aliança, exista a concordância de todos que a firmam. Não aceitar os termos de uma aliança afasta as partes, quebrar os termos de uma aliança significa traição, rebelião contra a outra parte.

3.1 As primeiras alianças de Deus com o homem

Partindo do pressuposto que a principal divisão da Bíblia não é Antigo e Novo Testamentos, mas sim onde termina a Antiga Aliança e onde começa a Nova Aliança, convém analisar-se as alianças de Deus com os homens antes de se conhecer a Nova Aliança.

Deus fez uma aliança com Noé em Gênesis quando disse:

Mas com você estabelecerei a minha aliança, e você entrará na arca com seus filhos, sua mulher e as mulheres de seus filhos. Gn 6:18 (NVI).

Adiante, compreende-se que esta aliança era não apenas com a família de Noé, mas com todos os seres vivos:

Então disse Deus a Noé e a seus filhos, que estavam com ele: "Vou estabelecer a minha aliança com vocês e com os seus futuros descendentes, e com todo ser vivo que está com vocês: as aves, os rebanhos domésticos e os animais selvagens, todos os que saíram da arca com vocês, todos os seres vivos da terra. Estabeleço uma aliança com vocês: Nunca mais será ceifada nenhuma forma de vida pelas águas de um dilúvio; nunca mais haverá dilúvio para destruir a terra." E Deus prosseguiu: "Este é o sinal da aliança que estou fazendo entre mim e vocês e com todos os seres vivos que estão com vocês, para todas as gerações futuras: o meu arco que coloquei nas nuvens. Será o sinal da minha aliança com a terra. Quando eu trouxer nuvens sobre a terra e nelas aparecer o arco-íris, então me lembrarei da minha aliança com vocês e com os seres vivos de todas as espécies. Nunca mais as águas se tornarão um dilúvio para destruir toda forma de vida. Toda vez que o arco-íris estiver nas nuvens, olharei para ele e me lembrarei da aliança eterna entre Deus e todos os seres vivos de todas as espécies que vivem na terra." Concluindo, disse Deus a Noé: "Esse é o sinal da aliança que estabeleci entre mim e toda forma de vida que há sobre a terra." Gn 9: 8-17 (NVI).

Muitos anos depois de Noé, se encontra na Bíblia a pessoa de Abrão. Deus chamou Abrão e lhe fez uma promessa:

Então o Senhor disse a Abrão: "Saia da sua terra, do meio dos seus parentes e da casa de seu pai, e vá para a terra que eu lhe mostrarei. Farei de você um grande povo, e o abençoarei. Tornarei famoso o seu nome, e você será uma bênção. Abençoarei os que o abençoarem, e amaldiçoarei os que o amaldiçoarem; e por meio de você todos os povos da terra serão abençoados." Gn 12:1-3 (NVI).

Entretanto Abrão, depois de anos desta promessa, ficou aflito, pois não tinha filhos, se sentindo assim inseguro do cumprimento da promessa que recebera. Tão logo o Senhor falou com Abrão, este relatou seu dilema a Deus:

Depois dessas coisas o Senhor falou a Abrão numa visão: "Não tenha medo, Abrão! Eu sou o seu escudo; grande será a sua

recompensa!" Mas Abrão perguntou: "Ó Soberano Senhor, que me darás, se continuo sem filhos e o herdeiro do que possuo é Eliézer de Damasco?" E acrescentou: "Tu não me deste filho algum! Um servo da minha casa será o meu herdeiro!" Então o Senhor deu-lhe a seguinte resposta: "Seu herdeiro não será esse. Um filho gerado por você mesmo será o seu herdeiro." Levando-o para fora da tenda, disse-lhe: "Olhe para o céu e conte as estrelas, se é que pode contá-las." E prosseguiu: "Assim será a sua descendência." Abrão creu no Senhor, e isso lhe foi creditado como justiça. Gn 15:1-6 (NVI).

A fé de Abrão foi creditada a ele como justiça. Deus prometeu e Abrão creu. Deus firmou assim Sua aliança com Abrão:

Naquele dia o Senhor fez a seguinte aliança com Abrão: "Aos seus descendentes dei esta terra, desde o ribeiro do Egito até o grande rio, o Eufrates: a terra dos queneus, dos quenezeus, dos cadmoneus, dos hititas, dos ferezeus, dos refains, dos amorreus, dos cananeus, dos girgaseus e dos jebuseus." Gn 15: 18-21 (NVI).

Posteriormente Deus o chamou, fez uma aliança com Abraão, quando este estava já com noventa e nove anos de idade, detalhando inclusive o sinal que haveria desta aliança:

Quando Abrão estava com noventa e nove anos de idade o Senhor lhe apareceu e disse: "Eu sou o Deus Todo-poderoso; ande segundo a minha vontade e seja íntegro. Estabelecerei a minha aliança entre mim e você e multiplicarei muitíssimo a sua descendência." Abrão prostrou-se, rosto em terra, e Deus lhe disse: "De minha parte, esta é a minha aliança com você. Você será o pai de muitas nações. Não será mais chamado Abrão; seu nome será Abraão, porque eu o constituí pai de muitas nações. Eu o tornarei extremamente prolífero; de você farei nações e de você procederão reis. Estabelecerei a minha aliança como aliança eterna entre mim e você e os seus futuros descendentes, para ser o seu Deus e o Deus dos seus descendentes. Toda a terra de Canaã, onde agora você é estrangeiro, darei como propriedade perpétua a você e a seus descendentes; e serei o Deus deles. De sua parte", disse Deus a Abraão, "guarde a minha aliança, tanto você como os seus futuros

descendentes. Esta é a minha aliança com você e com os seus descendentes, aliança que terá que ser guardada: Todos os do sexo masculino entre vocês serão circuncidados na carne. Terão que fazer essa marca, que será o sinal da aliança entre mim e vocês. Gn 17:1-11 (NVI).

Centenas de anos após esta aliança de Deus com Abraão, seus descendentes estavam vivendo como escravos no Egito, quando o Senhor falou a Moisés na sarça ardente e o convocou a liderar a saída dos israelitas do Egito. No desenrolar do processo em que Faraó não queria libertar o povo, e por outro lado o povo não acreditava na libertação, Deus disse ao povo que se lembrou da aliança que realizara com Abraão:

Disse Deus ainda a Moisés: "Eu sou o Senhor. Apareci a Abraão, a Isaque e a Jacó como o Deus Todo-poderoso, mas pelo meu nome, o Senhor, não me revelei a eles. Depois estabeleci com eles a minha aliança para dar-lhes a terra de Canaã, terra onde viveram como estrangeiros. E agora ouvi o lamento dos israelitas, a quem os egípcios mantêm escravos, e lembrei-me da minha aliança. Por isso, diga aos israelitas: Eu sou o Senhor. Eu os livrarei do trabalho imposto pelos egípcios. Eu os libertarei da escravidão e os resgatarei com braço forte e com poderosos atos de juízo. Eu os farei meu povo e serei o Deus de vocês. Então vocês saberão que eu sou o Senhor, o seu Deus, que os livra do trabalho imposto pelos egípcios. E os farei entrar na terra que, com mão levantada, jurei que daria a Abraão, a Isaque e a Jacó. Eu a darei a vocês como propriedade. Eu sou o Senhor." Êx 6:2-8 (NVI).

Deus libertou seu povo do Egito e, já no deserto, começou a reafirmar a aliança com o povo:

No dia em que se completaram três meses que os israelitas haviam saído do Egito, chegaram ao deserto do Sinai. Depois de saírem de Refidim, entraram no deserto do Sinai, e Israel acampou ali, diante do monte. Logo Moisés subiu o monte para encontrar-se com Deus. E o Senhor o chamou do monte, dizendo: "Diga o seguinte aos descendentes de Jacó e declare aos israelitas: 'Vocês viram o que

fiz ao Egito e como os transportei sobre asas de águias e os trouxe para junto de mim. Agora, se me obedecerem fielmente e guardarem a minha aliança, vocês serão o meu tesouro pessoal dentre todas as nações. Embora toda a terra seja minha, vocês serão para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa.' Essas são as palavras que você dirá aos israelitas." Êx 19:1-6 (NVI).

A obediência consistia em obedecer aos mandamentos, à Lei que o Senhor estava na ocasião começando a dar ao povo através de Moisés. O início da Lei, sua parte mais emblemática, consiste no que se chama "Os Dez Mandamentos":

E Deus falou todas estas palavras: "Eu sou o Senhor, o teu Deus, que te tirou do Egito, da terra da escravidão. Não terás outros deuses além de mim. Não farás para ti nenhum ídolo, nenhuma imagem de qualquer coisa no céu, na terra, ou nas águas debaixo da terra. Não te prostrarás diante deles nem lhes prestarás culto, porque eu, o Senhor o teu Deus, sou Deus zeloso, que castigo os filhos pelos pecados de seus pais até a terceira e quarta geração daqueles que me desprezam, mas trato com bondade até mil gerações aos que me amam e obedecem aos meus mandamentos. Não tomarás em vão o nome do Senhor, o teu Deus, pois o Senhor não deixará impune quem tomar o seu nome em vão. Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo. Trabalharás seis dias e neles farás todos os teus trabalhos, mas o sétimo dia é o sábado dedicado ao Senhor, o teu Deus. Nesse dia não farás trabalho algum, nem tu, nem teus filhos ou filhas, nem teus servos ou servas, nem teus animais, nem os estrangeiros que morarem em tuas cidades. Pois em seis dias o Senhor fez os céus e a terra, o mar e tudo o que neles existe, mas no sétimo dia descansou. Portanto, o Senhor abençoou o sétimo dia e o santificou. Honra teu pai e tua mãe, a fim de que tenhas vida longa na terra que o Senhor teu Deus te dá. Não matarás. Não adulterarás. Não furtarás. Não darás falso testemunho contra o teu próximo. Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem seus servos ou servas, nem seu boi ou jumento, nem coisa alguma que lhe pertença." Êx 20: 1-17 (NVI).

A partir desta instrução inicial, Moisés passa ao povo toda a Lei, que consistia em diversas ordenanças, além da circuncisão que já havia sido ordenada a Abraão, que estavam relacionadas aos principais aspectos da vida do povo israelita, do relacionamento entre os homens e deles com seu Deus, incluindo neste conjunto de ordenanças a obrigatoriedade da entrega de dízimos, como já anteriormente estudado.

A esta legislação entregue pelo próprio Deus ao povo através de Moisés, definiu-se o nome de Lei Mosaica. Esta Lei regulamenta detalhadamente as obrigações do povo na aliança firmada por Deus. A obediência e a fidelidade da aliança com Deus se davam através do cumprimento da Lei que a regulamentava. Esta é a aliança chamada de Antiga Aliança.

Deus fez uma aliança com Abraão e centenas de anos depois reafirmou esta aliança com seu povo no deserto. Na ocasião, a Lei Mosaica regulamentou a vida da nação judaica debaixo desta aliança. Posteriormente, como o povo foi infiel e não cumpriu a aliança, Deus disse através do profeta Jeremias que futuramente faria uma nova aliança diferente da primeira:

"Estão chegando os dias", declara o Senhor, "quando farei uma nova aliança com a comunidade de Israel e com a comunidade de Judá. Não será como a aliança que fiz com os seus antepassados quando os tomei pela mão para tirá-los do Egito; porque quebraram a minha aliança, apesar de eu ser o Senhor deles", diz o Senhor. "Esta é a aliança que farei com a comunidade de Israel depois daqueles dias", declara o Senhor: "Porei a minha lei no íntimo deles e a escreverei nos seus corações. Serei o Deus deles, e eles serão o meu povo. Ninguém mais ensinará ao seu próximo nem ao seu irmão, dizendo: 'Conheça ao Senhor', porque todos eles me conhecerão, desde o menor até o maior", diz o Senhor. "Porque eu lhes perdoarei a maldade e não me lembrarei mais dos seus pecados." Jr 31:31-34 (NVI).

3.2 A Nova Aliança

A Nova Aliança foi a que Deus fez com o homem através da morte de Cristo. No Evangelho de Lucas, o próprio Jesus Cristo menciona o início desta Nova Aliança ao declarar:

Semelhantemente, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este é o cálice da nova aliança no meu sangue derramado em favor de vós." Lc 22:20 (ARA).

O autor da Carta aos Hebreus explica a mudança de uma aliança para outra de forma detalhada:

A ordenança anterior é revogada, porquanto era fraca e inútil (pois a Lei não havia aperfeiçoado coisa alguma), sendo introduzida uma esperança superior, pela qual nos aproximamos de Deus. E isso não aconteceu sem juramento! Outros se tornaram sacerdotes sem qualquer juramento, mas ele se tornou sacerdote com juramento, quando Deus lhe disse: "O Senhor jurou e não se arrependerá: 'Tu és sacerdote para sempre.'" Jesus tornou-se, por isso mesmo, a garantia de uma aliança superior. Hb 7:18-22 (NVI).

Adiante, na mesma carta, o autor detalha ainda mais o tema, citando Jeremias e mencionando que a Antiga Aliança se tornou antiquada, envelhecida e tende a desaparecer:

Agora, porém, o ministério que Jesus recebeu é superior ao deles, assim como também a aliança da qual ele é mediador é superior à antiga, sendo baseada em promessas superiores. Pois, se aquela primeira aliança fosse perfeita, não seria necessário procurar lugar para outra. Deus, porém, achou o povo em falta e disse: "Estão chegando os dias, declara o Senhor, quando farei uma nova aliança com a comunidade de Israel e com a comunidade de Judá. Não será como a aliança que fiz com os seus antepassados quando os tomei pela mão para tirá-los do Egito; visto que eles não permaneceram fiéis à minha aliança, eu me afastei deles", diz o Senhor. "Esta é a aliança que farei com a comunidade de Israel depois daqueles dias",

declara o Senhor. "Porei minhas leis em sua mente e as escreverei em seu coração. Serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. Ninguém mais ensinará o seu próximo nem o seu irmão, dizendo: 'Conheça ao Senhor', porque todos eles me conhecerão, desde o menor até o maior. Porque eu lhes perdoarei a maldade e não me lembrarei mais dos seus pecados." Chamando "nova" esta aliança, ele tornou antiquada a primeira; e o que se torna antiquado e envelhecido, está a ponto de desaparecer. Hb 8: 6-13 (NVI).

Os cristãos passam assim a viver em uma realidade totalmente diferente da vivida pelo judeu na vigência da Lei, a partir do que Deus faz pelo homem:

Observe aqui, no entanto, que o Senhor escreveu suas leis na mente e no coração do crente (v 10). Portanto, já não será um homem a ensinar o seu próximo. Uma vez que conhecem o Senhor, os cristãos dependem da lei escrita em seus corações em vez de confiar nas leis da antiga aliança. (WEBB, Mitchell, 1998, p. 135, grifo do autor, tradução nossa).

Os hebreus, a quem esta carta se destinava, precisavam entender de forma clara esta aliança, pois os mesmos haviam vivido centenas de anos debaixo da autoridade da Antiga Aliança, cumprindo tudo que ela determinava através da Lei Mosaica, inclusive a obrigatoriedade da entrega de dízimos.

Esta aliança foi firmada através da morte de Cristo, de seu sangue, para que nós sejamos purificados de nossos pecados e tenhamos assim a herança eterna. O autor aos Hebreus está assim sempre a retornar ao assunto, exaltando a obra de Cristo:

[...] quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu de forma imaculada a Deus, purificará a nossa consciência de atos que levam à morte, para que sirvamos ao Deus vivo! Por essa razão, Cristo é o mediador de uma nova aliança para que os que são chamados recebam a promessa da herança eterna, visto que ele morreu como resgate pelas transgressões cometidas sob a primeira aliança. Hb 9:14-15 (NVI).

No Antigo Testamento, na Lei Mosaica firmada na Antiga Aliança, apenas o Sumo Sacerdote poderia entrar no Santo dos Santos, e ainda em data e circunstâncias específicas, ou seja, o povo necessitava do sacerdócio que era sustentado pelos dízimos, pois não poderia achegar-se diretamente a Deus, realidade esta que foi mudada na Nova Aliança, como se encontra explanada:

O Espírito Santo também nos testifica a este respeito. Primeiro ele diz: "Esta é a aliança que farei com eles, depois daqueles dias, diz o Senhor. Porei as minhas leis em seu coração e as escreverei em sua mente"; e acrescenta: "Dos seus pecados e iniqüidades não me lembrarei mais." Onde esses pecados foram perdoados, não há mais necessidade de sacrifício por eles. Portanto, irmãos, temos plena confiança para entrar no Santo dos Santos pelo sangue de Jesus, por um novo e vivo caminho que ele nos abriu por meio do véu, isto é, do seu corpo. Temos, pois, um grande sacerdote sobre a casa de Deus. Sendo assim, aproximemo-nos de Deus com um coração sincero e com plena convicção de fé, tendo os corações aspergidos para nos purificar de uma consciência culpada e tendo os nossos corpos lavados com água pura. Hb 10:15-22 (NVI).

Paulo descreve a maravilha de se vivenciar a Nova Aliança quando escreve sua Segunda Carta aos Coríntios. Ali a Antiga Aliança é descrita como uma aliança de letra que mata, e a Nova Aliança como uma aliança do Espírito que vivifica. Esta explanação inclusive remete à equivocada interpretação destas expressões, quando retiradas de seu contexto, que consiste na visão de que o estudo teológico seria a "letra que mata", conquanto a doutrina baseada em experiências místicas, algumas sem fundamentação bíblica, seria o viver no "Espírito que vivifica":

Ele nos capacitou para sermos ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do Espírito; pois a letra mata, mas o Espírito vivifica. O ministério que trouxe a morte foi gravado com letras em pedras; mas esse ministério veio com tal glória que os israelitas não podiam fixar os olhos na face de Moisés, por causa do resplendor do seu rosto, ainda que desvanecente. Não será o ministério do Espírito ainda muito mais glorioso? Se era glorioso o ministério que trouxe

condenação, quanto mais glorioso será o ministério que produz justificação! Pois o que outrora foi glorioso, agora não tem glória, em comparação com a glória insuperável. E se o que estava se desvanecendo se manifestou com glória, quanto maior será a glória do que permanece! Portanto, visto que temos tal esperança, mostramos muita confiança. Não somos como Moisés, que colocava um véu sobre a face para que os israelitas não contemplassem o resplendor que se desvanecia. Na verdade a mente deles se fechou, pois até hoje o mesmo véu permanece quando é lida a antiga aliança. Não foi retirado, porque é somente em Cristo que ele é removido. De fato, até o dia de hoje, quando Moisés é lido, um véu cobre os seus corações. Mas quando alguém se converte ao Senhor, o véu é retirado. Ora, o Senhor é o Espírito e, onde está o Espírito do Senhor, ali há liberdade. E todos nós, que com a face descoberta contemplamos a glória do Senhor, segundo a sua imagem estamos sendo transformados com glória cada vez maior, a qual vem do Senhor, que é o Espírito. 2 Co 3:6-18 (NVI).

O Espírito do Senhor liberta o homem do jugo da Lei. A Lei Mosaica, formada mediante a Antiga Aliança, conduziu o homem até Cristo, foi o seu tutor havendo, portanto, já cumprido o seu papel como menciona Paulo aos Gálatas ao dizer:

Assim, a lei foi o nosso tutor até Cristo, para que fôssemos justificados pela fé. Agora, porém, tendo chegado a fé, já não estamos mais sob o controle do tutor. Gl 3:24-25 (NVI).

Os cristãos foram libertados da Lei como bem explana Paulo na Carta aos Romanos:

Meus irmãos, falo a vocês como a pessoas que conhecem a lei. Acaso vocês não sabem que a lei tem autoridade sobre alguém apenas enquanto ele vive? Por exemplo, pela lei a mulher casada está ligada a seu marido enquanto ele estiver vivo; mas, se o marido morrer, ela estará livre da lei do casamento. Por isso, se ela se casar com outro homem enquanto seu marido ainda estiver vivo, será considerada adúltera. Mas se o marido morrer, ela estará livre daquela lei, e mesmo que venha a se casar com outro homem, não

será adúltera. Assim, meus irmãos, vocês também morreram para a Lei, por meio do corpo de Cristo, para pertencerem a outro, àquele que ressuscitou dos mortos, a fim de que venhamos a dar fruto para Deus. Pois quando éramos controlados pela carne, as paixões pecaminosas despertadas pela Lei atuavam em nosso corpo, de forma que dávamos fruto para a morte. Mas agora, morrendo para aquilo que antes nos prendia, fomos libertados da Lei, para que sirvamos conforme o novo modo do Espírito, e não segundo a velha forma da Lei escrita. Rm 7:1-6 (NVI).

O cristão serve a Deus agora conforme o novo modo no Espírito, direcionado pelo Espírito e não mais pela Lei escrita. É inconsistente e sem base bíblica o ensino que exige do cristão na Nova Aliança a obrigatoriedade de sujeitar-se às ordenanças da Lei como, por exemplo, a entrega de dízimos, mas este não é um problema novo na igreja.

O primeiro Concílio da Igreja ocorrido em Jerusalém, e descrito em Atos 15, tratou justamente da obrigatoriedade, ou não, dos gentios cumprirem as ordenanças da Lei:

Alguns homens desceram da Judéia para Antioquia e passaram a ensinar aos irmãos: "Se vocês não forem circuncidados conforme o costume ensinado por Moisés, não poderão ser salvos." Isso levou Paulo e Barnabé a uma grande contenda e discussão com eles. Assim, Paulo e Barnabé foram designados, junto com outros, para irem a Jerusalém tratar dessa questão com os apóstolos e com os presbíteros. At 15: 1-2 (NVI).

A nascente igreja cristã, recém-formada, enfrenta ali seu primeiro dilema teológico como bem explica Kelly (2007, p. 127):

Em aproximadamente 52 dC, vinte anos depois do Calvário, esta igreja fundacional em Jerusalém ainda não enfrentara a questão da lei no que se refere aos gentios. Estes cristãos judeus ainda se sentiam confortáveis em ir simplesmente adicionando os ensinamentos cristãos ao lado de todas as suas tradições judaicas. Muito provavelmente os cristãos gentios dentre seus membros haviam sido circuncidados e a questão não tivesse emergido. Agora

que Paulo tinha voltado com o testemunho de muitas centenas de crentes gentios não circuncidados, a questão chegou a uma crise, algo deveria ser decidido. (tradução nossa).

A decisão, tomada pelos presentes àquele concílio, foi de que o cumprimento de ordenanças da Lei não deveria ser imposto aos gentios, e enviaram a decisão às igrejas, a qual continha a seguinte recomendação:

Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não impor a vocês nada além das seguintes exigências necessárias: Que se abstenham de comida sacrificada aos ídolos, do sangue, da carne de animais estrangulados e da imoralidade sexual. Vocês farão bem em evitar essas coisas. "Que tudo lhes vá bem." At 15:28-29 (NVI).

Houve alegria da parte de toda a igreja primitiva:

Os irmãos a leram e se alegraram com a sua animadora mensagem." Atos 15:31 (NVI).

Interessante o fato de que nada foi falado sobre a entrega de dízimos, como bem demonstra Parker (2003, p. 88):

Eles decidiram impor aos crentes gentios a ordem de se absterem de certas coisas, mas eles não disseram aos gentios para dizimarem. [...] Esta teria sido a oportunidade perfeita para afirmarem a necessidade de dizimar, mas nós não achamos isto estabelecido." (tradução nossa).

Este fato é de grande importância, pois os gentios não eram judeus, pouco ou nada conheciam da cultura judaica, muito menos da Lei Mosaica. Desta forma seria importantíssimo o ensino sobre o dizimar a estes povos, caso a igreja de Atos entendesse que o cristão na Nova Aliança deveria dizimar. Como nada foi falado sobre o assunto, ficaram assim todos os gentios, que nada sabiam sobre o dízimo judaico, desobrigados de entregá-lo, pelo simples fato de que agora estavam vivendo na Nova Aliança, uma nova realidade diferente da Antiga Aliança, suas ordenanças e seus dízimos. Esta

linha de raciocínio se comprova no fato de que nenhum dos escritos da Nova Aliança ensina o dizimar a ninguém, nunca.

Houve também na Galácia este movimento herético de volta às práticas da Lei que foi prontamente reprovado por Paulo, que inclusive chamou os que assim estavam a proceder de “insensatos” e de estarem “debaixo de maldição”:

Ó gálatas insensatos! Quem os enfeitiçou? Não foi diante dos seus olhos que Jesus Cristo foi exposto como crucificado? Gostaria de saber apenas uma coisa: foi pela prática da Lei que vocês receberam o Espírito, ou pela fé naquilo que ouviram? Será que vocês são tão insensatos que, tendo começado pelo Espírito, querem agora se aperfeiçoar pelo esforço próprio? Será que foi inútil sofrerem tantas coisas? Se é que foi inútil! Aquele que lhes dá o seu Espírito e opera milagres entre vocês realiza essas coisas pela prática da Lei ou pela fé com a qual receberam a palavra? [...] Já os que se apoiam na prática da Lei estão debaixo de maldição, pois está escrito: “Maldito todo aquele que não persiste em praticar todas as coisas escritas no livro da Lei.” É evidente que diante de Deus ninguém é justificado pela Lei, pois “o justo viverá pela fé.” A lei não é baseada na fé; ao contrário, “quem praticar estas coisas, por elas viverá.” Cristo nos redimiu da maldição da Lei quando se tornou maldição em nosso lugar, pois está escrito: “Maldito todo aquele que for pendurado num madeiro.” Gl 3:1-5, 10-13 (NVI).

Alguém poderia argumentar que estas tentativas de volta às práticas da Lei estavam boa parte delas ligadas à circuncisão, e não ao dízimo, crendo assim que o dizimar não é uma volta à Lei. Ambos foram praticados antes da Lei, tornaram-se parte da Lei e merecem o mesmo tratamento quando analisados à luz da Nova Aliança, como bem demonstra Wells (2007, p.9):

A circuncisão era a porta de entrada de volta à Lei nos dias de Paulo. Hoje em dia é o dízimo, quando é feito como uma exigência, como tem sido na maioria dos casos. A maioria dos cristãos nunca considera que seja um caminho de volta para a Lei pois proporciona renda para a igreja, então, com certeza, Deus deve endossá-lo. (tradução nossa).

O cristão vive pela fé e não pelo esforço próprio, buscando se justificar pelas obras. O cristão não está mais debaixo das ordenanças da Lei. Isto já foi discutido e decidido nos primórdios do cristianismo e, hoje, alguns ainda distorcem o cristianismo, impondo um jugo da Lei em plena Nova Aliança, devendo o cristão posicionar-se de acordo com a Bíblia, independente de quem o esteja a incomodar com esta doutrina equivocada, como bem advoga Parker (2003, p. 101):

Não permita que ninguém, seja ele um pastor, um pregador, ou mesmo apenas um amigo bem-intencionado, coloque em você um jugo de escravidão da lei do Antigo Testamento. Você foi liberto da escravidão, e você certamente não quer obrigar-se a uma vida debaixo de toda a Lei! (tradução nossa).

O cristão deve assim alimentar-se de todos os escritos da Bíblia Sagrada sem, contudo, se esquecer da instrução de Paulo aos romanos:

Sabemos que tudo o que a Lei diz, o diz àqueles que estão debaixo dela, para que toda boca se cale e todo o mundo esteja sob o juízo de Deus. Portanto, ninguém será declarado justo diante dele baseando-se na obediência à Lei, pois é mediante a Lei que nos tornamos plenamente conscientes do pecado. Mas agora se manifestou uma justiça que provém de Deus, independente da Lei, da qual testemunham a Lei e os Profetas, justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo para todos os que creem. Não há distinção, pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente por sua graça, por meio da redenção que há em Cristo Jesus. Deus o ofereceu como sacrifício para propiciação mediante a fé, pelo seu sangue, demonstrando a sua justiça. Em sua tolerância, havia deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; mas, no presente, demonstrou a sua justiça, a fim de ser justo e justificador daquele que tem fé em Jesus. Onde está, então, o motivo de vanglória? É excluído. Baseado em que princípio? No da obediência à Lei? Não, mas no princípio da fé. Pois sustentamos que o homem é justificado pela fé, independente da obediência à Lei. Deus é Deus apenas dos judeus? Ele não é

também o Deus dos gentios? Sim, dos gentios também, visto que existe um só Deus, que pela fé justificará os circuncisos e os incircuncisos. Anulamos então a Lei pela fé? De maneira nenhuma! Ao contrário, confirmamos a lei. Rm 3:19-31 (NVI).

Que grande notícia! Os cristãos são justificados gratuitamente pela graça de Deus por meio da redenção que há em Cristo Jesus, o qual Deus ofereceu como sacrifício para a propiciação mediante a fé, pelo seu sangue! O cumprimento da Lei e de suas ordenanças, como o dízimo, não tem nada a ver com a vida do cristão justificado gratuitamente pela graça de Deus através de Jesus.

Muitos querem escravizar os cristãos com tradições humanas sem base bíblica, como a cobrança de dízimos, que hoje é apenas uma ordenança caduca da Lei que não tem nada a ver com os cristãos na Nova Aliança.

Jesus Cristo cancelou na cruz do Calvário a escrita de dívida da Lei que consistia em ordenanças, e a removeu pregando-a na cruz, como explica Paulo aos Colossenses:

Tenham cuidado para que ninguém os escravize a filosofias vãs e enganosas, que se fundamentam nas tradições humanas e nos princípios elementares deste mundo, e não em Cristo. Pois em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade, e, por estarem nele, que é o Cabeça de todo poder e autoridade, vocês receberam a plenitude. Nele também vocês foram circuncidados, não com uma circuncisão feita por mãos humanas, mas com a circuncisão feita por Cristo, que é o despojar do corpo da carne. Isso aconteceu quando vocês foram sepultados com ele no batismo, e com ele foram ressuscitados mediante a fé no poder de Deus que o ressuscitou dentre os mortos. Quando vocês estavam mortos em pecados e na incircuncisão da sua carne, Deus os vivificou juntamente com Cristo. Ele nos perdoou todas as transgressões, e cancelou a escrita de dívida, que consistia em ordenanças, e que nos era contrária. Ele a removeu, pregando-a na cruz, e, tendo despojado os poderes e as autoridades, fez deles um espetáculo público, triunfando sobre eles na cruz. Portanto, não permitam que ninguém os julgue pelo que vocês comem ou bebem, ou com relação a alguma festividade religiosa ou à celebração das luas

novas ou dos dias de sábado. Estas coisas são sombras do que haveria de vir; a realidade, porém, encontra-se em Cristo. Cl 2: 8-17 (NVI).

Esta é a nova vida em Cristo. As ordenanças nos impunham uma escrita de dívida que foi pregada na cruz por Jesus, que anulou em seu corpo a lei dos mandamentos que muitos hoje querem trazer de volta com a exigência da entrega de dízimos. Esta ordenança foi anulada no corpo de Cristo, como bem explica ele aos Efésios:

Pois ele é a nossa paz, o qual de ambos fez um e destruiu a barreira, o muro de inimizade, anulando em seu corpo a Lei dos mandamentos expressa em ordenanças. O objetivo dele era criar em si mesmo, dos dois, um novo homem, fazendo a paz, e reconciliar com Deus os dois em um corpo, por meio da cruz, pela qual ele destruiu a inimizade. Ef 2:14-16 (NVI).

A obra de Cristo aniquilou estas ordenanças antes prescritas que eram contra nós:

Estes versos mostram claramente que as ordenanças, incluindo o dízimo, eram nossas inimigas e que Jesus as aboliu na sua carne fazendo com que o inimigo (ordenanças) fosse aniquilado! Isto também destruiu o muro entre os judeus e os gregos (gentios). (WELLS, 2007, p. 101-102, tradução nossa).

Ler o livro de Malaquias no culto cristão e dizer que quem não der o dízimo está roubando a Deus, ou seja, está em dívida com Deus, é cobrar uma "escrita de dívida" que já foi cancelada na cruz, é tentar anular a obra de Cristo no Calvário, é uma ofensa direta a Deus, uma verdadeira heresia!

Tal fato é fruto da tentativa de unir alianças que são totalmente distintas e inconciliáveis, cujas diferenças entre elas bem demonstra Wells (2007, p. 2):

Uma delas é a Velha Aliança proporcionando benefícios para o homem dependendo da atuação dele, enquanto a outra é a Nova Aliança, que oferece benefícios para o homem com base na atuação

de Jesus. Uma é a graça, a outra é obras, que incluiria o dízimo, a circuncisão, a observância do sábado, sacrifícios de animais, e muitas outras coisas. (tradução nossa).

Fica assim claramente demonstrada a impossibilidade, de acordo com a Bíblia, da união da Antiga Aliança com a Nova Aliança. Não se pode e nem se deve tentar cumprir partes da Lei vivendo na graça de Cristo, como muitos estão tentando:

Eles estão tentando viver de acordo com ambas as alianças. A cada dia, princípios obsoletos são ensinados à igreja como 'evangelho', mas poucos lhe dão uma maior atenção porque 'eles vieram da Bíblia' e foram misturados com versículos do Novo Testamento. (WELLS, 2007, p. 2, tradução nossa).

É imprescindível ao cristão o pleno conhecimento da aliança na qual ele vive, para que possa assim usufruir de tudo o que ela oferece e não ser enganado com heresias que distorcem a verdade do Evangelho.

3.3 A vida na Nova Aliança, a vida em Cristo

O conhecimento da vida na Nova Aliança leva o cristão a perceber de forma mais clara a grandeza da obra de Deus através de Jesus Cristo. Muitos não têm a menor noção da situação em que se encontram, o que os conduz a uma vida aquém daquela desejada por Deus.

A primeira característica é a menos percebida. Na cultura popular, todos os homens são filhos de Deus, mas o fato é que, segundo a Bíblia, todos são criaturas de Deus, e só após a conversão genuína é que passam à condição de *filhos de Deus*:

Contudo, aos que o receberam, aos que creram em seu nome, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus, os quais não nasceram por descendência natural, nem pela vontade da carne nem pela vontade de algum homem, mas nasceram de Deus. Jo 1:12-13 (NVI).

De forma semelhante, João destaca este maravilhoso fato em sua primeira carta:

Vejam como é grande o amor que o Pai nos concedeu: sermos chamados filhos de Deus, o que de fato somos! Por isso o mundo não nos conhece, porque não o conheceu. Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser, mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, pois o veremos como ele é. 1 Jo 3:1-2 (NVI).

Esta adoção não tem relação com obras ou méritos humanos. Ela foi alcançada apenas mediante a fé:

Todos vocês são filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus, pois os que em Cristo foram batizados, de Cristo se revestiram. Gl 3:26-27 (NVI).

Existe também a premissa popular de que Deus é bom e de que todos terão a chance de irem morar no céu, nem que para isso tenham que por algum tempo sofrerem para pagarem por seus pecados, mas a Bíblia diz que apenas os *nascidos de novo* entrarão no Reino de Deus:

Respondeu Jesus: "Digo-lhe a verdade: Ninguém pode entrar no Reino de Deus, se não nascer da água e do Espírito. O que nasce da carne é carne, mas o que nasce do Espírito é espírito. Não se surpreenda pelo fato de eu ter dito: É necessário que vocês nasçam de novo. O vento sopra onde quer. Você o escuta, mas não pode dizer de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todos os nascidos do Espírito". Jo 3:5-8 (NVI).

O homem estava na condição de escravo da carne, dominado pelo pecado e em Cristo ele passou a ser realmente *liberto do pecado*:

Pois sabemos que o nosso velho homem foi crucificado com ele, para que o corpo do pecado seja destruído, e não mais sejamos escravos do pecado. Rm 6:6 (NVI).

Como Paulo também explica ainda na Carta aos Romanos:

[...] porque por meio de Cristo Jesus a lei do Espírito de vida me libertou da lei do pecado e da morte. Porque, aquilo que a lei fora incapaz de fazer por estar enfraquecida pela carne, Deus o fez, enviando seu próprio Filho, à semelhança do homem pecador, como oferta pelo pecado. E assim condenou o pecado na carne, a fim de que as justas exigências da lei fossem plenamente satisfeitas em nós, que não vivemos segundo a carne, mas segundo o Espírito. Rm 8:2-4 (NVI).

Esta libertação passou pela crucificação de Jesus Cristo e o cristão, filho de Deus, nascido de novo e liberto também foi *crucificado com Cristo*, como bem atenta Paulo:

Fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. A vida que agora vivo no corpo, vivo-a pela fé no filho de Deus, que me amou e se entregou por mim. Gl 2:20 (NVI).

Na crucificação Cristo se entregou por amor a nós; Ele morreu e *nós morremos com Cristo*:

Ora, se morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos." Rm 6:8 (NVI).

Morremos, mas não apenas morremos, nós viveremos com Cristo:

Esta palavra é digna de confiança: Se morremos com ele, com ele também viveremos. 2 Tm 2:11 (NVI).

E o cristão viverá não como antes, mas sendo uma nova criação:

De nada vale ser circuncidado ou não. O que importa é ser uma nova criação. Gl 6:15 (NVI).

Pois as coisas antigas já passaram:

Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas!" 2 Cor 5:17 (NVI).

Fomos também *sepultados com Cristo* por meio do batismo:

Portanto, fomos sepultados com ele na morte por meio do batismo, a fim de que, assim como Cristo foi ressuscitado dos mortos mediante a glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova. Se dessa forma fomos unidos a ele na semelhança da sua morte, certamente o seremos também na semelhança da sua ressurreição. Rm 6:4-5 (NVI).

Como Paulo bem explica aos Colossenses:

Isso aconteceu quando vocês foram sepultados com ele no batismo, e com ele foram ressuscitados mediante a fé no poder de Deus que o ressuscitou dentre os mortos. Cl 2:12 (NVI).

Os colossenses tomaram conhecimento que não apenas foram sepultados no batismo com Ele, mas também foram *ressuscitados* com Cristo mediante a fé e Deus nos fez *assentar nos lugares celestiais* em Cristo Jesus:

[...] deu-nos vida com Cristo, quando ainda estávamos mortos em transgressões — pela graça vocês são salvos. Deus nos ressuscitou com Cristo e com ele nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus. Ef 2:5-6 (NVI).

Estando nestes lugares celestiais, nós *já fomos abençoados com todas as bênçãos espirituais em Cristo*. A nossa bênção não está vinculada a qualquer obra que acaso possamos fazer, como a entrega de dízimos, que condicionava as bênçãos de quem estava vivendo na Antiga Aliança:

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestiais em Cristo. Ef 1:3 (NVI).

As bênçãos dos céus já nos foram dadas. Elas não estão presas, trancadas, aguardando a entrega de um dízimo:

Pare de tentar abrir as janelas do céu e obter uma bênção derramada. Pare de buscar algo que você já tem. (NARRAMORE, 2004, p. 137, tradução nossa).

Tudo de que o cristão precisa para a vida já lhe foi dado:

Seu divino poder nos deu tudo de que necessitamos para a vida e para a piedade, por meio do pleno conhecimento daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude. 2 Pe 1:3 (NVI).

Estas bênçãos, Paulo chama de *todas as coisas que nos são dadas de graça*, da mesma forma que *Deus entregou seu próprio Filho por nós*:

Aquele que não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós, como não nos dará juntamente com ele, e de graça, todas as coisas? Rm 8:32 (NVI).

Através da entrega do Filho pelo Pai nós *fomos reconciliados com Deus*:

Tudo isso provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação. 2 Co 5:18 (NVI).

Tendo sido ressuscitado com Cristo e estando com Ele nos lugares celestiais o cristão não amará este mundo, mas estará *procurando as coisas que são do alto*:

Portanto, já que vocês ressuscitaram com Cristo, procurem as coisas que são do alto, onde Cristo está assentado à direita de Deus. Cl 3:1 (NVI).

Esta procura das coisas do alto é feita não através de uma vida conforme a carne, mas sim fazendo morrer os atos do corpo, já que os cristãos *receberam o Espírito de Deus e são guiados em todas as coisas pelo Espírito de Deus como herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo*:

Pois se vocês viverem de acordo com a carne, morrerão; mas, se pelo Espírito fizerem morrer os atos do corpo, viverão, porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Pois vocês não receberam um espírito que os escravize para novamente temer, mas receberam o Espírito que os adota como filhos, por meio do qual clamamos: "Aba, Pai." O próprio Espírito testemunha ao nosso espírito que somos filhos de Deus. Se somos filhos, então somos herdeiros; herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo, se de fato participamos dos seus sofrimentos, para que também participemos da sua glória. Rm 8:13-17 (NVI).

Sendo co-herdeiros com Cristo nós somos co-proprietários de tudo, desta forma Paulo disse que tudo é nosso:

Portanto, ninguém se glorie em homens; porque todas as coisas são de vocês, seja Paulo, seja Apolo, seja Pedro, seja o mundo, a vida, a morte, o presente ou o futuro; tudo é de vocês, e vocês são de Cristo, e Cristo, de Deus. 1 Co 3:21-23 (NVI).

Se tudo é nosso e somos co-herdeiros com Cristo, então é impossível roubarmos aquilo que já é nosso! Na Antiga Aliança os judeus não eram co-herdeiros com Cristo, daí o dízimo era de Deus e podia sim ser roubado. Na Nova Aliança isto é impossível, pois:

Não temos bens que são nossos separadamente de Jesus Cristo. Tudo pertence a Ele e a nós conjuntamente, então não há tal coisa de roubar a Deus por não dizimar. O compromisso neste pacto é de 100 por cento de ambas as partes. A questão não é o dizimar; é

seguir a orientação do Espírito Santo em todos os momentos. (NARRAMORE, 2004, p. 74, tradução nossa).

Por meio da ressurreição de Cristo *nós fomos regenerados por Deus para uma esperança viva que não pode perecer*:

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo! Conforme a sua grande misericórdia, ele nos regenerou para uma esperança viva, por meio da ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança que jamais poderá perecer, macular-se ou perder o seu valor. Herança guardada nos céus para vocês que, mediante a fé, são protegidos pelo poder de Deus até chegar a salvação prestes a ser revelada no último tempo. 1 Pe 1:3-5 (NVI).

Tendo sidos *regenerados pela Palavra de Deus*:

Vocês foram regenerados, não de uma semente perecível, mas imperecível, por meio da palavra de Deus, viva e permanente. 1 Pe 1:23 (NVI).

O cristão foi resgatado do domínio das trevas e está nos lugares celestiais, procurando as coisas do alto, pois ele foi *transportado para o Reino do Filho amado de Deus* tendo sido *redimidos de todo pecado*, tendo assim *seus pecados perdoados*:

Pois ele nos resgatou do domínio das trevas e nos transportou para o Reino do seu Filho amado, em quem temos a redenção, a saber, o perdão dos pecados. Cl 1: 13-14 (NVI).

O incrível neste relacionamento do homem com Deus é que *Jesus Cristo estará no cristão, como Ele está em Deus*:

Naquele dia compreenderão que estou em meu Pai, vocês em mim, e eu em vocês." Jo 14:20 (NVI).

O cristão, desta forma, é *um espírito com Deus*:

Mas aquele que se une ao Senhor é um espírito com ele. 1 Co 6:17 (NVI).

Sabendo o cristão que permanece nele, pois *Ele lhes deu do seu Espírito*:

Sabemos que permanecemos nele, e ele em nós, porque ele nos deu do seu Espírito. 1 Jo 4:13 (NVI).

Como bem explica Paulo aos coríntios:

Nós, porém, não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito procedente de Deus, para que entendamos as coisas que Deus nos tem dado gratuitamente. 1 Co 2:12 (NVI).

E não apenas nos deu, mas de fato o *Espírito de Deus habita nos filhos de Deus*:

Entretanto, vocês não estão sob o domínio da carne, mas do Espírito, se de fato o Espírito de Deus habita em vocês. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, não pertence a Cristo. Mas se Cristo está em vocês, o corpo está morto por causa do pecado, mas o espírito está vivo por causa da justiça. E, se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vocês, aquele que ressuscitou a Cristo dentre os mortos também dará vida a seus corpos mortais, por meio do seu Espírito, que habita em vocês. Rm 8:9-11 (NVI).

Tendo sido *selados com o Espírito Santo*:

Quando vocês ouviram e creram na palavra da verdade, o evangelho que os salvou, vocês foram selados em Cristo com o Espírito Santo da promessa, que é a garantia da nossa herança até a redenção daqueles que pertencem a Deus, para o louvor da sua glória. Ef 1:13-14.

Desta forma fica claro que *Deus e Jesus farão assim morada no cristão*:

Respondeu Jesus: "Se alguém me ama, obedecerá a minha palavra. Meu Pai o amará, nós viremos a ele e faremos morada nele." Jo 14:23 (NVI).

Este é um grandioso e glorioso mistério:

[...] o mistério que esteve oculto durante épocas e gerações, mas que agora foi manifestado a seus santos. A eles quis Deus dar a conhecer entre os gentios a gloriosa riqueza deste mistério, que é Cristo em vocês, a esperança da glória. Cl 1: 26-27 (NVI).

Vivendo desta forma *o cristão é santuário de Deus*:

Vocês não sabem que são santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vocês? 1 Co 3:16 (NVI).

Desta forma *o cristão não é mais de si próprio*:

Acaso não sabem que o corpo de vocês é santuário do Espírito Santo que habita em vocês, que lhes foi dado por Deus, e que vocês não são de si mesmos? 1 Co 6:19 (NVI).

Sendo santuário de Deus, *o cristão não pode ter ídolos* em sua vida, seja uma estátua, dinheiro, o cônjuge, o trabalho ou qualquer outro tipo de ídolo:

Que acordo há entre o templo de Deus e os ídolos? Pois somos santuário do Deus vivo. Como disse Deus: "Habitarei com eles e entre eles andarei; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo." 2 Co 6:16 (NVI).

Ou seja, o cristão precisa sempre provar a si mesmo pois *Jesus Cristo está nele*:

Examinem-se para ver se vocês estão na fé; provem-se a si mesmos. Não percebem que Cristo Jesus está em vocês? A não ser que tenham sido reprovados! 2 Co 13:5 (NVI).

O cristão é, desta forma, *participante da natureza divina*:

Por intermédio destas ele nos deu as suas grandiosas e preciosas promessas, para que por elas vocês se tornassem participantes da natureza divina e fugissem da corrupção que há no mundo, causada pela cobiça. 2 Pe 1:4 (NVI).

Tendo sido *redimidos e adotados como filhos*:

Mas, quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido debaixo da Lei, a fim de redimir os que estavam sob a Lei, para que recebêssemos a adoção de filhos. E, porque vocês são filhos, Deus enviou o Espírito de seu Filho ao coração de vocês, e ele clama: "Aba, Pai". Assim, você já não é mais escravo, mas filho; e, por ser filho, Deus também o tornou herdeiro. Gl 4:4-7 (NVI).

Morrendo para este mundo, *não estando mais submissos a regras legalistas*:

Já que vocês morreram com Cristo para os princípios elementares deste mundo, por que, como se ainda pertencessem a ele, vocês se submetem a regras: "Não manuseie!" "Não prove!" "Não toque!" Todas essas coisas estão destinadas a perecer pelo uso, pois se baseiam em mandamentos e ensinos humanos. Essas regras têm, de fato, aparência de sabedoria, com sua pretensa religiosidade, falsa humildade e severidade com o corpo, mas não têm valor algum para refrear os impulsos da carne. Cl 2:20-23 (NVI).

Pois *não se está mais debaixo da Lei, mas debaixo da graça*:

Pois o pecado não os dominará, porque vocês não estão debaixo da Lei, mas debaixo da graça. Rm 6:14 (NVI).

Tendo sido *lavados, santificados e justificados*:

Mas vocês foram lavados, foram santificados, foram justificados no nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito de nosso Deus. 1 Co 6:11b (NVI).

Tornando-se *embaixadores de Cristo e justiça de Deus*:

Portanto, somos embaixadores de Cristo, como se Deus estivesse fazendo o seu apelo por nosso intermédio. Por amor a Cristo lhes suplicamos: Reconciliem-se com Deus. Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus. 2 Co 5:20-21 (NVI).

Deve, portanto, o cristão *despir-se do velho homem e revestir-se do novo homem*:

Quanto à antiga maneira de viver, vocês foram ensinados a despir-se do velho homem, que se corrompe por desejos enganosos, a serem renovados no modo de pensar e a revestir-se do novo homem, criado para ser semelhante a Deus em justiça e em santidade provenientes da verdade. Ef 4: 22-24 (NVI).

Este novo homem, que vive na Nova Aliança, precisa conhecer todas estas suas características, toda a grandeza da obra de Deus em sua vida. O não conhecimento de sua situação leva o cristão a pensar que precisa ainda cumprir requisitos da Lei, como a entrega de dízimos, para que seja abençoado. Um ledo engano.

Deus já nos deu tudo. É necessário apenas se conscientizar de sua posição e assim levar uma vida em uma realidade inimaginável para qualquer um que vivia debaixo da Lei.

Abraão, Isaque, Jacó e seus descendentes que viviam na Antiga Aliança, a que instituiu o dízimo obrigatório, incluindo Moisés e os apóstolos de Jesus, por exemplo, jamais sonharam que um dia teriam todas estas características e benefícios que o cristão tem, a saber:

Filhos de Deus mediante a fé, nascidos de novo, libertos do pecado, crucificados com Cristo, tendo morrido com Cristo, vivendo hoje com Cristo sendo uma nova criação.

Sepultados com Cristo por meio do batismo, ressuscitados com Cristo mediante a fé, assentados nos lugares celestiais, abençoados com todas as bênçãos espirituais em Cristo. Tendo tudo de que precisa para a vida, tendo recebido todas as coisas que foram dadas de graça da mesma forma que Deus entregou seu próprio Filho.

Reconciliados com Deus, procurando assim as coisas que são do alto, tendo recebido o Espírito de Deus e sendo guiados em todas as coisas por Ele, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo. Regenerados por Deus para uma esperança viva que não pode perecer, regenerados pela Palavra de Deus, transportados para o Reino do Filho amado de Deus, redimidos de todo pecado, tendo assim seus pecados perdoados, tendo em si a Jesus Cristo como Ele está em Deus, é um espírito com Deus, já tendo recebido do seu Espírito, Espírito de Deus que habita nele.

Tendo sido selados com o Espírito Santo, tendo Deus e Jesus fazendo morada em si, pois o cristão é santuário de Deus, não sendo mais ele de si próprio, e não tendo ídolos, pois Jesus Cristo está nele e ele é participante da natureza divina. Tendo sido redimidos e adotados como filhos, não estando mais submissos a regras legalistas, pois não se está mais debaixo da Lei, mas debaixo da graça, lavados, santificados e justificados, embaixadores de Cristo e justiça de Deus, revestidos assim do novo homem!

As promessas de Malaquias não chegam nem perto destas aqui descritas. Nada mais precisa ser feito, Jesus já consumou tudo na cruz!

Esta é a vida na Nova Aliança, a vida em Cristo que já está disponível a todos os cristãos, eles a têm, mas não a conhecem, não sabem quase nada e assim ficam voltando aos pobres rudimentos da Lei, buscando bênçãos advindas das obras, querendo sair desta maravilhosa graça, retroceder, desprezar de fato tudo isto que já é seu e que custou o preço da vida do Filho de Deus. Como o dízimo judaico nada tem a ver com o cristão, é necessário conhecer o que a Bíblia ensina sobre o dar a Deus na Nova Aliança.

4. O dar na Nova Aliança

A primeira reação das pessoas ao ouvirem uma argumentação contrária à cobrança de dízimos é a demonstração de preocupação com o sustento da obra. “A igreja vai falir” é uma frase recorrente que causa arrepios em boa parte dos membros do clero. Os escritos da Nova Aliança trazem todas as instruções necessárias ao dar para o sustento da obra.

Percebe-se, na leitura dos capítulos anteriores, que os equívocos doutrinários e suas respectivas conclusões heréticas surgem do fato de que as pessoas não recorrem mais às Escrituras quando precisam se posicionar sobre as doutrinas pregadas. Antes, preferem confiar no carisma do pregador ou descansar na tradição de sua denominação.

Nesta época ocorre um fato inusitado: as pessoas tem grande facilidade de acesso a muito conhecimento tanto na literatura tradicional quanto na *internet*, e ao mesmo tempo nota-se uma extrema preguiça de ler e estudar assuntos teológicos.

É difícil consertar os enganos de uma heresia na mente dos cristãos, principalmente quando estes cristãos não querem sequer se dar ao trabalho de estudarem os textos bíblicos.

Existe ainda uma pergunta visivelmente equivocada sobre dízimo: aonde o dízimo foi revogado? O interlocutor geralmente exige que se mostre uma frase explícita como, por exemplo, “o dízimo está revogado”. Ocorre aí uma tentativa de inversão do ônus da prova. Cabe a quem pergunta provar que o dízimo foi instituído aos cristãos nos escritos da Nova Aliança, pois uma lei só pode ser revogada após ser criada.

Nenhum texto da Nova Aliança institui o dízimo aos cristãos, ou seja, é impossível haver a revogação de um ensino que nunca existiu. Convém recordar que a maioria dos cristãos era de nações que nada, ou quase nada, conheciam da Lei Mosaica e de seus dízimos.

Percebe-se que não existe base bíblica para se chamar de dízimo os 10% hoje requeridos, pois o que se chama dízimo nos dias de hoje nada tem a ver com o dízimo bíblico:

Cristãos hoje não estão realmente dizimando, então eles deveriam parar de se referir ao que estão dando como sendo dízimo. (WEBB; WEBB MITCHELL, 1998, p. 81, tradução nossa).

A partir destes pressupostos, se torna prudente o estudo de todos os textos que mencionam o dar na Nova Aliança como forma de se apreender claramente o que a Palavra nos ensina.

A palavra dízimo aparece em um texto nos escritos da Nova Aliança, o que leva muitos a conclusões equivocadas e nos conduz à necessária análise detalhada deste trecho na Carta aos Hebreus.

4.1 O termo "dízimo" nos escritos da Nova Aliança

O termo dízimo só aparece em um texto nos escritos da Nova Aliança, no livro de Hebreus:

Porque este Melquisedeque, que era rei de Salém e sacerdote do Deus Altíssimo, e que saiu ao encontro de Abraão quando ele regressava da matança dos reis, e o abençoou; a quem também Abraão deu o dízimo de tudo, e primeiramente é, por interpretação, rei de justiça e depois também rei de Salém, que é rei de paz; sem pai, sem mãe, sem genealogia, não tendo princípio de dias nem fim de vida, mas, sendo feito semelhante ao Filho de Deus, permanece sacerdote para sempre. Considerai, pois, quão grande era este, a quem até o patriarca Abraão deu os dízimos dos despojos. E os que dentre os filhos de Levi recebem o sacerdócio têm ordem, segundo a lei, de tomar o dízimo do povo, isto é, de seus irmãos, ainda que tenham descendido de Abraão. Mas aquele cuja genealogia não é contada entre eles tomou dízimos de Abraão e abençoou o que tinha as promessas. Ora, sem contradição alguma, o menor é abençoado pelo maior. E aqui certamente tomam dízimos homens que morrem; ali, porém, aquele de quem se testifica que vive. Hb 7:1-8 (ARC).

Afirmar que os crentes dão dízimos porque Abraão deu um dízimo a Melquisedeque seria o mesmo que dizer que basta dar um dízimo em sua vida, como Abraão fez, pois a Palavra não menciona outro dízimo, e este dízimo que você dará será de uma fonte

incomum, como foi o dízimo dos despojos que nem pertenciam a Abraão, e nunca do seu aumento de riquezas, já que o dízimo de Abraão não foi de um centavo sequer de seu patrimônio, fato já claramente estudado.

O povo usualmente não estuda a Palavra e pouco sabe dos detalhes sobre o ato de Abraão, aí passa tudo por ensinamento, por obrigação devida ao crente. A defesa da obrigação de dizimar baseando-se neste texto é o que se chama de "forçar o texto", como bem explica Croteau (2010, p. 136):

Se Abraão fosse uma imagem de cristão, seu dízimo era voluntário. Ele ofereceu-o como "uma ação de graças pela vitória." Esta não é a imagem do dízimo durante a aliança mosaica, e nem é o quadro pintado por muitos adeptos do dízimo hoje. Utilizar esta passagem para apoiar o dízimo força a analogia ou a tipologia para mais longe do foi que o próprio autor. (tradução nossa).

O assunto principal do texto é a comparação entre o sacerdócio levítico e o sacerdócio de Melquisedeque. O dízimo ali é um assunto secundário que é apenas mencionado por fazer parte da ilustração que explica o ensino, como bem explica Croteau (2010, p. 136):

O ponto importante a lembrar é o seguinte: o autor de Hebreus estava argumentando pela superioridade de Melquisedeque sobre o sacerdócio levítico. A referência do dízimo é uma afirmação ilustrativa secundária. A mera descrição do dízimo ter ocorrido a qualquer momento não indica a necessidade de sua continuidade. Descrição não se iguala a prescrição. (tradução nossa).

Existe outro equívoco, neste caso, na interpretação do versículo 8, como bem demonstra Narramore (2004, p. 145):

Este versículo é interpretado incorretamente por alguns para dizer vigorosamente: E aqui (na Nova Aliança), os homens que morrem (os nossos pastores e outros ministros) recebem os dízimos (a partir de cristãos nascidos de novo), porém ali (no céu), os recebe aquele (Jesus) (é aquele que atualmente os recebe) de quem se testifica

que vive. Essa interpretação errônea do verso não compreende o argumento teológico que está sendo feito na passagem. Esta interpretação descuidada é tomada como uma prova bíblica de que o dízimo é a vontade de Deus e o modelo padrão na Nova Aliança. Objetivamente interpretado dentro do seu contexto o versículo está dizendo realmente: E aqui (em Israel no momento em que Hebreus foi escrito) homens (que são os sacerdotes no Antigo Testamento) que (eventualmente) morrem (e são sucedidos por outro homem mortal depois deles) recebem os dízimos (daqueles que estão seguindo a Lei de Moisés), porém ali (2.000 anos antes, durante o tempo de Abraão em Gênesis 14) ele (Melquisedeque) os recebe, aquele de quem se testifica que vive. (tradução nossa).

Este texto de Hebreus não prova de forma alguma a obrigatoriedade da entrega de dízimos na Nova Aliança. Se porventura fosse esta a intenção do autor, o mesmo teria formulado um texto claro sobre o assunto, sem a necessidade de se imaginar conjecturas fora do contexto original. Por conseguinte, se este texto fosse interpretado na igreja primitiva como uma ordenança a se dizimar, o ensino seria obviamente repassado às igrejas gentílicas nas diversas cartas escritas, já que o dar é de suma importância na Nova Aliança, mas isto nunca ocorreu.

O ensino do dar contido nos diversos textos da Nova Aliança conduz o leitor a uma conduta diametralmente oposta a de Abraão ou a da Lei Mosaica em relação a este assunto, como se vê a seguir.

4.2 O dar na igreja cristã

Convém ressaltar, antes de se analisar a Palavra, a necessidade de não se buscar posicionamentos baseados em opiniões pessoais, mas observar-se de forma honesta os textos bíblicos sobre o assunto. Quem exerce a função do ensino precisa colocar a Bíblia como suprema autoridade nos assuntos correlatos a Deus e a seus filhos e precisa ter muita cautela com o que afirma para não induzir outros ao erro.

Partindo deste pressuposto é salutar a busca dos diversos textos nos escritos da Nova Aliança sobre o dar na igreja para que se forme um posicionamento fundamentado na Palavra. A análise dos textos seguirá a sequência na qual os mesmos aparecem na Bíblia e fornecerá amplos subsídios pra que se compreenda claramente qual deve ser a postura cristã sobre as contribuições para a obra.

Interessante perceber que o foco principal do dar na Nova Aliança é o outro, o próximo, e não a igreja como instituição. A igreja como instituição surgiu de forma inevitável a partir dos pequenos grupos, mas nunca esta igreja como instituição foi prioridade, sempre o necessitado era o alvo maior da mensagem, conjuntamente com o sustento dos obreiros:

Nota-se que nos textos do Novo Testamento que versam sobre contribuição, sempre estão direcionando as contribuições a ajudar os irmãos na fé. Não há textos em que se destinam ofertas para comprar terrenos, prédios, novas instalações, sistema de som, computadores, etc. Embora não seja errado a igreja ser proprietária de seus próprios edifícios e equipamentos, o que se observa atualmente é um empenho monumental em conseguir mais dinheiro para construir notáveis catedrais ornadas luxuosamente para abrigar multidões de pessoas sem nome, sem endereço, sem assistência pastoral, sem compromisso com a santidade, enfim, uma massa humana disposta a, simplesmente, trocar orações por dinheiro. (ROSA, 2009, p.90).

O que ocorreu de fato foi que, com o passar dos anos, houve um acúmulo de recursos em posse da instituição pelo simples fato da mesma não promover a devida distribuição de renda entre os carentes como havia na igreja de Atos:

Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade. At 2:44-45 (ARA).

Não havia necessitados, pois a prioridade não era a construção de megatemplos ou o enriquecimento dos líderes com

salários extravagantes. Havia naquela igreja o real amor pelo próximo. As atitudes eram claras, transparentes:

Da multidão dos que creram era um o coração e a alma. Ninguém considerava exclusivamente sua nem uma das coisas que possuía; tudo, porém, lhes era comum. Com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça. Pois nenhum necessitado havia entre eles, porquanto os que possuíam terras ou casas, vendendo-as, traziam os valores correspondentes e depositavam aos pés dos apóstolos; então, se distribuía a qualquer um à medida que alguém tinha necessidade. At 4:32-35 (ARA).

Aquela igreja de Atos não agia desta forma por ingenuidade ou imaturidade, mas simplesmente porque transbordava o amor pelo próximo. O interesse nas coisas materiais estava em segundo plano. A vaidade de uma congregação ser maior que as outras ou de ter o templo mais luxuoso e confortável eram sentimentos inexistentes ali, ao contrário do que se encontra hoje.

De nada adiantava alguém ter muito, viver esbanjando riquezas quando o irmão sentado ao lado padecia com necessidades. O socorro aos necessitados era uma das prioridades ensinadas por Cristo e praticadas naquela comunidade, como claramente menciona Paulo, frisando que ele não cobiçava riquezas materiais:

De ninguém cobicei prata, nem ouro, nem vestes; vós mesmos sabeis que estas mãos serviram para o que me era necessário a mim e aos que estavam comigo. Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é mister socorrer os necessitados e recordar as palavras do próprio Senhor Jesus: Mais bem-aventurado é dar que receber. At 20:33-35(ARA).

Convém ressaltar neste texto a menção do obreiro que trabalhava pelo seu sustento e pelo sustento dos que com ele estavam. Sua prioridade como líder era o socorrer os necessitados. A menção das palavras de Cristo nos conduz ao texto profético em

que Jesus mostrou claramente a importância de se cuidar dos carentes. Tal ato era similar a cuidar do próprio Cristo:

Então, o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos. Porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; sendo forasteiro, não me hospedastes; estando nu, não me vestistes; achando-me enfermo e preso, não fostes ver-me. E eles lhe perguntarão: Senhor, quando foi que te vimos com fome, com sede, forasteiro, nu, enfermo ou preso e não te assistimos? Então, lhes responderá: Em verdade vos digo que, sempre que o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer. E irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna. Mt 25:41-46 (ARA).

No livro de Romanos encontra-se a menção de que o cristão não deve ser avarento, apegado ao dinheiro, mas que dê com liberalidade e exerça a misericórdia com alegria:

[...] ou o que exorta faça-o com dedicação; o que contribui, com liberalidade; o que preside, com diligência; quem exerce misericórdia, com alegria. Rom 12: 8 (ARA).

Na primeira carta de Paulo aos coríntios encontra-se a primeira menção sobre o sustento dos obreiros:

Se nós vos semeamos as coisas espirituais, será muito recolhermos de vós bens materiais? Assim ordenou também o Senhor aos que pregam o evangelho que vivam do evangelho. 1 Co 9: 11,14 (ARA).

Este é o texto áureo do sustento pastoral: quem cuida das ovelhas deve receber a devida remuneração por seu trabalho. Estaria aí a prova da necessidade de se entregar dízimos na igreja? Poder-se-ia encontrar a situação na qual:

Um pastor ou alguém pode perguntar: "Como os cristãos devem sustentar a igreja e seus pregadores se eles não dizimam?" Quando confrontados com esta questão, basta apontar-lhes a 1 Coríntios 9-

9-14 e pedir-lhes para estudarem como foi feito lá. Os pastores devem apenas informar a suas congregações que aqueles que ensinam e pregam merecem compensação. Se lá as pessoas estão dispostas, e elas devem estar dispostas, uma vez que aprenderam sobre o dadivar bíblico, então eles vão prestar o apoio necessário. (WEBB; WEBB MITCHELL, 1998, p. 243, tradução nossa).

Na mesma carta aos coríntios encontra-se uma recomendação que indica como era realizada a coleta de recursos na igreja:

Quanto à coleta para os santos, fazei vós também como ordenei às igrejas da Galácia. No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte, em casa, conforme a sua prosperidade, e vá juntando, para que se não façam coletas quando eu for. E, quando tiver chegado, enviarei, com cartas, para levarem as vossas dádivas a Jerusalém, aqueles que aprovardes. 1 Co 16: 1-3 (ARA).

Fica claro aqui o princípio da regularidade na coleta, no primeiro dia de cada semana, e o princípio da proporcionalidade, conforme a prosperidade de cada um. Todos os irmãos participam da coleta, mesmo os que ganham menos. Não existe um valor ou percentual pré-determinado, pois esta comunidade, como já anteriormente estudado, é direcionada pelo Espírito Santo e decide suas dádivas pelo amor e não por um dízimo, portanto:

Nenhuma percentagem específica é designada. Este contexto teria sido um lugar ideal para o dízimo entrar na discussão. No entanto, dízimo não é mencionado. De acordo com Paulo, se alguém prosperou muito, ele deveria dar uma grande quantia. Se alguém prosperou apenas um pouco, uma pequena dádiva é completamente aceitável. (CROTAEU, 2010, p. 246, tradução nossa).

No capítulo 8 da segunda carta de Paulo aos coríntios encontramos diversas informações sobre como a igreja deveria conduzir seu caminhar quanto ao sustento da obra, um texto que precisa ser analisado detalhadamente, com as devidas observações inseridas no corpo do texto:

Também, irmãos, vos fazemos conhecer a graça de Deus concedida às igrejas da Macedônia; porque, no meio de muita prova de tribulação, manifestaram abundância de alegria, e a profunda pobreza deles superabundou em grande riqueza da sua generosidade [mesmo na pobreza foram generosos]. Porque eles, testemunho eu, na medida de suas posses e mesmo acima delas, se mostraram voluntários, pedindo-nos, com muitos rogos, a graça de participarem da assistência aos santos [a ajuda era para cristãos necessitados, não para uma instituição]. E não somente fizeram como nós esperávamos, mas também deram-se a si mesmos primeiro ao Senhor, depois a nós, pela vontade de Deus [um dar baseado no relacionamento com Deus]; o que nos levou a recomendar a Tito que, como começou, assim também complete esta graça entre vós. Como, porém, em tudo, manifestais superabundância, tanto na fé e na palavra como no saber, e em todo cuidado, e em nosso amor para convosco, assim também abundeis nesta graça. Não vos falo na forma de mandamento, mas para provar, pela diligência de outros, a sinceridade do vosso amor [dar como fruto do amor cristão, não como mandamento ou ordem imposta]; pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos [dar em resposta a graça de Deus]. E nisto dou minha opinião; pois a vós outros, que, desde o ano passado, principiastes não só a prática, mas também o querer, convém isto. Completai, agora, a obra começada, para que, assim como revelastes prontidão no querer, assim a leveis a termo, segundo as vossas posses. Porque, se há boa vontade, será aceita conforme o que o homem tem e não segundo o que ele não tem. Porque não é para que os outros tenham alívio, e vós, sobrecarga; mas para que haja igualdade, [o dar deve ser feito sem prejudicar o próprio sustento] suprindo a vossa abundância, no presente, a falta daqueles, de modo que a abundância daqueles venha a suprir a vossa falta, e, assim, haja igualdade, como está escrito: O que muito colheu não teve demais; e o que pouco, não teve falta [a distribuição de renda era prioridade na igreja] Mas graças a Deus, que pôs no coração de Tito a mesma solicitude por amor de vós; porque atendeu ao nosso apelo e, mostrando-se mais cuidadoso, partiu voluntariamente para vós outros. E, com ele, enviamos o irmão cujo

louvor no evangelho está espalhado por todas as igrejas. E não só isto, mas foi também eleito pelas igrejas para ser nosso companheiro no desempenho desta graça ministrada por nós, para a glória do próprio Senhor e para mostrar a nossa boa vontade; evitando, assim, que alguém nos acuse em face desta generosa dádiva administrada por nós; pois o que nos preocupa é procedermos honestamente, não só perante o Senhor, como também diante dos homens [existe a clara preocupação de haver transparência no destino dos recursos coletados, fato raro nos dias de hoje]. 2 Co 8: 1-21 (ARA).

O exemplo dos irmão da Macedônia exemplifica de uma forma belíssima a essência do proceder cristão na Nova Aliança:

Em outras palavras, eles não têm muito, mas, irmão, eles sempre dão com liberalidade. E, claro, no versículo 5, ele diz: "Deram-se", a que, "a si mesmos". Eles deram a si mesmos primeiro. Dar não é uma questão de o que você tem. É uma questão de coração. É uma questão de sacrifício que você deseja prestar para com Deus. (MACARTHUR, 1975b, tradução nossa).

O dar na igreja primitiva não era imposto pela cobrança de um dízimo sob ameaça de maldição Antes era fruto de um relacionamento íntimo com Deus, como bem advoga Croteau (2010, p. 248-249):

Desde que dar é ligado a um relacionamento com Deus, não é de estranhar que Paulo diz no verso 8 que dar generosamente comprova a autenticidade do amor cristão por Deus. [...] No v.9 Paulo fornece uma motivação para dar na forma como ele está prescrevendo: Jesus deu a si mesmo. A menção de amor no v.8 induz a esta conclusão. O dar deve ser motivado pelo amor. O amor é a motivação fundamental para o dar na Nova Aliança. Portanto, dar é o motivado pelo amor. Dar tudo o que se tem sem amor resulta em nada (cf. 1 Co 13:3). (tradução nossa).

Não havia um mandamento, uma ordem da Lei, um dízimo ordenado sob pena de maldição, não havia nada disto. O amor

direcionava tudo, nunca uma ordenança legalista, como bem explica o pastor John MacArthur (1975b):

Amor, não lei, e não um sistema legal sob o qual você se encontre. "Não vos falo na forma de mandamento". Agora você captou isso? Este não é um sistema legal. Esta não é uma prescrição de um percentual. "Não vos falo na forma de mandamento, mas para provar, pela diligência de outros, a sinceridade do vosso", o quê, "do vosso amor". Eu estou te falando que toda a informação sobre doação que domina este capítulo, não "por meio de uma ordem, mas simplesmente como uma amostra do seu amor". [...] É para demonstrar o amor, não com tristeza, não por necessidade, não por legalismo, mas por amor. E quando você coloca uma exigência na doação, você dá às pessoas uma lei para cumprirem, em vez de amor, você os tem roubado. (tradução nossa).

Fica claro que muitos procuram um atalho, um caminho mais fácil do legalismo. É mais fácil dizer que as pessoas são obrigadas a cumprir algo, sob a pena de estarem roubando a Deus, do que as conduzir na estrada do novo nascimento, da regeneração, aonde Deus vai transformando o crente e ele vai gradualmente mostrando os frutos do Espírito em sua vida e consequentemente vai amar e se doar ao próximo e à obra de Deus.

Este é o caminho bíblico, não importa quão tentador seja o atalho do legalismo, do "pode isto e não pode isto", pois o legalismo da religiosidade parece um método simples e eficaz e o cristianismo bíblico bem mais complexo:

Mas não importa quão simples ou complexo o ensino possa ser: se é bíblico, ele deve ser ensinado e obedecido. (CROTEAU, 2010, p. 263, tradução nossa).

A transparência na gestão de recursos foi prontamente providenciada por Paulo como se constata nos versos 20 e 21. Infelizmente algumas comunidades hoje em dia omitem dos membros a contabilidade da obra, quem desejar saber de algo tem que solicitar, o que pode causar desconforto entre líder e liderados.

Esta prática oculta informações do ganho financeiro do líder, que pode até ser um valor absurdo e imoral.

Fica bem claro neste texto da carta paulina o princípio de transparência:

Um princípio final pode ser adquirido a partir de 2 Coríntios 8: por causa da natureza sensível de lidar com dinheiro, as devidas precauções devem ser feitas com seu manuseio. Paulo assegura aos Coríntios que ele tem tomado medidas para que sua motivação não seja questionada e as contribuições encontrem o seu destino em Jerusalém. (CROTEAU, 2010, p. 249, tradução nossa).

No capítulo 9 da mesma carta encontramos outros versículos que representam o dar na Nova Aliança, com as devidas observações inseridas no corpo do texto:

Portanto, julguei conveniente recomendar aos irmãos que me precedessem entre vós e preparassem de antemão a vossa dádiva já anunciada, para que esteja pronta como expressão de generosidade e não de avareza [nem tampouco da cobrança de um dízimo]. E isto afirmo: aquele que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia com fartura com abundância também ceifará [a lei da semeadura]. Cada um contribua segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama a quem dá com alegria [o cristão cheio do Espírito Santo tem um coração transformado, regenerado e certamente irá contribuir com amor e alegria]. Deus pode fazer-vos abundar em toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra, como está escrito: Distribuiu, deu aos pobres, a sua justiça permanece para sempre. Ora, aquele que dá semente ao que semeia e pão para alimento também suprirá e aumentará a vossa sementeira e multiplicará os frutos da vossa justiça, enriquecendo-vos, em tudo, para toda generosidade, a qual faz que, por nosso intermédio, sejam tributadas graças a Deus. Porque o serviço desta assistência não só supre a necessidade dos santos, [a prioridade era sobre pessoas] mas também redunda em muitas graças a Deus, visto como, na prova desta ministração, glorificam a Deus pela obediência da vossa confissão quanto ao evangelho de

Cristo e pela liberalidade com que contribuís para eles e para todos, enquanto oram eles a vosso favor, com grande afeto, em virtude da superabundante graça de Deus que há em vós. Graças a Deus pelo seu dom inefável! 2 Co 9:5-15 (ARA).

Este é um texto que norteia os motivos que devem levar o cristão a contribuir, bem diferente de uma contribuição movida por medo do devorador e coerção para não ser chamado de ladrão:

Segundo Coríntios 9:12 fornece um objetivo e uma motivação para dar. Primeiro, os cristãos devem dar para atender as necessidades dos santos. Eles devem estar ansiosos neste ministério e buscar oportunidades para tal (cf. 2 Co 8:4; 9:2). Em segundo lugar, o dar deve ser motivado por gratidão a Deus por tudo o que Ele fez. Finalmente, um resultado inevitável da doação generosa é que ela fará com que outros (os crentes) se alegrem e glorifiquem a Deus (2 Co 9:13). (CROTEAU, 2010, p. 250-251, tradução nossa).

Fica claro no texto que o Senhor recompensará aquele que semeia. A justiça de Deus não falha e o que produz o fruto da generosidade não será esquecido e receberá dividendos eternos:

Veja, você semeia em abundância, você vai colher com fartura. Estes são os princípios. Não admira que o nosso Senhor Jesus disse, conforme registrado em Atos 20:35, "É melhor dar do que receber." Amados, estes são os princípios do dar nas Escrituras e a bênção compartilhada sobre eles pode ser experimentada na vida de cada mordomo fiel. (MACARTHUR, 1975b, tradução nossa).

O cuidado com os pobres sempre foi uma prioridade na igreja primitiva; o mais importante era o ser humano, e não uma instituição:

[...] e, quando conheceram a graça que me foi dada, Tiago, Cefas e João, que eram reputados colunas, me estenderam, a mim e a Barnabé, a destra de comunhão, a fim de que nós fôssemos para os gentios, e eles, para a circuncisão; recomendando-nos somente que nos lembrássemos dos pobres, o que também me esforcei por fazer. Gl 2:9-10 (ARA)

Encontramos aqui Paulo mencionando o esforço que fazia para não descuidar do cuidado com os pobres. Esta era a mentalidade generalizada na igreja primitiva. Infelizmente hoje encontramos uma realidade diametralmente oposta, então:

Assim, a igreja, e seus indivíduos que compõem a igreja, precisam mudar suas "prioridades" de despesas tradicionais da igreja à despesa de ajudar aqueles em necessidade - de ser um em espírito e propósito. Isto não implica que os cristãos devem negligenciar as despesas atuais da igreja, mas eles devem reorganizar as suas prioridades para estar em sintonia com a vontade de Deus. As prioridades dos cristãos devem refletir o amor de Cristo, e ao fazê-las, os cristãos podem começar a cumprir a lei de Cristo. (WEBB; WEBB MITCHELL, 1998, p. 215, tradução nossa).

E qual é a lei de Cristo para que a igreja possa segui-la?

Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo." Gl 6:2 (ARA).

De fato, se os cristãos seguissem fielmente os princípios bíblicos, viveríamos uma situação bastante interessante e bem mais humana:

Se os cristãos realmente adotassem os princípios bíblicos de dar, haveria menos evangelistas ricos da TV, e muito menos pobres no mundo. (PARKER, 2003, p. 112, tradução nossa).

Cuidar do próximo, fazer o bem, principalmente aos irmãos em Cristo, deve ser a conduta de vida a ser observada em todos os crentes na Nova Aliança:

E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos. Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé. Gl 6: 9-10 (ARA).

O mundo propaga a mensagem de que devemos trabalhar duro para termos conforto e segurança, mas a Palavra nos conclama a trabalharmos principalmente para que possamos acudir ao necessitado:

Aquele que furtava não furte mais; antes, trabalhe, fazendo com as próprias mãos o que é bom, para que tenha com que acudir ao necessitado. Ef 4: 28 (ARA).

O apóstolo Paulo em diversas ocasiões mencionou o sustento, não apenas dos necessitados ou da obra como um todo, mas também o seu sustento. Interessante perceber que em nenhum texto existe qualquer menção ao termo dízimo, à expressão "roubará o homem a Deus", ou qualquer forma de coerção. Nada disso. Tanto ao pedir como ao agradecer fica claro que todo o processo foi permeado unicamente por amor, pelo fruto do Espírito, pelo testemunho de vidas realmente transformadas por Deus, como se percebe neste agradecimento do apóstolo aos filipenses:

E sabeis também vós, ó filipenses, que, no início do evangelho, quando parti da Macedônia, nenhuma igreja se associou comigo no tocante a dar e receber, senão unicamente vós outros; porque até para Tessalônica mandastes não somente uma vez, mas duas, o bastante para as minhas necessidades. Não que eu procure o donativo, mas o que realmente me interessa é o fruto que aumente o vosso crédito. Recebi tudo e tenho abundância; estou suprido, desde que Epafrodito me passou às mãos o que me veio de vossa parte como aroma suave, como sacrifício aceitável e aprazível a Deus. E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades. Fp 4:15-19 (ARA).

Deus cuida dos seus filhos, é Ele que supre as necessidades de cada um e da igreja como um todo. O que existe de fato é a falta fé nas pessoas para que creiam nestas verdades.

O Brasil é um país pobre, muitos pais de família e idosos ganham apenas um salário mínimo, e isto muitas vezes para o sustento de várias pessoas. Em uma situação dessas, a retirada de dez por cento do ganho implica claramente em uma realidade

expressada por uma expressão popular que diz “tirar da boca de meus filhos.” Neste caso a mensagem advinda do púlpito acusando os irmãos de ladrões se não dizimarem está de fato induzindo os mesmos a forçosamente pecarem diante de Deus e os coloca de fato não como ladrões, mas em uma situação pior que o descrente, pois impossibilita aqueles chefes de famílias de exercerem o cuidado devido com a alimentação dos seus, como bem explana Paulo:

Ora, se alguém não tem cuidado dos seus e especialmente dos da própria casa, tem negado a fé e é pior do que o descrente. 1 Tm 5:8 (ARA).

É necessário que se frise que muitos líderes são honestos e merecedores de honra como atesta Paulo:

Devem ser considerados merecedores de dobrados honorários os presbíteros que presidem bem, com especialidade os que se afadigam na palavra e no ensino. 1 Tm 5: 17 (ARA).

O apóstolo sempre recordava que a igreja deveria dar suporte aos obreiros:

Acompanha, com muito cuidado, Zenas, doutor da lei, e Apolo, para que nada lhes falte. Tt 3:13 (ARC).

Mas convém ressaltar no primeiro texto a expressão “que presidem bem”. Os que são maus gestores precisam da repreensão dos obreiros e da igreja. Não falar nada contra para ser assim bem visto, receber prestígio na obra com cargos e consagrações no ministério é uma tentação que visa a colocar os obreiros em situação de culpados diante de Deus. Se caírem nesta cilada eles estarão pecando por omissão, amando mais a seus próprios interesses políticos na obra que a Deus e a seus irmãos.

A vida piedosa, em simplicidade, sem amar o luxo e a ostentação de bens, era o estilo de vida comum entre os primeiros cristãos e que tem sido esquecido em muitos grupos:

De fato, grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento. Porque nada temos trazido para o mundo, nem coisa alguma podemos levar dele. Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes. Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação, e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição. Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores. 1 Tm 6:6-10 (ARA).

Nem todos possuem estrutura para obter riquezas e permanecerem firmes diante de Deus. Usualmente, ao ser abençoado, a maioria passa a amar mais as bênçãos que ao Abençoador e a devotar mais tempo e amor a estas bênçãos que ao Senhor, o que as leva à ruína e perdição como bem atentou o apóstolo Paulo.

O dar com amor não é o único fruto do Espírito que atesta que alguém nasceu de novo, que é um cristão genuíno. A honestidade nas relações interpessoais que envolvem dinheiro também é um indício de cristianismo, pois:

Não podemos roubar o dinheiro. Você diz: "Eu. .. eu nunca faria isso." Ouça o Salmo 37:21. "O ímpio toma emprestado e não paga de volta." Há uma grande quantidade de maneiras de roubar. [...] Além disso, não devemos defraudar as pessoas por não pagar-lhes o que lhes devemos. (MACARTHUR, 1975a, tradução nossa).

A Palavra traz não apenas orientações no dar, mas também no lidar com as riquezas materiais com que o Senhor abençoa a seus filhos:

Exorta aos ricos do presente século que não sejam orgulhosos, nem depositem a sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus, que tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento; que pratiquem o bem, sejam ricos de boas obras, generosos em dar e prontos a repartir; que acumulem para si mesmos tesouros, sólido fundamento para o futuro, a fim de se apoderarem da verdadeira vida. 1 Tm 6: 17-19 (ARA).

Infelizmente é difícil encontrar exortações desta natureza na igreja atual. Usualmente os ricos são extremamente bem tratados, recebem atenção especial, são facilmente consagrados a funções eclesiásticas e dificilmente são disciplinados ou repreendidos quando cometem erros na comunidade, nem eles nem seus filhos. Necessário e urgente é ensiná-los que:

Então, a confiança no dinheiro é idolatria. Mesmo quando você deriva seu senso de segurança no dinheiro que você diz que Deus lhe deu, isto ainda é idolatria. (MACARTHUR, 1975a, tradução nossa).

Novamente a Palavra de Deus vai de encontro à mensagem do mundo quando nos fala da motivação para o trabalho. Enquanto este nos estimula a ganhar e acumular, ela nos recomenda a compartilhar, pois nosso tesouro está na eternidade e aqui nesta vida devemos usufruir da benção do compartilhar:

Deus nos dá tudo para o nosso prazer. Uma vez que algumas pessoas obtém alguns bens terrenos, eles têm a tendência de não deixarem que outros compartilhem de suas bênçãos. Em contraste, os cristãos devem ser generosos e dispostos a compartilhar. Isso beneficia aqueles com quem partilham, bem como a si próprios, uma vez que há uma alegria adicional no partilhar. (WEBB; WEBB MITCHELL, 1998, p.238, tradução nossa).

A religião não consiste em uma instituição com normas a serem seguidas e uma taxa de manutenção a ser paga, antes:

A religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo. Tg 1:27 (ARA).

Pois muitos afirmam que possuem fé em Deus, mas ninguém percebe os frutos desta fé em obras na vida destas pessoas, pois:

Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo? Se um irmão

ou uma irmã estiverem carecidos de roupa e necessitados do alimento cotidiano, e qualquer dentre vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos, sem, contudo, lhes dar o necessário para o corpo, qual é o proveito disso? Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta. Tg 2: 14-17 (ARA).

Todos querem ser filhos de Deus e até proclamam a expressão corriqueira que diz “eu também sou filho de Deus”, mas de fato:

Nisto são manifestos os filhos de Deus e os filhos do diabo: todo aquele que não pratica justiça não procede de Deus, nem aquele que não ama a seu irmão. Porque a mensagem que ouvistes desde o princípio é esta: que nos amemos uns aos outros. 1 Jo 3: 10-11 (ARA).

A prática de se pedir oração é um costume corriqueiro entre os cristãos, mas infelizmente existe outra lamentável prática, a de se ver um irmão em grande necessidade e simplesmente se expressar “vou orar por você”, quando deveria-se atentar para o fato de que:

Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos. Ora, aquele que possuir recursos deste mundo, e vir a seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade.[...] Ora, o seu mandamento é este: que creiamos em o nome de seu Filho, Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, segundo o mandamento que nos ordenou. 1 Jo 3:16-18, 23 (ARA).

Ter condições e deixar de socorrer a um irmão em sua urgente necessidade é a prova inequívoca da ausência do amor de Deus, pois:

João acrescenta a idéia de que deixar de fazer isso revela que o amor de Deus não é permanente no seio da pessoa que é capaz de

satisfazer as necessidades, mas não faz. (CROTEAU, 2010, p. 254, tradução nossa).

Muitos são extremamente sensíveis a apelos que buscam recursos para a instituição comprar algo ou construir algum imóvel, mas são extremamente insensíveis a dor do outro, daquele que senta ao seu lado e inclusive até ora e canta muitas vezes de mãos dadas com o mesmo. É necessário e urgente que se repense que tipo de cristianismo é esse já que:

Em outras palavras, o seu cristianismo se torna manifesto no fato de saber se você dá dinheiro à pessoa que precisa dele. (MACARTHUR, 1975a, tradução nossa).

É incrível o fato de que muitos dizem possuir o amor de Deus e ao mesmo tempo fecham os olhos e os ouvidos ao clamor do necessitado. Estes devem urgentemenete analisar a verdade de que:

Ninguém jamais viu a Deus; se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor é, em nós, aperfeiçoado. 1 Jo 4:12 (ARA).

Os cristãos hoje em dia estão sucumbindo ao apelo de uma sociedade consumista. Muitos até se sentem constrangidos, pois gostariam de investir na obra, mas estão tão endividados, com suas finanças tão desorganizadas, que se torna impossível investir de forma digna no Reino. Estes passam por sufoco financeiro não porque sofreram alguma adversidade, mas porque não seguiram a popular regra da prosperidade que diz “gaste menos do que você ganha.” Estes irmãos devem buscar o quanto antes quitar seus débitos, se disciplinar financeiramente e seguir o conselho de Carson (1999, p. 94, apud CROTEAU 2010, p. 257):

Como posso organizar as minhas coisas para que eu possa dar mais?” (tradução nossa).

O descuido financeiro atesta uma mordomia deficiente com tudo o que Deus tem dado. O cristão deve ser exemplo de uma excelente gestão dos recursos que Deus o concede, pois desta forma sempre vai haver recursos para investir na obra. Contudo se deve atentar para o fato de que:

No entanto, em vez de decidir arbitrariamente em uma certa quantia para dar, os cristãos devem fazer um orçamento e decidir quais as categorias são prioridades. Alimentos, roupas, abrigo, e os impostos são todos necessidades da vida. No entanto, outras categorias que podem ser vistos como necessidades provavelmente deve ser reconsideradas (por exemplo: televisão via satélite, um carro novo a cada três anos). [...] Esta decisão deve ser feita com muita oração. (CROTEAU, 2010, p. 268, tradução nossa).

Quando, porém, o cristão se encontrar em situação financeira difícil em virtude de fatos alheios a sua vontade, devido a alguma fatalidade que o acometeu, deve se lembrar da verdade que Swindoll (1990, p. 264, apud CROTEAU 2010, p. 257) claramente explica:

Como e por que nós damos é de importância muito maior para Deus do que aquilo que damos. Atitude e a motivação são sempre mais importante do que quantidade. Além disso, quando uma pessoa cultiva o gosto pela graça de dar, a quantidade torna-se praticamente irrelevante. (tradução nossa).

Fica assim claro como deve ser a conduta do cristão. Cabe a cada um fazer a sua parte, reconhecer as áreas que precisam de mudanças. Arrepender-se diante de Deus e caminhar no rumo correto.

Alguém poderia argumentar que todos os textos sobre o dar nos escritos da Nova Aliança foram direcionados a ajudar pessoas necessitadas e não servem de modelo para o sustento da igreja instituição, a que surgiu apenas séculos depois.

Estas citações transcritas são indícios claros de uma mordomia praticada pelos primeiros cristãos. É muito mais lógica a busca de uma mordomia a partir dos escritos neotestamentários de

instrução à igreja cristã do que tentar adaptar o dízimo judaico que, este sim, nada tinha de adaptável à nascente igreja e, pelo que ficou escrito, nunca, nenhuma vez foi usado como modelo, inspiração ou referencial pela igreja primitiva. Devemos, pois, agir como ela agia.

Convém ainda ressaltar que o modelo de coleta para assistência aos santos serve sim de base, pois é muito mais oneroso sustentar várias famílias perseguidas do que a família de um pastor e a manutenção de uma instituição.

Percebe-se assim que o modelo adotado e descrito nos textos da Nova Aliança é superdimensionado, o que o torna facilmente adaptável ao sustento das igrejas modernas, e não se deve esquecer o principal, o ser fundamentado em toda a nova realidade em Cristo, em amor, como já exaustivamente explanado.

Estas verdades conduzem naturalmente o estudo para a busca do conhecimento de como deve ser a conduta dos pastores e líderes, daqueles que são responsáveis diante de Deus pelo rebanho do Senhor.

4.3 A responsabilidade pastoral

Está claro qual deve ser a conduta do cristão na Nova Aliança para prover o sustento da obra e como este sustento deve ser coletado. Convém ressaltar a responsabilidade do pastor na justa aplicação de todos estes preceitos bíblicos.

O ponto de maior preocupação por parte de muitos líderes é quanto a seu sustento. Convém, entretanto, ressaltar alguns pontos importantes sobre uma tentação que ataca os líderes quando os mesmos conduzem sua obra cobrando um dízimo por motivos equivocados:

Em todas as passagens em que a Igreja dá, não há nenhuma menção em lugar algum sobre o dizimar. Mas, para obter o dízimo, eles dizem que se a Lei exigia um décimo, certamente a graça o faz. [...] Mas o que eles estão realmente dizendo é que nós sabemos que o dízimo não é o modo de dar no Novo Testamento, mas se não forçarmos o dizimar, nós temos medo de não conseguirmos dinheiro suficiente para funcionarmos. Ele realmente se resume a esse tipo

de motivação. O modelo dos 10% mantém o dinheiro circulando. Você sabe o que há de errado com os 10%? Número um, não é bíblico e está sendo dado pelo motivo errado. É dado para se cumprir uma obrigação ao invés de ser uma resposta de um coração amoroso e disposto, certo? Segunda coisa que há de errado com ele é que ele lhe impede do que você poderia ter feito, lhe dando a entender que você já o fez. Dar nunca pode ser por meio de coerção. Nunca pode ser como uma angariação de fundos. Nunca por ser feito por compulsão. Este é um tipo de artifício ofensivo a Deus. (MACHARTUR, 1975a, tradução nossa).

A probabilidade de erros e equívocos na administração da obra é diretamente proporcional à forma de governo da instituição. Em muitas igrejas, a forma de governo é a episcopal, onde um líder decide soberanamente, sem a necessidade da aprovação dos membros, sobre os rumos da obra e consequentemente sobre o uso do que é coletado. Neste caso, muitas vezes a igreja dificilmente é ouvida, ou tem o direito de opinar sobre a remuneração pastoral, a chamada prebenda.

Em alguns casos os líderes recebem percentuais de 30, 40 ou de até 50% de tudo o que é arrecadado (ou dos dízimos, já que a maioria os exige) sem haver limite máximo do que se recebe e sem se levar em consideração se o mesmo tem uma fonte de renda secular ou se irá devotar dedicação exclusiva de seu tempo à igreja.

Nesta conduta, este grupo se afasta bastante do que era vivenciado na igreja primitiva. Não se leva em conta ali o sustento digno do obreiro, pois, de fato, ele pode vir a ganhar valores exorbitantes.

Tal fato constitui uma verdadeira agressão moral aos irmãos necessitados que congregam naquela comunidade e que dela nada, ou quase nada, recebem de ajuda para seu sustento, algo totalmente diverso do vivenciado pelos primeiros cristãos. Este péssimo testemunho macula a imagem da igreja.

Em alguns casos, existe uma suposta participação dos obreiros nas decisões financeiras, mas, de fato, existe o risco de que a votação seja apenas pró-forma, pois é comum que a vontade de um líder carismático não seja questionada por nenhum membro, já que ninguém gosta de criar um “clima desagradável” com seu

querido pastor. Evita-se ainda o risco de se receber o rótulo de "questionador" ou "rebelde". Dificilmente um questionador é indicado a cargos de proeminência na obra, antes pode ser colocado de lado até que se sinta desconfortável e busque outra igreja para congregar.

A falta de moralidade, bom senso, base bíblica e de transparência abala a credibilidade da obra. Num mundo cheio de escândalos é necessário que todos saibam e opinem sobre o rumo que se dá ao que é arrecadado. "Dê para Deus e esqueça" é um ditado muito comum.

Já nas igrejas cuja forma de governo é congregacional, existe uma participação maior dos membros no planejamento e execução das despesas da igreja através de assembleias realizadas especificamente com este propósito. Nesta forma de conduta as pessoas se sentem realmente congregando, realmente participando e construindo a obra em comum acordo e não apenas na posição de meros espectadores que nada podem opinar mesmo diante dos maiores descalabros e imoralidades financeiras realizadas com o tão suado dinheiro dos irmãos.

Cabe ao pastor zelar pela transparência na gestão de recursos, buscar sempre ouvir a igreja antes de decidir os projetos que almeja implantar com a verba arrecadada. É óbvio que o pastor busca e recebe direção de Deus, mas a prática tem mostrado que muitos "projetos de Deus" depois de certo tempo se mostram de fato como projetos humanos. O fato de o pastor buscar direção de Deus não o impede de pedir que a igreja também ore e busque ao Senhor antes de qualquer assembleia que irá tratar do assunto.

A administração eclesiástica, quanto ao aspecto financeiro, pode aprender muito com modelo de administração condominial, onde um gestor cuida do interesse de um bem que de fato pertence a todos e que todas as suas decisões podem gerar benefícios ou prejuízos a todos. Neste modelo de gestão, quanto mais se compartilha as responsabilidades e as decisões menor a carga nos ombros do gestor e menor o risco de erro, inclusive a Bíblia já recomenda:

Não havendo sábia direção, cai o povo, mas na multidão de conselheiros há segurança." Pv 11: 14 (ARA).

A prebenda pastoral deve, caso seja baseada em um percentual, ter um limite máximo para que se evite a tentação de sempre pedir mais e os ganhos exorbitantes. Este limite deve obedecer ao bom senso no sentido de que um pastor que dedique seu tempo exclusivamente à obra não pode receber o mesmo valor de um que tem emprego secular e, em alguns casos, sequer necessitaria de ajuda.

Paulo nem sempre precisou de ajuda, pois trabalhava, conforme Atos 20: 33-35. Algumas denominações já centralizam o controle financeiro e deixam congregações e seus dirigentes com poucos recursos para gerir a obra, um erro que sufoca a muitos.

Um líder segundo o coração de Deus jamais causará escândalos e nem prejudicará a própria alma por causa do dinheiro. Antes será sábio e atentará a este conselho fundamentado nas Escrituras:

A coisa certa a fazer na área do dar é ensinar as verdades da Palavra de Deus e, em seguida, deixar o Espírito de Deus gerar a resposta junto com todo o restante dos frutos espirituais. E assim nós ensinamos a Palavra de Deus. Nós não usamos artifícios, não usamos programas, apenas ensinamos a Palavra de Deus crendo que o Espírito de Deus irá produzir nas vidas um tipo de doação compatível com o estilo de vida. (MACARTHUR, 1975b, tradução nossa).

Caso algum líder que hoje cobre o dizimar reconheça seu engano e desta forma resolva moldar sua igreja nas práticas da Nova Aliança já exaustivamente estudadas, deve proceder com cautela.

A credibilidade do líder é algo de valor inestimável. Chegar ao púlpito e dizer simplesmente que sempre esteve enganado sobre dízimo é algo extremamente perigoso. Qualquer membro pode indagar se amanhã este pastor não irá resolver, de uma hora pra outra, mudar todos os seus paradigmas doutrinários. A liderança, que deve ser constituída de cristãos maduros, pode em reuniões reservadas estudar o assunto e amadurecer estratégias de adaptação.

O melhor é gradualmente promover a mudança de hábitos. Parar de usar envelopes, parar de usar o termo dízimo, etc. É salutar o enaltecer antes da coleta as passagens bíblicas que mencionam o dar na Nova Aliança. Fazer estudos que demonstrem o amor e a generosidade na igreja primitiva, bem como orientar os irmãos na administração de seus recursos, além de promover uma transparência nas contas, chamando o povo a participar democraticamente das decisões, constituem medidas de grande sabedoria.

Depois de um ano ou pouco mais, a igreja estará provavelmente já inserida totalmente no modelo da generosidade em amor da Nova Aliança, vivendo com outras prioridades, tendo suas contas pessoais equilibradas e assim contribuindo com mais liberalidade em amor. A orientação financeira dos irmãos beneficia a obra e o equilíbrio de suas próprias famílias.

Nesta realidade da vida que depende do agir de Deus nos corações, é cobrado do líder que seja um homem de fé, que pague o preço da total dependência de Deus, procedendo como os exemplos bíblicos e encontrados na História da Igreja.

Muitos podem pensar, por estarem arraigados na dependência de um esquema legalista, que é impossível uma obra sobreviver na total dependência do agir do Espírito Santo, o que conduz naturalmente à observação de um exemplo maravilhoso da providência divina na obra de um servo de Deus que depositou no Senhor toda a sua fé.

4.4 Um exemplo de fé

Todos os cristãos, especialmente os líderes, podem aprender muito com o exemplo de homens de fé, já que, ao abrir mão de pressionar o povo para que dizime, ele irá depender unicamente da obra de Deus nos corações dos fiéis. A cobrança de dízimos inclusive é prejudicial ao líder, pois se todos dizimarem não haverá necessidade alguma de fé para a execução da obra de Deus, já que todos dizimando irá certamente sobrar dinheiro.

George Müller (1805-1898) foi um exemplo de fé no cristianismo recente. Quando ainda jovem e recém-casado, assumiu

uma pequena igreja e logo demonstrou seus ideais. Naquela época a igreja não vivia da cobrança de dízimos. Como não havia sistema de som os primeiros bancos eram alugados para as famílias abastadas e era deste aluguel que a igreja e o pastor eram mantidos.

Müller decidiu logo interromper este modelo por considerá-lo deplorável e pregou nos fundos da igreja uma caixa de madeira para receber ofertas voluntárias dos irmãos com uma placa afixada com os dizeres:

De agora em diante, o ministro será sustentado somente pelas contribuições depositadas nesta caixa por cristãos generosos. Em tempo algum, nem por qualquer motivo, ele pedirá a qualquer homem sustento financeiro. Ele pedirá somente a Deus. (BAILEY, 2001, p. 62).

Esta conduta o acompanhou todos os dias de sua vida, e nunca o Senhor o abandonou. Outro relato deste mesmo fato traz uma importante motivação inserida em sua postura:

[...] mais tarde mandou colocar um cofre na Casa de Oração, para que ninguém soubesse o que o outro dava, e para evitar sentimentos tanto de orgulho como de acanhamento aos contribuintes. (MANLEY, 2008, p. 25).

As igrejas deveriam seguir este exemplo e abolir o uso de envelopes. Só interessa a Deus saber quanto cada um deu. Os pastores quando sabem os valores são tentados a valorizar quem dá mais em detrimento de quem dá menos. Uma discriminação sem base bíblica.

Existem igrejas onde só é consagrado e exerce qualquer função quem for dizimista fiel. Heresias em dose dupla!

O povo é teimoso e empurra na igreja tradições humanas, igualando-se à Igreja Romana, desprezando este conselho do Mestre:

Mas, quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita" Mt 6: 3 (ARC).

Müller, anos depois recebeu o chamado de Deus para construir orfanatos visando recolher crianças abandonadas das ruas, e ali adaptou ao novo trabalho o mesmo estilo de vida dependente apenas de Deus mediante a fé:

Estabeleceram-se certas regras nos orfanatos, quanto à sua administração: não comprar sem ter o dinheiro em mãos; não deixar os órfãos sentirem falta das coisas essenciais (seria melhor que o trabalho cessasse do que os órfãos sofressem fome ou nudez); não revelar nada a pessoas de fora quanto às necessidades existentes, só a Deus, em oração. (MANLEY, 2008, p. 39).

Existem muitos testemunhos da maravilhosa e sobrenatural operação de Deus em todo transcorrer na vida deste homem. Convém ressaltar apenas duas passagens a título de ilustração, uma da providência divina e outra da forma em que o mesmo se portava diante das ofertas, uma motivação à fé e um exemplo a ser perseguido:

Um dia todos sentaram-se à mesa, sobre a qual os copos e pratos permaneciam sem leite e sem pão. Müller calmamente rendeu graças pela comida que iam comer. Mal terminada a oração, ouviu-se alguém à porta. Era um vendedor de leite. Bem à frente do orfanato quebrou-se uma roda de seu carro, e ele resolveu deixar o leite para os órfãos em vez de perdê-lo duma vez. Logo apareceu outro carro à porta. Veio duma padaria de luxo da cidade. O encarregado do carro disse que a fornada de pão não saíra com o aspecto de costume e, em vez de oferecê-la à freguesia exigente, o dono da padaria resolvera presenteá-la aos órfãos – que não se importariam com a aparência dos pães. Assim, Deus proveu, na hora precisa, uma refeição abundante para todos. (MANLEY, 2008, p. 54).

Quando recebia grandes doações, Müller insistia em que o doador aguardasse algum tempo para que tivesse plena convicção que realmente queria doar aquele valor para a obra. O cuidado com o doador foi uma marca de seu ministério como demonstra este outro fato:

Ainda outra vez uma senhora enviou-lhe um envelope lacrado contendo dinheiro. Müller sabia que ela se encontrava bastante endividada e deixava de atender aos pedidos de pagamento que lhe eram dirigidos pelos seus credores. O pacote foi devolvido intacto. Isto sucedeu num tempo em que não havia em caixa recursos suficientes para as despesas do dia. (MANLEY, 2008, p. 55).

Em muitos locais teriam recebido o dinheiro dizendo que a falta de recursos da mulher era decorrente de ataque do devorador causado pela infidelidade nos dízimos e que aquele ato dela de entregar o dinheiro mesmo com dívidas iria abrir as janelas do céu.

Alguém poderia perguntar qual o segredo deste homem para conseguir viver com tamanha fé que construiu diversos orfanatos e durante anos sustentou dois mil órfãos além de ramificações ministeriais no ensino e em missões sem nunca pedir nada a ninguém, só a Deus:

Em primeiro lugar, Müller foi um homem de um só livro: a Bíblia. Leu a Bíblia inteira, do princípio ao fim, mais de cem vezes durante a sua vida. Estudava e meditava sobre as suas páginas e estava sempre pronto a obedecer às suas verdades a qualquer custo. Certa vez ele disse ao Dr. Pierson: "Meu amado irmão, o Senhor tem lhe dado muita luz sobre estas coisas e considerará o senhor como responsável pelo uso dela. Se o irmão lhes obedecer e andar na luz, o senhor terá mais luz; se não, a luz se retirará." [...] A alguém que lhe indagou a respeito do segredo dos seus êxitos, respondeu-lhe, curvando-se até quase tocar o chão: "Veio um dia em que eu morri, morri completamente, morri para George Müller, suas opiniões, preferências, gostos e vontade; morri para o mundo – sua aprovação ou censura; morri para a aprovação ou censura até dos meus irmãos e amigos; e desde aquele dia, tenho me esforçado somente por apresentar-me diante de Deus aprovado." (MANLEY, 2008, p. 69-70).

Os que confiam no Senhor, os que têm suas vidas e sua obra totalmente rendidas a Deus e cujo sustento depende unicamente dEle e não de uma doutrina caduca, legalista e sem fundamento bíblico como a obrigatoriedade de dizimar, devem sempre buscar

uma vida moldada nestes exemplos de fé, difíceis de serem alcançados, é verdade, mas que devem sempre ser lidos e relembrados na caminhada árdua onde a fé cristã é, a cada dia, atacada pelos percalços da vida.

Infelizmente hoje muitos vivem distantes deste exemplo de Müller. Eles exigem dos cristãos a entrega obrigatória de dízimos nos moldes da Lei Mosaica. O pior de tudo é que esta exigência não existe como fato isolado. Usualmente ela está inserida no contexto triste e complexo da religiosidade, principalmente nos grupos extremamente radicais quanto à literalidade das exortações de Malaquias para os dias atuais.

4.5 Um triste e complexo contexto

A maioria não percebe que os problemas financeiros estão diretamente relacionados com a qualidade do alimento que é dado às ovelhas de Jesus. Quando a Palavra de Deus prevalece com a pregação do genuíno Evangelho no púlpito, o Espírito Santo opera nos corações, as vidas são realmente convertidas, transformadas, regeneradas e como novas criaturas irão gradualmente amadurecer e produzir frutos do Espírito. A generosidade destes irmãos será uma consequência natural que trará plenas condições ao sustento da obra.

Entretanto, quando o Evangelho bíblico é trocado por uma palavra de sociologia, filosofia, prosperidade, pensamento positivo ou motivação, a igreja caminha rumo ao precipício espiritual.

Neste cenário raramente se fala aos homens sobre a depravação humana diante de um Deus santo, sobre a necessidade urgente de arrependimento e de perdão de pecados mediante a fé em Jesus Cristo.

A mensagem que substitui o Evangelho é aparentemente cristã, mas de fato tem o objetivo de apenas obter uma decisão, um levantar de mãos, sem expor aos ouvintes a verdadeira mensagem das Escrituras. Nada é falado da real necessidade de arrependimento e fé no Evangelho de Jesus Cristo.

Ao final deste tipo de pregação encontra-se usualmente a chamada oração do pecador, que induz os incautos a crerem que se tornaram filhos de Deus:

A oração do pecador tem mandado mais pessoas para o inferno do que qualquer outra coisa na face da terra! Alguém diz: "Como você pode dizer isso?" Eu respondo: vamos às Escrituras e mostre-me ali, por favor! Gostaria muito que você me mostrasse nas Escrituras alguém que foi evangelizado dessa maneira. As Escrituras não nos dizem que Jesus Cristo veio para a nação de Israel e proclamou: "O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; agora, quem gostaria de pedir-me que entre em seu coração? Levante a mão". Não foi isso que ele disse. Ele disse: "Arrependei-vos e crede no evangelho" (Mc 1:15). (WASHER, 2011, p. 44, grifo do autor).

A maioria das pessoas que aceita a este tipo de apelo provavelmente nunca será cristã, apenas religiosa. Boa parte dos problemas de relacionamento entre membros de igrejas advém da existência destes religiosos onde deveria haver apenas cristãos nascidos de novo, regenerados.

A religiosidade é uma "doença" que faz com que a igreja fique repleta de verdadeiros "zumbis", de mortos-vivos, ao invés de nascidos em Cristo. Estes mortos enganam a si próprios, além de perseguirem e prejudicarem os genuínos filhos de Deus. Atrapalham a obra, trazem escândalos e, o pior de tudo, muitos podem acabar assumindo cargos ou sendo consagrados ao ministério, o que traria enormes danos à igreja do Senhor.

A diferença entre religião e cristianismo é claramente exposta por Tim Keller ao pregar em Nova Iorque para mais de 400 líderes de igrejas de todo o mundo na Iniciativa Global das Cidades em 2009, quando o mesmo nos apresenta os dois tipos de membros de igrejas, o religioso e o cristão:

Duas pessoas que frequentam a sua igreja. Uma vive pela religião: "Se eu fizer o bem, me devotar, se eu orar, Deus vai me abençoar." E a outra vive pelo Evangelho: "Não é pelo que eu faço. É pelo que Jesus fez. Deus me ama e me aceita. Me trata como filho, como filha." Essas duas pessoas, na superfície, sentadas nos bancos ou

nas cadeiras, aparentemente tentarão fazer as mesmas coisas. Vão seguir os Dez Mandamentos, vão orar, vão tentar ajudar os pobres. Irão aos cultos, ouvirão o sermão, farão anotações. Entretanto, farão essas coisas por motivos completamente diferentes. Uma faz por medo: "Ou eu vivo uma boa vida, ou Deus vem me pegar." A outra faz por completa alegria: "Porque Deus já me salvou." E a que faz por medo também faz para receber coisas de Deus. Elas dizem "eu preciso ir para o céu, eu preciso de respostas de oração, eu preciso de coisas de Deus, e se eu viver uma boa vida, Ele me dará." Mas a outra pessoa, que entende o Evangelho, já sabe que já temos tudo que necessitamos. Em Cristo todas as coisas cooperam para o bem, então em Cristo as coisas ruins serão usadas para o bem. As coisas boas como nossa adoção, a santificação, a salvação jamais serão tiradas de nós, e as melhores coisas ainda estão por vir.

No ambiente permeado com esta religiosidade e sem a presença do verdadeiro cristianismo, se torna patente a necessidade de se exigirem dízimos nos moldes legalistas da Lei, pois ali o amor generoso não encontra espaço para se desenvolver. Cada igreja deveria fugir da religiosidade e refletir seus mais profundos anseios em um modelo de dar que fosse similar ao da extensamente citada obra de Croteau:

O modelo do dar proposto neste livro leva as pessoas a seus joelhos e sua relação com Cristo, o modelo popular de dízimo leva-os a uma calculadora para decidir o quanto dar. A esperança é que aqueles que tomem a sério este método aprofundem seu relacionamento com Cristo, sejam transformados por ele, sintam-se condenados pelo desperdício dos recursos que Ele tem provido, e deem mais e mais sacrificialmente ao longo de suas vidas. (CROTEAU, 2010, p. 269, tradução nossa).

O ensino da obrigatoriedade de se dizimar, que se encontra inserido nesta complexa e triste realidade, teve sua origem em algum lugar no tempo e, como não foi nos livros bíblicos da Nova Aliança, se faz necessária a busca do florescer desta doutrina no cristianismo.

4.6 A origem do engano

Diante dos fatos que comprovam que o dízimo não era requerido na igreja primitiva surge a necessidade de se descobrir quando este ensino começou a ser ministrado. Nas primeiras décadas da igreja, a generosidade motivada pelo amor prevaleceu em todas as comunidades cristãs. Na época não havia o interesse, nem a possibilidade de se erguer catedrais monumentais e instituições poderosas. Confessar o cristianismo custava perder a própria vida em muitos locais. Muitos cristãos sofreram o martírio, foram torturados até a morte.

A vida piedosa, o abandono dos prazeres materiais e a doação de tudo aos pobres era uma prática recorrente. Neste ambiente não havia a exploração ao outro, antes a doação de si próprio para que todos pudessem ter um pouco de dignidade. Quando então se iniciou o ensino de que os cristãos eram obrigados a dizimar?

Os primeiros autores da igreja primitiva pós-era apostólica mencionavam constantemente as cartas paulinas quando escreviam sobre o dar na comunidade cristã, o que não reforça qualquer ideia de cobrança de dízimos, já que nenhuma carta paulina o faz. Ocorreram também menções onde o dízimo era comparado às práticas da Lei judaica, por isso mesmo não era mais praticado.

Algumas citações nos primeiros trezentos anos da igreja são ambíguas, onde autor em dado momento parecia enaltecer a entrega de ofertas acima do dízimo judaico e depois o mesmo reprovava a prática. Outros mencionavam o dízimo e, apesar de não o ensinarem como obrigatório nem o reprovarem, são citados por defensores do dizimar como sendo autores favoráveis ao dízimo, algo que não passa de uma tentativa de forçar os textos.

Certos autores da igreja nestes anos simplesmente não falaram nada sobre o assunto. Sem mencionar o fato de que o dízimo judaico continha instruções detalhadas que o tornariam impossível de ser cumprido pelos gentios, no máximo algum autor estaria buscando inspiração no modelo do dízimo judaico, mas para recomendar a entrega de forma voluntária.

De qualquer forma só houve nestes primeiros trezentos anos um posicionamento um pouco mais incisivo de que os cristãos deveriam dizimar (contudo sem a devida fundamentação), neste caso por parte de Cipriano, e mesmo assim com peculiaridades que o divergem do ensino atual:

Cipriano (200-258), seguiu a Tertuliano em Cartago (apenas no norte da África) e provavelmente foi o primeiro líder influente para sugerir (sem sucesso) que os dízimos deviam apoiar um clero de tempo integral. Deve ser lembrado que, na época de Cipriano, pelo menos os primeiros desvios da doutrina apostólica já haviam ocorrido. [...] No entanto, todos os apologistas pró-dízimo apontam para Cipriano como sua principal evidência do dizimar nos primórdios. Enquanto sendo só um bispo na África, Cipriano não tinha autoridade além de sua própria esfera de influência. [...] O entendimento de Cipriano sobre o dízimo era de que os líderes da igreja só deveriam reter o mínimo e distribuir o restante para os pobres. Leia Cipriano você mesmo! (KELLY, 2007, p. 254,255, tradução nossa).

Mesmo a postura de Cipriano gera entendimentos diversos sobre seu posicionamento, reforçando a tese de que naquela época não havia um ensino claro e explícito, além de fundamentado, da obrigatoriedade do dizimar, como bem esclarece esta análise de seus escritos:

Ao invés de exortando os cristãos a dizimarem, ele usou a frase "como se fosse", que, de acordo com Murray, "sugere que a referência ao dízimo é a título de comparação, em vez de uma indicação de que Cipriano estava instruindo seus leitores a cumprirem literalmente este princípio do Antigo Testamento." Além disso, G. W. Clarke disse que esta frase provou que o dízimo não era praticado nos dias de Cipriano. Cipriano parecia acreditar que o dízimo seria o mínimo e que era voluntário. (CROTEAU, 2010, p. 15,16, tradução nossa).

O que importa é que até o século quarto não há qualquer orientação da igreja aos primeiros cristãos de que eles eram

obrigados a dizimar na forma que é ensinado na maioria das igrejas atuais, e convém lembrar que nos primeiros anos muitas heresias já haviam tentado adentrar na igreja, como o "modalismo", que ressurgiu recentemente no livro "A Cabana", tão elogiado pelos crentes desta geração, na qual o hábito de estudar teologia quase inexiste!

No quarto século foi publicado o primeiro documento exigindo a entrega de dízimos. Na época diversos ensinos heréticos já haviam sido inseridos na comunidade cristã após a oficialização do cristianismo como religião oficial e o início da Igreja Católica Apostólica Romana, como explica Croteau (2010, p. 16):

No século IV, a "Constituições Apostólicas" deu instruções separadas para os bispos sobre duas questões: (1) décimos e primeiros frutos, e (2) as ofertas voluntárias. Este documento também afirma que os dízimos eram "a ordem de Deus". Além disso, a "Constituições" comparou bispos a sacerdotes e levitas, e o tabernáculo a Santa Igreja Católica. (tradução nossa).

Como se vê, a doutrina da obrigatoriedade da entrega de dízimos é uma herança da Igreja Católica Apostólica Romana que foi abraçada com afinco por muitos evangélicos.

Se nunca houvesse alguém que defendesse este entendimento no transcorrer da História do Cristianismo, certamente até hoje a igreja estaria vivendo nos moldes da igreja primitiva, priorizando a generosidade advinda de corações regenerados por Deus.

Infelizmente, como ocorre nos dias de hoje, muitos, no transcorrer da história, optaram por adotar este modelo legalista, alguns por falta de conhecimento mais profundo das Escrituras e outros até porque em muitos países e em determinadas épocas a entrega de dízimos era obrigatório por lei secular. Além disso, em algumas fases a igreja estava unida ao Estado. Mas, da mesma forma que hoje, alguns servos de Deus ousaram escrever e pregar que esta doutrina judaica não se aplicava aos cristãos e nem que era um princípio eterno.

Interessantes são os escritos de Tomás de Aquino (1225-1275), considerado o mais importante teólogo da Igreja Católica

Apostólica Romana. Devido a uma semelhança ímpar entre seus escritos e a conduta de muitos cristãos hoje, é conveniente a observação detalhada de alguns destes escritos através da obra de Croteau (2010, p. 22-23):

Além disso, ele disse: "Pagar dízimos, ao que parece, já não é mais um preceito, porque o preceito de pagar o dízimo foi dado pela Antiga Lei .... pagar o dízimo não pode ser considerado um preceito moral, de forma alguma, porque a lógica natural não dita que devemos dar um décimo, ao invés de um nono ou um onze avos. Por isso, é um preceito cerimonial ou judicial." Ele disse que os cristãos só foram obrigados a fazer o que foi ordenado no Novo Testamento, e "nem na doutrina de Cristo, nem no ensino dos apóstolos nada foi dito a respeito do pagamento de dízimos." (tradução nossa).

Entretanto aparece algo interessante mais adiante nos escritos de Aquino conforme complementa Croteau (2010, p. 23):

Ele concluiu: "no tempo da Nova Lei a Igreja determinou oportunamente e humanamente o pagamento de uma décima parte [...] Portanto, os homens são obrigados, em parte pela lei natural e em parte pela disposição da Igreja, a pagar dízimos." [...] Enquanto o discurso de Aquino pode parecer confuso, sua conclusão foi de que o dízimo era obrigatório apenas por causa da lei eclesiástica. Portanto, enquanto as suas conclusões sobre a relação entre os dízimos do Velho Testamento e os cristãos parece consistente, sua compreensão da eclesiologia o levou a requerer o dízimo porque a Igreja Católica exigiu. (tradução nossa).

A postura de Tomás de Aquino é exatamente igual a de muitos cristãos sinceros nos dias de hoje, diferenciando-se apenas que Aquino escreveu sua opinião sobre isto, e para estes cristãos sinceros a sua opinião é como "segredo de Estado". Em conversas reservadas, os mesmos admitem o conhecimento bíblico de que não existe fundamentação bíblica na exigência da entrega de dízimos pelos cristãos, muito menos fundamentação para sequer ler o famoso trecho de Malaquias antes da coleta. Tais servos de Deus,

contudo, admitem, pesarosos, que não querem correr o risco de serem expulsos de suas congregações. A estes cristãos a Palavra de Deus traz um exemplo que precisa ser imitado por todo soldado do Exército de Cristo:

Porventura, procuro eu, agora, o favor dos homens ou o de Deus? Ou procuro agradar a homens? Se agradasse ainda a homens, não seria servo de Cristo. Gl 1:10 (ARA).

E quando forem questionados por suas lideranças sobre todo o ensino que viram na Palavra de Deus sobre o dízimo possam responder como Pedro e João:

Mas Pedro e João lhes responderam: Julgai se é justo diante de Deus ouvir-vos antes a vós outros do que a Deus; pois nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos. At 4: 19-20 (ARA).

Martinho Lutero (1483-1546) foi erroneamente interpretado por alguns por haver sugerido e elogiado o modelo de dízimo para ser um imposto do governo da época, pois considerava uma ótima ideia para ser implantada pelo rei, entretanto a observação cuidadosa de seus escritos demonstra que para ele o dízimo não era válido aos cristãos, como se vê em Croteau (2010, p. 28):

Finalmente, ele aplicou este conceito especificamente para a lei do dízimo: "Mas os outros mandamentos de Moisés, que não são [implantado em todos os homens], por natureza, os gentios não mantêm. Nem eles dizem respeito aos gentios, como o dízimo e outros igualmente bons que eu gostaria muito que tivéssemos". Portanto, Lutero se referiu explicitamente ao dízimo como não obrigatórios para os gentios e não sendo parte da lei natural. (tradução nossa).

Interessante percebermos a sinceridade de Lutero, pois quando ele diz "que eu gostaria muito que tivéssemos", percebe-se que ele simpatizava com a ideia, entretanto, acima de tudo ele não seguia seus gostos ou opiniões naturais, antes dava prioridade à

Palavra de Deus. Esta conduta é condizente com a maior luta de Lutero, que foi contra a enorme quantidade de preceitos oriundos da tradição humana que tinham proeminência sobre a Bíblia na Igreja Católica, tal qual foi explicitado sobre o dízimo por Tomás de Aquino.

Outro interessante exemplo sobre o ensino de dizimar é o de um grande expoente da História do Cristianismo, Charles Haddon Spurgeon (1834-1892). Spurgeon deixou alguns sermões em que os ouvintes poderiam fielmente crer na contemporaneidade do dízimo. Mas, assim como nas doutrinas bíblicas, não se pode chegar a uma opinião apenas por aparências. A análise de sua obra como um todo nos apresenta sermões em que ele explicitamente expõe seu posicionamento, como bem advoga Croteau (2010, p. 43-44) ao comentar sua obra transcrevendo trechos de seus sermões[1]:

Em 1880, ele notou que Paulo não usava a Lei de Deus no sentido de exortar os santos a serem liberais em suas doações, porque "eles não estão debaixo da lei". Ele continuou: "É também de salientar, em relação à liberalidade cristã, que não há regras estabelecidas na Palavra de Deus. Eu lembro de ter ouvido alguém dizer: 'Eu gostaria de saber exatamente o que eu deveria dar.' Sim, caro amigo, sem dúvida você gostaria, mas você não está sob um sistema semelhante aquele no qual os judeus eram obrigados a pagar o dízimo aos sacerdotes. Se houvesse alguma regra como esta prevista no evangelho, ela iria destruir a beleza de dar espontâneamente, e lançaria fora todo florescer do fruto de sua liberalidade." Ele também fez os seguintes comentários sobre órfãos que podem diretamente solucionar as questões do dízimo: "Eu tenho lido algumas declarações surpreendentes sobre o direito divino dos dízimos. Parece estar estabelecido nas mentes de alguns que se Deus deu os dízimos a Levi Ele deve, portanto, dá-los aos ministros episcopais: uma dedução que eu não vejo! Eu assim deveria deduzir que Ele os tinha dado para os ministros batistas, certamente não seria mais ilógico. A idéia dos nossos sacerdotes serem levitas a fim

[1] Sermão na íntegra em inglês disponível em <http://www.spurgeongems.org/vols46-48/chs2716.pdf>. A citação de Croteau foi retirada deste sermão publicado pela Pilgrim Publications.

de obterem dízimos obrigatórios seria demasiado abominável para nos distrair por um momento!" (tradução nossa).

As opiniões de Spurgeon ficam assim claramente explanadas. Em outro sermão ele demonstrou que a ideia de que o judeu dava apenas um dízimo de 10% era também equivocada, como já demonstrado no capítulo sobre o dízimo na Lei Mosaica. Croteau (2010, p. 45) finaliza suas observações sobre Spurgeon transcrevendo outro trecho de um sermão[2] daquele que foi chamado de "O Príncipe dos Pregadores":

Novamente, se alguém parar de ler aqui mesmo, então a opinião dele já parece óbvia. Mas ele continuou: "Eu não gostaria porém de estabelecer as regras para o povo de Deus, pois o Novo Testamento do Senhor não é um grande livro de regras, não é um livro da letra que mata, mas é o livro do Espírito, que nos ensina sobre a alma da liberalidade em vez da aparência exterior dela, e que em vez de escrever leis sobre pedras ou papel, ele escreve leis no coração. Dê, queridos amigos, como você propôs no seu coração, e dê proporcionalmente, como o Senhor prosperou a você, e não faça a sua estimativa do que você deveria dar pelo que aparecerá respeitável a você, ou pelo que se espera de você pelas outras pessoas, mas como aos olhos do Senhor , como Ele ama a quem dá com alegria, e como quem dá com alegria certamente é um doador proporcional, tome cuidado para que você, como um bom mordomo, mantenha contas justas diante do grande Rei." (tradução nossa).

Estas palavras de Spurgeon em seus sermões combinam de forma majestosa com todo o conteúdo explanado nos capítulos anteriores.

[2] Sermão na íntegra em inglês disponível em <http://www.spurgeongems.org/vols13-15/chs835.pdf>.

Conclusão

Após a análise de diversos aspectos do dízimo bíblico, pode-se considerar, segundo a ótica do autor, que os objetivos primordiais desta obra: o conhecimento do real ensino bíblico sobre dízimo, sobre o dinheiro e seu respectivo uso no sustento da obra, bem como o conhecimento das origens deste ensino equivocado foram plenamente alcançados.

A análise dos episódios em que o dízimo é mencionado antes da promulgação da Lei Mosaica deixou claro que aqueles dízimos não são similares aos dízimos da Lei, não constituem princípios eternos e não possuem qualquer vínculo com o cristão na Nova Aliança.

Os dízimos apresentados e exigidos pela Lei Mosaica foram detalhadamente descritos, o que possibilitou o pleno conhecimento dos mesmos e do fato de que eles nada têm a ver com os cristãos na Nova Aliança. É nítido, após o referido estudo, o fato de que é impossível estes dízimos serem implantados nos dias de hoje nos exatos moldes em que foram prescritos por Deus na Lei Mosaica.

Esta obra permitiu a percepção de que os fatos descritos nos Evangelhos, como a recomendação de dizimar feita por Jesus, ocorreram sob a Lei Mosaica e que todos ali eram obrigados a cumprir esta Lei, incluindo a entrega dos seus dízimos e demais ordenanças.

As principais alianças realizadas por Deus com os homens foram apresentadas através das páginas da Bíblia Sagrada, o que possibilitou a clara distinção entre a realidade dos judeus vivendo na Antiga Aliança e a realidade dos cristãos vivendo na Nova Aliança em Cristo.

O paradigma do dar na Nova Aliança, diferente do modelo apresentado na Lei Mosaica, foi detalhadamente descrito através de diversas citações bíblicas e de obras de autores cristãos.

A responsabilidade de pastores e líderes quanto à aplicação das verdades bíblicas sobre o dar na Nova Aliança foi analisada minuciosamente, sendo apresentado um exemplo de vida que representa o modelo ideal de fé a ser seguido pelos cristãos.

A cobrança de dízimos atualmente está muitas vezes inserida em um triste contexto de religiosidade cuja análise do mesmo se constituiu em um verdadeiro clamor de alerta para a igreja.

Dados apresentados da História do Cristianismo permitiram a compreensão das origens da doutrina de se exigir dízimos dos cristãos. O conhecimento dos posicionamentos de Tomás de Aquino, Martinho Lutero e Charles Spurgeon sobre este ensino demonstraram que posicionar-se contra a cobrança de dízimos hoje não é uma "invenção contemporânea".

Diante do que foi demonstrado por esta obra, o cristão pode evitar grandes dissabores. Misturar ensinos de alianças distintas e seguir doutrinas que são preceitos de homens e que são oriundas da tradição evangélica, são condutas que não mais serão praticadas após o pleno conhecimento das verdades bíblicas apresentadas.

Aprender a dadivar ao Senhor nos moldes dos ensinos da Nova Aliança e a cuidar da obra e dos mais necessitados, como a igreja primitiva fazia, são alguns dos benefícios oferecidos aos cristãos através do conhecimento de todo o conteúdo deste trabalho acadêmico.

Após a divulgação da monografia na *internet* e da primeira edição deste livro muitos cristão entraram em contato com o autor. Alguns relataram que já adotavam esta linha doutrinária e que, após a adoção deste modelo, a arrecadação financeira melhorou em suas comunidades.

Infelizmente muitos relataram perseguições sofridas por parte de líderes e até de familiares. A estes se recomenda que, em primeiro lugar, descansem em Deus na certeza de que estão procedendo da forma biblicamente correta.

Em segundo lugar deve-se buscar em oração a direção de Deus para saber aonde congregar. Se a igreja segue a forma tradicional e equivocada de mordomia mas não incomoda nem constrange o membro, pode ser possível uma convivência harmoniosa.

Se houver qualquer constrangimento o cristão deve buscar outro local para congregar. Um constrangimento comum é possibilitado pelo uso de envelopes identificados. Membros da liderança têm acesso a saber quem entregou dízimo e passam a discriminar e atacar aqueles que não fizeram este tipo de entrega.

Em qualquer situação o servo de Deus deve sempre caminhar frutificando o amor cristão. Nunca se deve desrespeitar ao próximo. É possível discordar de forma educada e respeitosa.

Se alguém desejar debater o tema apenas para gerar conflito, sem um interesse genuíno de se buscar a verdade bíblica sobre o assunto, este tipo de embate deve ser evitado.

O autor já se dispôs a gravar um debate em vídeo sobre o conteúdo desta obra por diversas vezes mas, infelizmente, os interlocutores declinaram do convite.

Que Deus, em sua infinita misericórdia, tenha piedade de nós e de todos os Seus filhos, operando todas as mudanças necessárias em nossos corações, para que formemos uma igreja que realmente reflita o seu caráter e transborde de amor neste mundo pervertido e cruel.

Referências

A BÍBLIA Sagrada. Texto Bíblico: Revista e Atualizada no Brasil (ARA). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2001.

BAILEY, Faith. George Müller: o triunfo da fé no sobrenatural. São Paulo: Editora Vida, 2001.

BÍBLIA de Estudo NVI. Texto Bíblico: Nova Versão Internacional (NVI). São Paulo: Editora Vida, 2003.

BÍBLIA de Estudo Palavras-Chave Hebraico e Grego. Texto Bíblico: Almeida Revista e Corrigida (ARC). Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2010.

CHAMPLIN, Russel Norman. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia. 8. ed. São Paulo: Hagnos, 2006.

CROTEAU, David A. You mean I don't have to tithe?: a deconstruction of tithing and a reconstruction of post-tithe giving. Eugene: Pickwick Publications, 2010.

KELLER, Timothy. A Dinâmica do Evangelho. Nova Iorque: 2009. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=tDhs1Wf1cf0>. Acesso em 6 mar. 2012.

KELLY, Russell Earl. Should the Church Teach Tithing?: A Theologian's Conclusions about a Taboo Doctrine. Lincoln: iUniverse, 2007.

LOPES, Augustus Nicodemus. O Culto a Deus: Mensagem 3. Fortaleza: 2011. Disponível em < http://vimeo.com/30360481>. Acesso em 2 fev. 2012.

_____. Perguntas & Respostas 3. Fortaleza: 2011. Disponível em < http://vimeo.com/30351638>. Acesso em 2 fev. 2012.

MACARTHUR, John F. Jr. God's Plan for Giving Part 1. [S.I.]: 1975. Disponível em <http://www.gty.org/resources/sermons/1302/gods-plan-for-giving-part-1>. Acesso em: 22 ago. 2011.

_____. God's Plan for Giving Part 2. [S.I.]: 1975. Disponível em <http://www.gty.org/resources/sermons/1303/gods-plan-for-giving-part-2>. Acesso em: 22 ago. 2011.

MANLEY, Jack. George Müller. 2. ed. Belo Horizonte: Betânia, 2008.

MOORE, Rory O. The Tithe That Binds. Georgia: Faithful Publishing, 2006.

NARRAMORE, Matthew E. Tithing: Low-Realm, Obsolete & Defunct. Portland: Tekoa Publishing, 2004.

PAGANELLI, Magno. Dízimo: o que é e para que serve o dízimo, sua história e função social. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

PARKER, Joel. Tithing in the Age of Grace. Victoria: Trafford Publishing, 2003.

ROSA, João. Dízimo: instituição, propósito e término do dízimo. Santa Bárbara d'Oeste: SOCEP Editora, 2009.

WASHER, Paul. 10 Acusações contra a Igreja Moderna. São José dos Campos: Editora Fiel, 2011.

WEBB, Michael L.; WEBB, Mitchell T. Beyond Tithes & Offerings. Tacoma: On Time Publishing, 1998.

WELLS, A. Bruce. The Great Tithing Debate. Bloomington: Author House, 2007.

MONOGRAFIA ORIGINAL REGISTRADA NA BIBLIOTECA NACIONAL

CONTATO COM O AUTOR: dizimo@hotmail.com

Esta obra analisa, através da Bíblia Sagrada, da História do Cristianismo e de obras e citações de cristãos, o dízimo bíblico mencionado antes da promulgação da Lei Mosaica, os dízimos da Lei Mosaica e o dízimo mencionado nos escritos da Nova Aliança, bem como descreve as alianças de Deus com os homens no transcorrer da História. Analisa-se também o sustento da obra e dos obreiros à luz dos escritos da Nova Aliança, assim como o contexto contemporâneo em que o dízimo está inserido. O ensino do dízimo como princípio eterno é claramente demonstrado como carente de qualquer suporte bíblico quando analisado a partir dos episódios em que ele ocorre antes da promulgação da Lei Mosaica. Os dízimos bíblicos da Lei são detalhadamente descritos para que o cristão conheça o fato de que os mesmos nada têm a ver com os dízimos cobrados hoje nas igrejas. As alianças de Deus com os homens são explanadas para que o leitor possa delinear nos escritos bíblicos a doutrina que Deus entregou para aplicação na vida dos cristãos da atualidade, evitando assim o risco de se misturar os ensinos de alianças distintas que são incompatíveis entre si. As recomendações quanto ao sustento da obra de Deus e dos obreiros são nitidamente explicitadas com base nos escritos bíblicos da Nova Aliança, que são fundamentados no amor a Deus e ao próximo.

João Bosco Costa Vieira é Bacharel em Teologia pelo Instituto Superior de Teologia Aplicada – INTA. Especialista em Direito do Consumidor e Responsabilidade Civil bem como em Direito Processual Civil. Casado com Sônia e pai de Nathalia, Adalberto e Amanda Amy. O autor é Oficial de Justiça Avaliador do Tribunal de Justiça do Ceará.

perse